Diário de Lisboa

BOM TEMPO

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1972 — N.º 17833 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

VIETNAME
mais perto da paz

KISSINGER PROSSEGUE EM MISSÃO SECRETA

O conselheiro presidencial norte-americano Henry Kissinger efectuou ontem em Paris outra série de conversações secretas com representantes norte-vietnamitas, a fim de encontrar maneira de acabar com a guerra no Vietname. O conselheiro de Nixon, que seguiu depois para a Suiça, poderá regressar ainda hoje à capital francesa, para nova série de conversações secretas, que se estão a realizar agora quase de quinzena a quinzena.

O reatamento das conversações verificou-se na mesma altura em que o antigo ministro da Justiça Ramsey Clark voltou a Washington, com relatos em primeira mão dos efeitos dos bombardeamentos americanos no Vietname do Norte, que classificou de «desumanos e para além de qualquer descrição». (R./«DL»).

RESUMO

1) A vida privada dos cidadãos será protegida através de novo diploma, logo que a Assembleia Nacional aprove uma proposta de lei que o ministro da Justiça acaba de enviar à Câmara Corporativa e que pretende incentivar a luta contra todos os meios habitualmente usados para devassar a vida alheia, desde as chamadas telefónicas anónimas aos novos processos baseados na cibernética; 2) **A queda de um avião das linhas aéreas alemãs orientais, com 156 pessoas a bordo, constituiu ontem o pior desastre da aeronáutica civil com um só aparelho;** 3) Malogrou-se hoje a nona transplantação cardíaca tentada pelo professor Christian Barnard, na Cidade do Cabo, tendo o paciente sucumbido algumas horas depois de ter começado a operação; 4) **Foi descoberta num campo de internamento, na Irlanda do Norte, uma tentativa de fuga de detidos através de um túnel de trinta metros de comprimento, com saída a escassa distância do arame farpado que rodeia o campo, perto de Belfast.**

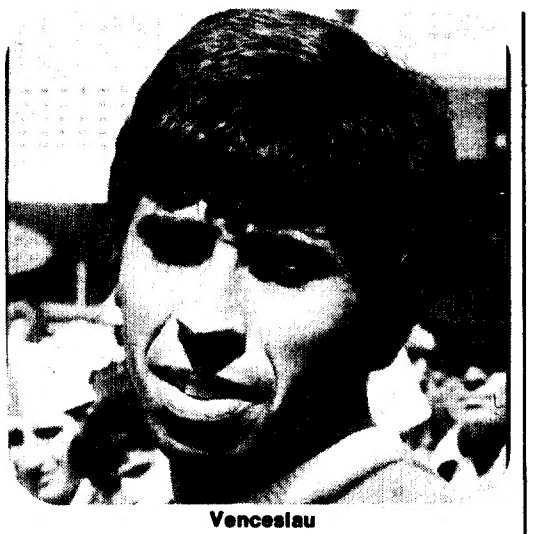
HOJE: 28 PÁGINAS

Agostinho na expectativa

Agostinho mantém-se na expectativa: o primeiro milho é dos pardais

VENCESLAU
é o novo guia

. Desde ontem à tarde, Venceslau Fernandes, do Benfica, é o novo guia da Volta a Portugal em Bicicleta, pois a fuga vitoriosa nos derradeiros quilómetros da caminhada para Pedras Salgadas, valeu-lhe um avanço de cinco segundos na geral. Mas a uma dezena de segundos, Agostinho espreita o momento de atacar. Até lá, o campeão nacional comanda tranquilamente as operações, certamente a pensar que o primeiro milho é dos pardais. Hoje à tarde (com a chegada prevista para as 19 e 06) disputa-se a etapa para Seia, num traçado longo e eriçado de dificuldades, aguardando-se o primeiro ataque em forma da equipa do Sporting.(Reportagem de Neves de Sousa em «Desportos»).



Venceslau

Waldheim deixa Pequim

A foto oficial de um dos encontros de Waldheim com Chou En-Lai

O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, deixou Pequim esta manhã, depois de uma dezena de horas de conversações com os dirigentes chineses, em especial com o primeiro-ministro Chou En-lai. A visita, que durou cinco dias, permitiu a Waldheim esclarecer as concepções chinesas sobre o papel das Nações Unidas quanto ao uso do seu direito de veto no Conselho de Segurança. No conjunto, a visita foi mais discreta do que a que o secretário-geral fez recentemente a Moscovo. Waldheim só fez declarações públicas durante o banquete oferecido em sua honra pelo ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Chi Peng-fei. A agência «Nova China» referiu-se aos encontros de Waldheim com Chou e Peng-fei, mas, contràriamente ao uso estabelecido, não mencionou a «atmosfera» que rodeou as conversações. (UPI/Telimprensa/«DL»).

TELEX/DL

QUEM VAI RECEBER ASIÁTICOS DO UGANDA?

LONDRES, 15 — O Governo Britânico está a assentar os planos de emergência para fazer face ao esperado influxo dos 55 mil asiáticos abrangidos pela ordem de expulsão do Uganda, dada pelo presidente Idi Amin.

Segundo os funcionários governamentais, as medi-

POR
JOSEPH GRIGG
UPI/ANI/DL

das incluem a possível utilização temporária de quarteis e de campos de férias para alojar as dezenas de milhares de recém-chegados.

No entanto, nenhuma das medidas tomadas permite crer que haja pânico.

Além disso, os planos não tomarão carácter definitivo antes de regressar a Londres Geofrey Rippon, o Ministro do Gabinete Britânico encarregado de consultar os Governos da África Oriental e que terminou ontem uma visita de três dias àquela região. Rippon, ao que parece, não obteve êxito quanto aos objectivos que visava.

De facto, contràriamente aos seus planos, Rippon não foi recebido pelos pre-

Continua na pág. 2

DL/GERAL

QUEM VAI RECEBER ASIÁTICOS DO UGANDA

Continuação da pág. 1

sidentes do Uganda, do Quenia e da Tanzânia, que o informaram de que estavam «muitos ocupados».

O único alto funcionário governamental com que o ministro britânico se avistou foi o chefe do Governo rodesiano, Raxidi Kawawa.

Rippon foi enviado na sexta-feira á África Oriental pelo primeiro-ministro Edward Heath, depois de Amin ter anunciado que todos os asiáticos residentes no Uganda que não tivessem passaporte ugandes teriam de abandonar o país dentro de noventa dias.

Os afectados por esta decisão incluem não só os que possuem passaportes da India, do Paquistão e do Bangla-Desh, como ainda os detentores de passaporte britânico.

Amin calculou o número em oitenta mil. Funcionários britânicos afirmam, porém, que ele é de 55 mil, com mais cinquenta mil no Quenia e vinte mil na Tanzânia. Todos eles optaram pela nacionalidade britânica na altura em que aos três países da África Oriental foi dada a independência há dez anos.

Agora o Governo britânico, ao que se afirma, considera a hipótese de expôr a situação dos asiáticos ugandeses ás Nações Unidas ou de propôr a convocação de uma conferência cimeira da comunidade, para se estudarem as medidas de emergência a tomar.

«Actualmente estão a ser considerados vários tipos de acção diplomática, tanto vilateral como multilateral, mas é ainda muito cedo para se determinar qual o caminho que será tomado pois continuam em aberto muitas opções» — afirma um funcionário governamental.

«Nesta conjuntura difícil, o Governo britânico pretende debater com as autoridades ugandesas os verdadeiros problemas que existem.»

Entretanto, afirma-se que a Inglaterra estuda a possibilidade de retirar ao Uganda o auxílio económico anual, no valor de 4,5 milhões de libras, bem como uma missão militar britânica e de 1.050 professores e técnicos, que actualmente ajudam a economia ugandesa. No entanto, há o risco de os ugandeses exercerem represálias contra os sete mil ingleses que vivem na Uganda.

O Governo britânico contínua por outro lado, gravemente apreensivo com o problema de alojar e arranjar emprego para os 55 mil asiáticos, na maior parte sem disporem de fundos.

Várias cidades britânicas, que contem já elevados contigentes de imigrantes de cor, anunciaram que não podem absorver os asiáticos que venham a chegar do Uganda.

ROSA FAZ ANOS E GANHA FESTA

Esta noite houve festa, risos e música num dos **stands** da Feira de Artesanato da Costa do Sol, em Cascais: Rosa Ramalho, a **Ti Rosa Galega**, a mais famosa artesã de Portugal, junto às suas cabras de três cornos, diabos com corpo de mulher, anjos e santos — os bonecos que sua imaginação surrealista vem criando desde que ela era miuda — comemorou 84 anos de vida.

Ela, que não havia dito nada a ninguém, no início estranhou as manifestações de carinho de que era alvo. Depois, com os seus olhos, pequeninos e vivos, o rosto enrugado e a voz embargada pela emoção, aceittou as homenagens, retribiundo com frases carinhosas, os votos e abraços que recebia.

Por volta das onze horas da noite, já completamente à vontade, Rosa pareceu afastar-se das homenagens. Olhou à sua volta e, quase que de repente, exclamou:

— **Meu Deus, quantas flores!**

As flores, de facto, eram muitas. Chegaram sem parar desde o começo da tarde. Só que Rosa, dando-se inteira às homenagens, não havia prestado atenção a elas, descobrindo-as agora, no meio da noite, já quase murchas:

— **Estou muito feliz. Já recebi sete convites para jantar. Sinto que a gente gosta de mim, mas não vou aceitar nenhum. Assim não vou magoar ninguém e, depois, para dizer a verdade, estou de dieta, quase não como.**

Rosa dá uma risada. Seu corpo é pequeno, curvado. Suas mãos, pelo contrário, são fortes, se bem que enrugadas. De suas orelhas pendem duas argolas de ouro, quase encobertas pelo negro lenço que usa na cabeça, sinal de viuvez.

— **Meu homem morreu há 17 anos. Sinto muito a falta dele, mas, para compensá-la ainda vivem três dos oito filhos que tivemos e mais 28 netos, sem contar os bisnetos. Por isso não posso dizer que sou uma pessoa só.**

Iniciada as confidências, Rosa fala de sua vida:

— **Nasci por volta da meia-noite. Desde então sou uma mulher de luta, capaz de ganhar uma guerra. Vivo do barro e para o barro. Gosto de ver meus bonecos nascer e, muitas vezes, de madrugada, levanto-me para ver os anjos e demónios que criei durante o dia.**

Rosa nasceu e vive em São Martinho de Galegos, perto de Barcelos. Antes de chegar à sua casa, uma das poucas da aldeia, existe uma placa com o seu nome, na auto-estrada.

Seu dia de trabalho começa sempre antes do sol nascer e nunca termina antes das onze da noite. Sempre foi assim e ela não se queixa disso. Diz que gosta muito do barro, de trabalhar:

— **Quando estou trabalhando, criando meus bonecos, esqueço-me de tudo. Se um dia me tirarem o barro, morro de certeza..**

— Rosa, qual seria o seu melhor presente de aniversário?

Diante da pergunta, Rosa fica pensativa. Depois, marcando nos dedos, formula seus pedidos, dois apenas:

— **Este ano, em Janeiro, tive de pagar um conto e quatrocentos à Câmara, para trabalhar. Até chorei porque não posso compreender que a gente tenha que pagar tanto apenas para trabalhar. Portanto: não pagar para trabalhar é meu primeiro pedido.**

Rosa fica em silêncio. Pergunto-lhe se este é o seu único pedido e ela diz não com a cabeça. O outro, diz ela, faz para seus santos de barro:

— **De vez em quando vou também a Fátima, ao São Bento da Porta Aberta ou a Santiago de Campostela. Se os santinhos pedirem por mim ao Senhor, sempre serão mais ouvidos que eu.**

Rosa falou mas não contou o segundo pedido. Insisto, quero saber o que ela pede a Deus. E ela, com seusolhos miudos, olha interrogando-me:

— **Então não compreendes: peço sempre mais um ano de vida. Um só, para que Deus não me julgue ambiciosa.**

E justifica:

— **É para continuar trabalhando, pois tenho ainda muitos bonecos para fazer.**

Chefe de Secretaria

Para o Hospital de Ovar, precisa-se, com conhecimentos de Contabilidade e Organização Geral Hospitalar.

Resposta com «corriculum vitae» e vencimento pretendido, a este jornal ao n.º 615

XVI FESTIVAL DE SINTRA

De 8 a 30 de Agosto

Amanhã, 16 **21,45 horas**

CONCERTO SINFÓNICO

Teatro Carlos Manuel — Sintra

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

Direcção: maestro SILVA PEREIRA
Solista: MARIA JOSÉ FALCÃO (violoncelista)

P R O G R A M A

Elegia a Viana da Mota JOLY BRAGA SANTOS (Orquestra)
Concerto da Camera Col Violoncello Obligato LOPES GRAÇA (violoncello e orquestra)
Sinfonia n.º 4, em sol maior, op. 88 DVORAK (Orquestra)

Próximo espectáculo: Dia 19 às 21,45 horas
CONCERTO DE MÚSICA ESPIRITUAL
Igreja de Santa Maria — Sintra
CORO GULBENKIAN — Direcção: PIERRE SALZMANN
Obras de: Carissimi, Manuel Tavares, F. A. de Almeida; Shutz e Bach

Os bilhetes vendem-se na Agência da S. E. I. T., Restauradores, Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra, tel. 981157. No dia do espectáculo, a partir das 20 horas, no local onde este se realize.

Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa - Sintra ou Queluz, com partidas de camionetas do Marquês de Pombal.

HOSPITAL DE SANTA MARIA

ABERTURA DE CURSOS TÉCNICOS NO CENTRO DE PREPARAÇÃO DE TÉCNICOS E AUXILIARES DOS SERVIÇOS CLÍNICOS DO HOSPITAL DE SANTA MARIA

(2.º grupo da Portaria n.º 18523)

— Preparadcres de análises anátomo-patológicas
— Preparadores de análises clínicas
— Técnicos de cardiologia
— Técnicos de radiologia
— Dietistas

(1.º grupo da Portaria n.º 18523)

— Auxiliares de cardiologia
— Auxiliares de laboratório de análises clínicas

Entre os dias 1 e 20 de Setembro, estão abertas inscrições para os cursos em epígrafe.

Para os cursos do 2.º grupo é exigido o 2.º ciclo liceal ou equivalente ou o curso de auxiliar do mesmo ramo e cinco anos de serviço.

Duração — 1 ano escolar seguido de 3 meses de estágio.

Para os cursos do 1.º grupo é exigido apenas o 2.º grau de instrução primária.

Duração — 6 meses, seguidos de 3 meses de estágio.

Em relação aos cursos do 2.º grupo, poderão ser concedidas bolsas de estudo, conforme regulamento aprovado por despacho ministerial de 15.5.67.

Quaisquer informações complementares serão fornecidas pela Secretaria do Hospital de Santa Maria.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 10 de Agosto de 1972.

O Chefe da Secretaria,

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Algoz, concelho de Silves, de uma linha aérea a 30 kV com 266m, do apoio n.º 5 da linha para o posto de transformação da Cerâmica Central de Algoz, ao posto de transformação da «Soalgoz».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na Repartição de Licenciamen- referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

to, em 9 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

INCÊNDIO NUMA FÁBRICA DE PAPEL

Esta madrugada registou-se um incêndio num dos armazéns da fábrica de papel de Valbom, em S. Julião do Tojal (Zambujal). Arderam várias toneladas de papel e uma camioneta carregada, que se encontrava estacionada junto daquela dependência, não se sabendo ainda a dimensão exacta dos prejuízos.

A combater o sinistro, que se prolongou até às 8 horas cujas causas se desconhecem, compareceram no local as corporações de bombeiros voluntários de Loures, Fanhões, Zambujal e Bucelas.

DR. MANUEL GOMES DE ALMEIDA

FALECEU

Sua esposa, filhos, genro, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar às pessoas das suas relações e amizade o triste desenlace e participam que o seu funeral se realizou hoje, 3.ª feira, pelas 18,30 horas, saindo da sua residência à Rua 8 n.º 67 (Casa de Saude de Espinho), Espinho, para o cemitério local.

D. Maria das Neves Afonso Gomes de Almeida, D. Maria Manuela Gomes de Almeida Pinho, Dr. José Manuel Afonso Gomes de Almeida, Dr. Daniel Gomes de Pinho, Teresa Isabel Gomes de Almeida Pinho, Manuel António Gomes de Almeida Pinho e D. Maria Rosalina Gomes de Almeida.

DL

Opinião

A INFLAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO

. Diàriamente, desde há alguns meses, temos tentado exercer aqui, dentro dos limites que o inevitável melindre imediatamente estava demarcando, uma acção orientada para o exame quase exclusivo dos factos da vida portuguesa, ao sabor da sua sucessão e incidência circunstancial. Não se dirá que alguma vez nos animaram intuitos de mera crítica negativista, mas sem dúvida o balanço destas opiniões se apresenta muito mais carregado do lado das sombras do que do lado das claridades. Contra um optimismo de encomenda que procura confundir-se com o patriotismo, sempre afirmámos que não vivíamos no melhor dos tempos e que, pelo contrário, raramente os havíamos tido tão difíceis.

Ora, algumas declarações feitas por ocasião da recente remodelação ministerial (muito menos ampla do que a previam e anunciavam os círculos geralmente bem informados...) vieram pôr mais a claro, com uma franqueza forçada pelas realidades, certas incongruências da actual situação do País. E não é por simples coincidência que o sector ministerial efectivamente modificado de alto a baixo tenha sido o da economia e das finanças. O mínimo que uma modificação tão drástica pode significar (pois decerto não esteve em causa a capacidade de trabalho e a competência da equipa anterior),, é que se pretende orientar diferentemente toda a política económica e financeira do País: em geral, não são os homens novos que fazem as novas políticas, estas é que tornam inadequados os métodos e os homens...

Quando o novo ministro das Finanças e da Economia declara «que neste momento se torna particularmente delicado assumir, tanto no domínio da política económica, como na política financeira, compromissos de qualquer natureza», torna flagrante, numa fórmula de expressão quase paralisadora, a gravidade da situação nacional. E quando imediatamente a seguir alude a esta época de «exigências contraditórias» torna igualmente visível o beco sem saída aparente a que havíamos chegado no domínio do desenvolvimento: «À necessidade urgente de acelerar a expansão económica do País contrapõe-se a necessidade **ainda mais urgente** (sublinhado nosso) de dominar uma inflação susceptível de, se não tomarmos as medidas adequadas, assumir figura e proporção sèriamente preocupantes».

Para usarmos as palavras do próprio ministro, temos um «nó górdio» para cortar: «Deter a inflação, na sequência das medidas preliminares que se tomaram já, sem, apesar disso, interromper ou atenuar, ao menos de forma sensível, a curva de crescimento em que, de acordo com os planos traçados a nossa economia deve evoluir». E aqui, somos colocados perante esta nova admissão: a das dificuldades que nos esperam para atingirmos as generosas taxas de crescimento que outro membro do Governo ainda não há muitos dias considerou perfeitamente ao nosso alcance, empregando termos em que o mais aberto optimismo se aliou às fórmulas da mais aparente objectividade.

Não é grato e tem seus riscos o papel de pitonisa. Prever o futuro, se tiver de ser algo mais que um devaneio gratuito devinatório, exige conhecimento profundo do presente. Ora, esse conhecimento, embora muito longe ainda da profundidade desejável, tem vindo a ser facultado aos poucos, em doses sucessivamente ampliadas, mas já vai sendo difícil, por isso mesmo, fechar os olhos à realidade nada benévola que nos rodeia. Contudo, bastará remodelar um sector do Governo para resolver problemas tais? Será tudo questão de trocar técnicos por políticos ou políticos por técnicos? Ou não será antes todo o País que está em causa e como tal com o direito e o dever de empenhar-se (todo) na sua própria vida?

NORMAN ASHCRAFT **Exclusivo "NEWSDAY"/DL**

A FAMÍLIA NUCLEAR

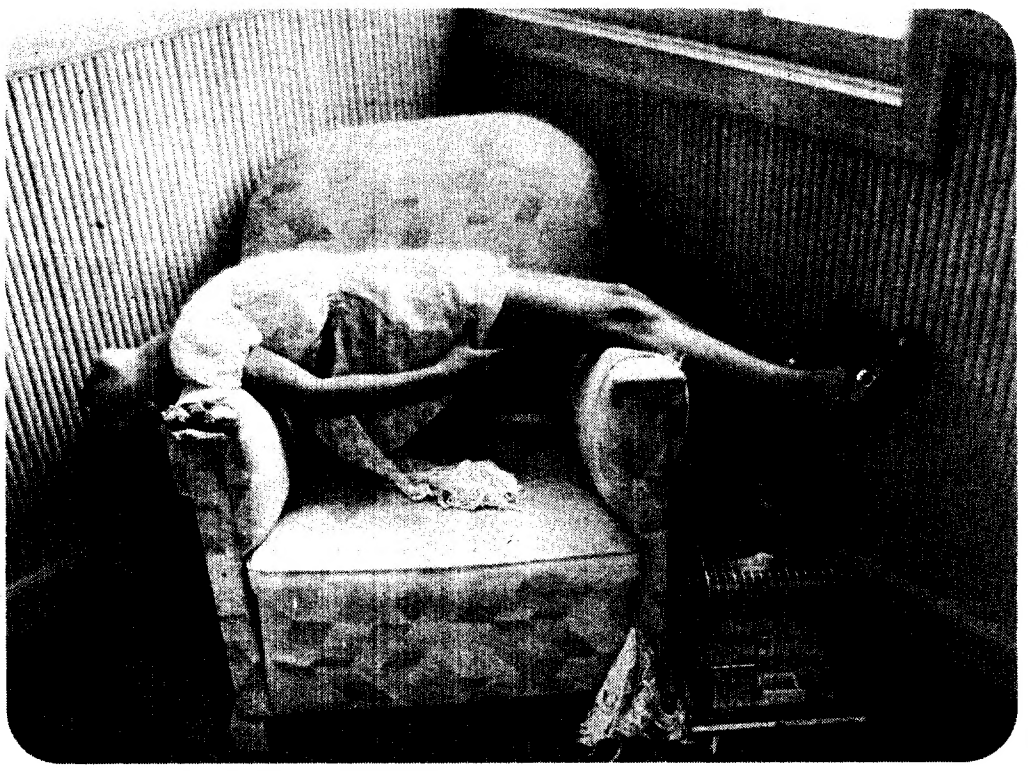


Foto de Luis Fontes

Hoje em dia, na América, toda uma nova classe de profissionais e paraprofissionais emergiu do êxodo das cidades para os subúrbios que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. São os «reparadores da família» — advogados, consultores conjugais, psiquiatras e mesmo funcionários escolares que assumiram a responsabilidade de tentarem curar famílias «doentes».

Os psiquiatras designam a «família normal» por um termo técnico, a «família nuclear», essa unidade supostamente muito ligada de pai, mãe e filhos. Para o reparador da família, a família nuclear harmoniosa é a única maneira de viver — particularmente nos subúrbios.

Estou no meu direito de não concordar neste ponto com os chamados especialistas, pois penso que a família nuclear suburbana, mesmo nas melhores circunstâncias, não proporciona uma vida saudável ou feliz.

Vejamos, por exemplo, a família Smith que, na costa norte de Long Island, Nova Iorque, possui uma casa cujo preço oscila entre os 45.000 e os 55.000 dólares. Têm três filhos — Gail, 17, Bob, 15 e Karen, 9, os quais são bem comportados, ajudando, por vezes, na lide caseira. Passam demasiado tempo com outros jovens mas, para os seus pais, John e Harriet Smith, os filhos são perfeitos.

John trabalha na cidade de Nova Iorque e tem de viajar diàriamente entre o lar e o escritório durante mais de uma hora.

Não toma o pequeno almoço com a família e, regra geral, chega a casa tão tarde que apenas Harriet lhe faz companhia ao jantar. Como é natural, esta chega também frequentemente tarde a casa porque tem um emprego para «ajudar». Desde que compraram a nova casa, o seu orçamento não voltou a ser o mesmo.

Harriet gosta do emprego. Estava cansada da lide caseira e dos problemas com os filhos, e as dificuldades financeiras proporcionaram-lhe uma desculpa conveniente para sair de casa. Acha que o trabalho — mas não o trabalho caseiro — tem um significado. Sente-se satisfeita com o facto de, pela primeira vez, outros homens a considerarem uma mulher e não a mãe de três filhos. Dentro da sua vida de casada, experimenta uma sensação de independência pessoal.

John gosta igualmente do seu emprego. Consegue manter aí o seu respeito próprio melhor do que em qualquer outra parte. O trabalho é claramente definido e a recompensa tão imediata como o próximo salário.

Em casa, é difícil saber o que se está a passar. Gail e Bob parecem permanentemente aborrecidos, e John verifica que é cada vez mais difícil comunicar com eles.

A jovem Karen passa muito tempo com os amigos do outro lado da rua. Efectivamente, todas as crianças do bairro estão habituadas a ver os pais geralmente nos fins de semana.

John sente que algo está errado, mas não consegue pôr o dedo no problema. A princípio, dissimulava a sua frustração vendo televisão. Agora isso tornou-se um hábito — dá-lhe solidão em casa. Harriet preocupa-se igualmente com o facto de a família não estar a «comunicar». Porém, tal como John não sabe o que fazer porque tão-pouco sabe o que está errado.

Haverá de facto algo errado? As situações de perigo mais evidentes não se verificam. Não se trata de uma família despedaçada pelo divórcio. Os filhos não tomam drogas — isolaram-se simplesmente e sentem-se aborrecidos e parte de uma rotina. John, Harriet e os filhos estão a tentar encontrar uma razão de ser fora de casa. Os Smiths não são atípicos.

O autor é professor de antropologia na Universidade Adelphia, de Nova Iorque, tendo feito conferências nos Estados Unidos no Canadá sobre a estrutura familiar.

Na falta da estreita interacção que resulta de uma associação regular e íntima com outros parentes, a família nuclear volta-se para dentro a fim de encontrar satisfação emocional. Esta unidade, porém, é pequena, isolada e frágil. Reage demasiadamente depressa às forças da sociedade mais vasta que atrai os membros da família para fora e perturbam a estabilidade de que as crianças e os adultos necessitam. Ocupações, carreira, escola, amigos, valores e moral, e todos os géneros de instituições sociais, colidem com a família. Abalado por estas intrusões, o lar suburbano torna-se pouco mais do que um lugar para dormir.

John e Harriet fazem parte de uma nova estrutura familiar baseada no sistema incorporado da organização. Há quem afirme que a família nuclear se perdeu neste mundo incorporado. Será que qualquer forma familiar — o próprio casamento, qualquer desempenho do papel de pais — está em disputa com a existência incorporada? Os subúrbios agravaram a contradição sociológica.

O papel tradicional de John de marido e pai tornou-se obsoleto, na medida em que ele é mais parte da empresa do que da família. Para os pais de John, um emprego era um emprego. Para John, a empresa é um modo de vida, e não apenas um emprego. John pode tirar os sapatos em frente da televisão, mas não pode libertar-se da atmosfera incorporada do escritório.

O resultado da presença incorporada nas famílias é evidente. Há, por exemplo, a taxa cada vez mais elevada de divórcios nos subúrbios.

Uma das maneiras de explicar este fenómeno é considerar as pressões que o sistema exerce sobre o delicado maquinismo de um casamento — um casamento que, dadas as «habitações de uma única família» e as 10/12 horas de separação diária dos esposos, dificilmente sobreviveria se não fossem os filhos. Suspeito de que a contribuição cada vez maior exigida pela empresa em tempo e energia torna o divórcio quase inevitável em muitos casos.

Nos subúrbios da classe média, a condição social encontra-se tão intimamente ligada à prosperidade financeira de uma família que, quando o pai e/ou a sua empresa estão em dificuldades, é provável que se verifiquem algumas feridas sociais no lar ou na vizinhança.

Um subproduto da diminuição da importância do trabalhador do sexo masculino foram as mulheres casadas no mercado do trabalho. Para dizer a verdade, algumas mulheres desejam esse dinheiro extra para que a família possa adquirir uma casa, um carro um barco maiores, ou (após todos estes anos) uma casa de verão. Na maioria dos casos, julga-se que as mulheres procuram empregos porque o salário dos maridos não chega para fazer face ao custo da vida.

Temos agora o homem que se dá todo à empresa, sem poder ainda satisfazer as exigências económicas da família, pelo que a mulher trabalha para ajudar. Ràpidamente, a importância do pai começa a ceder, o mesmo acontecendo à superestrutura da família nuclear. Harriet Smith gosta da sua liberdade particularmente desde que foi conquistada em nome do bem-estar material da família. Entretanto, John acabou por sentir-se menos necessário.

Mais cedo ou mais tarde, as tensões entre o homem incorporado e a mulher, recentemente empregada, poderão transformar-se numa variedade reconhecível de dificuldade conjugal.

Como é natural, as dificuldades entre mãe e pai nem sempre conduzem ao divórcio. Muitas vezes, essa eventualidade é posta de lado porque ambas as partes estão «a pensar nos filhos». Estes, porém, poderão sentir que à sua volta se acumulam graves problemas e afastarem-se mais uma vez.

Vêm então os especialistas, as pessoas que fazem das dificuldades conjugais a sua ocupação — médicos, consultores conjugais, homens da Igreja. Até mesmo as escolas empregam hoje em dia consultores de orientação, psicólogos de adolescentes, consultores conjugais e assistentes sociais.

Uma outra indicação do dilema é a boa vontade em submeter as angústias da família nuclear à meditação do psiquiatra. A resposta dos psiquiatras ao problema é o marido e a mulher trabalharem mais eficazmente dentro do sistema — dentro das fronteiras — esse mesmo sistema da família nuclear que originou a dificuldade.

Por que razão os filhos dos Smiths estão contìnuamente à procura de relações significativas noutros sítios? Por que razão Harriet acha que a estenografia lhe proporciona maior satisfação do que cozinhar caril de camarão para um homem que não o chega a provar, porque tem mais em que pensar? É o que John possa ganhar na sua busca de engrandecimento pessoal, perde em termos desse sentimento de estabilidade e continuidade que apenas uma família maior pode proporcionar.

Ao proceder assim, estamos a ensinar os nossos filhos a viverem da mesma maneira. Muitos de nós instilamos nos nossos filhos, desde o momento em que nascem, o valor de estabelecerem as suas próprias famílias.

Raramente damos aos nossos filhos a oportunidade de estruturarem a sua própria existência, sonharem os seus próprios sonhos, voarem nas asas das suas próprias — e legítimas fantasias. A infância não é infância tanto quanto é a sua construção pelo mundo adulto. Em seu lugar, construímos imagens adultas da infância e forçamos as crianças a aceitarem esse padrão. Nos Estados Unidos, o «teenager» debate-se entre o invejar o mundo adulto como um fruto fora do seu alcance e o desejo de uma infância que nunca teve.

Devemos deixar de excluir

Continua na pág. 8

DL/REGIONAL

PORTO

A REABERTURA AO CULTO DA CAPELA DOS ALFAIATES

Foi reaberta ao culto, há doze anos, que amanhã se completam, a Capela dos Alfaiates, situada no ângulo da Rua do Sol e da Rua de São Luís.

Para celebrar o facto e festejar também, Nossa Senhora de Agosto, decorreram hoje diversas solenidades religiosas, a presença de individualidades ligadas a diocese do Porto, ao Grémio dos Industriais de Alfaiataria e ao respectivo sindicato.

AS FESTAS NO CAMPO LINDO

Amanhã, decorrem as tradicionais Festas da Senhora da Saúde, no Campo Lindo, que se tornam notadas pelo seu tradicional pitoresco, atraindo numerosos visitantes nortenhos.

Além das características diversões, haverá inovações de cunho original, que suscitam invulgar interesse.

O programa religioso inclui duas missas, a primeira às 9 horas e a segunda, com sermão, à 11, além das outras cerimónias.

MERCADO DE PEIXE

Oito arrastões descarregaram na lota da pesca de arrasto em Matosinhos 1221 caixas de pescado, no total de 35 768 quilos.

Consoante os tamanhos, os preços das espécies mais abundantes variaram assim: pescadinha, entre 10$00 e 46$00 (média, 21$34); marmota pequena, branca, 33$57-58$50 (média, 55$20); faneca, 3$50-marmota pequena, branca, 33$57-58$50 (média, 55$20)); faneca, 3$50-13$00 (média, 7$46); chicharro, $55-1$25 (média, $68; carapau, 3$00-8$33 (média, 5$78) sarda, $70-1$42 (média, $89); cartas, 8$00-36$66 (média, 33$10). Média geral: 5$29.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº

NOME

MORADA

IDADE TELEF.

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO - JOGO DO GALO -

APARTADOS 3011 ou 3080

LISBOA

O boletim acima publicado deve ser preenchido com letra bem legível, colado num postal de modelo normal dos C. T. T. e enviado à R. T. P. onde terá de dar entrada até às 0 horas da ante-véspera do dia da emissão. Tanto basta para se ficar habilitado a participar no concurso «Jogo do Galo».

Férias com o DIÁRIO DE LISBOA

FAÇA HOJE MESMO A SUA ASSINATURA

PELO PERIODO DE

10 DIAS	15$00
15 DIAS	22$00
20 DIAS	30$00
30 DIAS	45$00

PAGAMENTO ANTECIPADO POR SELOS, CHEQUES OU VALE DE CORREIO

ESTEJA ONDE ESTIVER, O «DIÁRIO DE LISBOA» ESTARÁ CONSIGO

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

COIMBRA

CONCURSO DE RADIOAMADORES DO MUNDO PORTUGUÊS

Durante o dia 20 (das 0 às 0 horas), decorrerá o concurso denominado «Contest M. P./R. S.» e destinado aos radioamadores do Mundo Português, promovido pela Estação CT 1 RS (Mundo Português-Rainha Santa).

Podem concorrer ùnicamente estações de Portugal Continental, Insular e Ultramarino.

Aos quinze primeiros classificados serão atribuídos prémios diversos. Toda a correspondência deve ser dirigida a Filipino **S.Martins, P.O.Box,210-Coimbra.**

ADMISSÃO ÀS FACULDADES DE MEDICINA E DIREITO

Terminaram os exames de aptidão à primeira matrícula nas Faculdades de Medicina e Direito, com os seguintes resultados:

Faculdade de Medicina — Requereram exame 165 candidatos: faltaram 2, aprovados 156 (dispensados da prova oral 146) e reprovaram 9.

Faculdade de Direito — Requerentes 161: faltaram 5; aprovados 95 (dispensados da prova oral 30); reprovados 61.

CATEDRÁTICOS EM JÚRIS DE EXAMES

Foram nomeados os professores catedráticos drs. José Joaquim Teixeira Ribeiro, da Faculdade de Direito, para fazer parte do júri das provas de doutoramento, pela mesma Faculdade de Lisboa, a prestar pelo dr. Paulo Manuel de Pita e Cunha; e Guilherme Braga da Cruz, também daquela Faculdade coimbrã componente do júri de idênticas provas a prestar pelo dr. Rui Manuel Manuel Corte Real de Albuquerque na referida Faculdade de Lisboa.

CURSO DE FÉRIAS DA FACULDADE DE LETRAS

Terminou a penúltima semana do XLVIII Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas da Faculdade de Letras.

Houve, assim, o seu último passeio de estudo, desta vez à região aveirense, regressando pela Gândara.

Nos lugares de interesse histórico, geográfico, artístico e turístico, fizeram prelecções os srs. profs. drs. Fernandes Martins e reverendo Nogueira Gonçalves.

EXAMES NO CONSERVATÓRIO

Terminaram no Conservatório Regional os exames dos alunos, que, no ano lectivo de 1971-1972, frequentaram aquele estabelecimento de ensino.

Os júris foram presididos pelos professores do Conservatório Nacional, Armando José Fernandes, Evaristo de Campos Coelho e D.Claudina Wilbraham.

No total, foram aprovados 22 alunos: 2.º ano, solfejo, 10; 3.º ano, Composição, 2; Geral de Piano, 3; 2.º, Superior de Composição, 1; 3.º, Superior de Piano, 1; Geral de Violino, 2 e 2.º de Acústica e História da Música, 3.

REGRESSO DE LUANDA

Regressaram a Coimbra os antigos estudantes, entre os quais os que fizeram parte da equipa de futebol que visitou, pela primeira vez, Angola e ali foram por motivo da inauguração das modernas instalações da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Angola.

Hoje, deve chegar o sr. prof. dr. Rogério Soares, vice-reitor da Universidade de Coimbra e alguns componentes da embaixada, que demoraram o seu regresso para passarem mais algumas horas com os seus familiares radicados em Angola.

IMPRENSA PAROQUIAL

Após reunião dos responsáveis pelos boletins paroquiais, acaba de ser aqui criado o Serviço Coordenador da Imprensa Paroquial (S.C.I.P.), cuja finalidade é o enriquecimento da colaboração e a diminuição do custo dos diversos órgãos paroquiais, através da publicação de algumas páginas comuns.

Aderiram à nova organização os seguintes boletins: «Voz das Cinco Vilas», «Luz» (Almagreira, Santiago de Litem, Vila Chã, Redinha e Santiago da Guarda), «O Paionense», «O Simonense», «Os Doze», «Voz de Penela» e «Voz de Pombal» (com a tiragem total de cerca de 12 mil exemplares).

São responsáveis pelas páginas comuns e organização, os revs. António Simões Santo (Chão de Couce), Manuel Ramos (São Tiago da Guarda) e Manuel Duarte Marques (Almagreira) e Valentim Marques.

«VERBENAS» NO TOVIM

Num trecho da Avenida do Tovim tem prosseguido as «verbenas» sempre com grande entusiasmo.

Agora a «verbena» foi especialmente dedicada à cidade, com o título «Noite de Coimbra», em colaboração com os Serviços Municipais de Turismo. Exibiram-se com agrado geral o Rancho de Coimbra, que há muito se não apresentava em público, que acorreu em elevado número e aplaudindo não só aquele «rancho», mas, também, outros números apresentados.

CURSOS DE ENFERMAGEM

A partir de amanhã e até 15 de Setembro, estão abertas as matrículas para os cursos de enfermagem, promovidos pelos Hospitais da Universidade de Coimbra e que decorrerão na Escola de Enfermagem dr. Ângelo da Fonseca.

Quaisquer esclarecimentos podem ser obtidos na secretaria da referida escola ou pelo telefone 22133.

PROVÍNCIA

FARO MELHORAMENTOS NO HOSPITAL

Começaram a funcionar no Hospital Distrital da Misericórdia de Faro o novo Serviço de Urgência e oito quartos particulares e de primeira classe, melhoramentos que muito valorizaram a missão daquele estabelecimento de assistência hospitalar.

Foi construída igualmente, uma escada de acesso aos diversos andares, substituindo as velhas e inseguras escadas de madeira.

Num prazo, que não será muito longo, teremos o moderno Hospital Distrital Para isso, foi a Direcção-Geral das Construções hospitalares autorizada a celebrar contrato para a execução da importante obra, a qual se calcula importará em cerca de 109 mil contos.

Concursos de Pesca

Organizado pelo Clube Imortal de Albufeira, disputar-se-á no dia 20 o III Concurso Internacional de Pesca ao Corrico.

— Promove em Sagres, no dia 27, a Secção de Pesca Desportiva do Portimonense o XVII Concurso Internacional de Pesca de Mar.

ARRUDA DOS VINHOS

Festas de Nossa Senhora da Salvação

Prolongam-se até ao dia 18, as tradicionais festas de Nossa Senhora da Salvação, que estão a decorrer em Arruda dos Vinhos. Do programa constam, além das cerimónias religiosas, arraiais populares, espectáculos musicais e de folclore, corridas fe toiros nocturnas e diurnas, amanhã e no dia 17.

LOULÉ

Fecham «Cafés» abrem bancos

Fechou o «Café Barreiros», que se destina às instalações de um banco, o qual se acrescenta a mais dois novos desses estabeleciamentos de crédito.

Para suprir a falta de «cafés» precisamente quando o desenvolvimento turístico faz aumentar a sua frequência, pensa-se na constituição de uma sociedade para construir o **seu café**, suprindo a falta dos que vão desaparecendo dessa maneira.

Pista de ciclismo

Loulé tem uma nova pista de ciclismo que valorizará a prática local desse desporto e contribuirá para o desenvolvimento de uma modalidade popular no Algarve e de relevo no desporto nacional, além de que aliciará à sua prática mais adeptos e praticantes.

MÉRTOLA

Palacio da Justiça

Vão começar brevemente as obras de construção do Palácio da Justiça de Mértola, importante melhoramento de há muito solicitado e que, valorizando aquela vila, acabará com as precárias condições do edifício onde vêm funcionando os serviços judiciais.

Exposição de Eduardo Plácido

Na sede do Grupo Amigos da Costa, na Caparica, está patente ao público uma exposição de aguarelas do artista Eduardo Plácido, que poderá ser visitada todos os dias, das 13 às 18 e das 21 às 24 horas.

MONFORTE

Festas de Nossa Senhora do Parto

Tiveram início ontem, e prolongam-se até ao dia 17, em Monforte, os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora do Parto, cujo programa inclui, além das cerimónias religiosas, arraiais, bailes e outras diversões.

ESTREMOZ

Aniversário da filarmónica artística

A Sociedade Filarmónica Artística de Estremoz comemorou o seu 101.º aniversário, tendo a respectiva banda percorrido as principais artérias da cidade. Houve uma sessão de cinema dedicada aos sócios e famílias, seguida de merenda, durante a qual usaram da palavra várias pessoas, que salientaram a actividade daquela colectividade.

FESTAS DO BARRETE PRETO

A segunda largada de toiros das Festas do Barrete Preto, que terminou hoje, realizou-se na Malveira com a presença de alguns milhares de pessoas. A festa decorreu no campo da feira, tendo em consequência de uma colhida, sido transportado ao hospital de S. José, com algumas costelas partidas e escoriações no rosto o jovem de 16 anos, António Manuel Coelho dos Santos, natural de Jerumelo.

EL-REI SELEUCO, ESSA ARMADILHA RIDÍCULA...

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

A verdade. A verdade é que a **Telegaleria** é uma rubrica a ver com a maior atenção. Importa discutir se o horário que lhe destinavam é o melhor para ir ao encontro do maior número de pessoas a conquistar para o conhecimento da arte como primeiro passo para a amar e a defender.

A quem chega esta galeria, quando nos aparece às onze horas da noite? Chega, quando muito, àqueles que já estão motivados, àqueles que são capazes já de fazer sacrifícios de repouso e de tempo para a fruição de um prazer. Chega àqueles que não estiveram presentes ao **Jogo do Galo**, àqueles que vão fresquinhos para diante do Televisor. Vão, quer dizer... Vão se tiveram conhecimento da importância da rubrica, coisa que a televisão não se preocupou grandemente, deve acrescentar-se.

Será realmente a esses que importa chamar, primeiramente? A televisão como campainha de alarme da cultura e do interesse pela descoberta do mundo estará certa àquela hora e naquelas condições?

Aqui ficam algumas perguntas. Perguntas, eis aí só o que lhes posso dar hoje. **O Jogo do Galo** carregou-me toneladas de chumbo em cima das pálpebras. Jogo ao ritmo de enterro. Uma hora inteira preenchida com futilidades «culturais» a boiar num espesso molho de El-rei Seleuco. Chegavam ao absurdo de pretender a identidade do Estácio de Fonseca em casa de quem se representou o auto pela primeira vez, e onde. E as relações entre si, e onde. Eas regens, e sei lá que mais.

Ridículo. Somos uns exagerados. Ou se há-de ter Camões ou se há-de pretender maiores doutorices. As maiores e as inúteis. Com a agravante de se considerar discutível a vantagem deste esforço em chamar a atenção do público (leitor potencial) para um aspecto menor da actividade de Luís Vaz. Donde será lícito concluir que não se pretende com isto senão iludir as verdadeiras questões, atirar mais uma pàzada de terra dura sobre a memória viva do poeta...

Farto d'el-rei Seleuco. Farto até aqui. Farto dos Campeonatos da Europa e do mundo ganhos por Portugal no hóquei em patins. Farto de furibilidade e da dureza e da densidade do hidrogénio em relação ao ar e dos bi-sulfuretos de chumbo. Farto das questões, das grandes questões sobre a televisão portuguesa: qual o produtor do «Frente a Frente»? Qual o programa do padre Videira Pires? Quem foi o apresentador na eleição das misses? E assim por diante. Como a querer demonstrar-nos que não falavam ali do rei Seleuco, apenas. Que, com a maior desenvoltura passavam do rei Seleuco da erudição para o rei Momo da ninharia sem remédio.

Fora isto... Bem, fora isto temos... ainda Camões, na voz exaltada de Canto e Castro, que mais uma vez ontem ouvimos: **«Fazei, Senhor, que nunca os admirados / alemães, galos, ítalos, ingleses / possam dizer que são para mandados / mais que para mandar os portugueses»** etc, etc.

Fora isto, temos a porta aberta, de Varatojo, que prossegue a sua reportagem ao **Lar do Comércio**, do Porto. Não há dúvida que se trata de uma instituição digna do maior apreço. Por isso mesmo é que seria de evitar esta reportagem que em nada a favorece aos olhos do público, tão primários são os processos utilizados, tão soda e sem nenhum encanto ela se apresenta ao público telespectador.

No entanto, por reflexo, chegavam até nós apontamentos dramáticos da situação da velhice no nosso país.

LANCASTER PROVOCA ATRITOS

VIENA, — Burt Lancaster correu a pontapé um rapaz que o estava a incomodar durante as filmagens da pelicula "Scorpo", sob a direcção de Michael Winnere, ao lado de Alain Delon. A rodagem deste filme de espionagem tem provocado sucessivos engarrafamentos de trânsito, perante os olhares pouco pacientes dos vienenses e o buzinar impaciente dos automobilistas mais nervosos.

David Epstein e a Costa do Sol

. Encontra-se na Costa do Sol o conhecido maestro e compositor David Epstein que pela segunda vez vem ao nosso País a fim de leccionar, juntamente com a professora Helena Costa, no Curso Mozart dos XI Cursos Musicais Internacionais de Férias, promovidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol. O Curso começa em 16 de Agosto e termina a 2 de Setembro.

Epstein estudou com George Szell, que era o chefe da Orquestra de Cleveland e também com Max Rudolf, com igual função na Orquestra Sinfónica de Cincinatti e director da Opera de New York. E actualmente professor no Massachusetts Institut of Technology.

No ano findo permaneceu no nosso País até Outubro a fim de trabalhar na composição para um quarteto. Seguidamente fez em Israel algumas conferências, e depois permaneceu em Londres para acabar um livro sobre a estrutura musical.

Em declaração que fez à chegada, o Prof. David Epstein situa os Cursos da Costa do Sol entre os mais importantes da Europa. Reconhece que se trata de uma iniciativa que muito prestigia o nosso País e merece o caloroso apoio das entidades oficiais e privadas que se interessam pela cultura musical.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Alberto Simões Carvalho, Cantina da Estação dos Caminhos de Ferro de SETÚBAL

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Beato. PORTO-ALTO

CARROS USADOS
EXPOSIÇÃO DAS 9 ÀS 24 HORAS
ATÉ 15 DE SETEMBRO
CONDIÇÕES ESPECIAIS COM OFERTA DE EXTRAS NA
AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, S.A.R.L.
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C e 8-D (ao Areeiro)
Tels. 718607 - 727654 - 727665 - 713057
AGENTE OFICIAL VOLKSWAGEN

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

AGUARDENTE VELHA Niepoort a prova está na prova

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
« GANDA » a sair em 24 de Agosto	Vindo dos portos do Mediterrâneo e com escala prévia por Leixões, para S. TOMÉ, LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇÂMEDES (*), CIDADE DO CABO, DURBAN, LOURENÇO MARQUES BEIRA e NACALA. Carrega de 19 a 22 de Agosto.
« UÍGE » a sair em 6 de Setembro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 29 de Agosto a 1 de Setembro.
« IMPÉRIO » a sair em 9 de Setembro às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 30 de Agosto a 3 de Setembro.
« PORTO » a sair em 13 de Setembro	Vindo dos portos do Norte da Europa com escala prévia por Leixões: para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇÂMEDES (*), CIDADE DO CABO, PORT ELIZABETH, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 7 a 11 de Setembro.
« AMBOIM » a sair em 24 de Setembro	Vindo dos portos do Mediterrâneo com escala prévia por Leixões para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇÂMEDES (*), CIDADE DO CABO, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA. Carrega de 18 a 22 de Setembro.
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 26 de Setembro às 16 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 21 a 24 de Setembro.
« LOBITO » a sair em 29 de Setembro	Vindo dos portos do Norte da Europa com escala prévia por Leixões para: S. TOMÉ, LUANDA, PORTO ALEXANDRE (*), MOÇÂMEDES, LOBITO, NOVO REDONDO (*) e PORTO AMBOIM. Carrega de 25 a 28 de Setembro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 24 de Agosto, 25 de Setembro, 26 de Outubro e 26 de Novembro, às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

(*) SE NECESSÁRIO.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8 ★ PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

A COLUMBIA FILMES apresenta um filme

GRUPO C/14 Anos

Abandonado a si próprio... lutando contra uma natureza agreste... não queria deixar que o esquecessem!

RICHARD HARRIS
UM HOMEM NA SOLIDÃO

richard harris em "man in the wilderness" na prod. sanford howard-limbridge e john huston as "captain henry" · arg. de jack de witt · produzido sanford howard real. de richard c. sarafian · panavision® · technicolor®

HOJE às 21,30 estreia no MONUMENTAL

"DL"/ESPECTACULOS

Películas escorrendo sangue

A crítica de

LAURO ANTÓNIO

TÍTULO: **A CASA QUE ESCORRIA SANGUE (The House That Dripped Bood)**
REALIZAÇÃO: Peter Duffell, 1970 (Inglaterra)
INTERPRETES: Christopher Lee, Peter Cushing, Denholm Elliot, Ingrid Pitt, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo.
ESTREIA: Cinema Mundial (11.8.72)

TÍTULO: **PESADELO DE CERA (Nightmare in Wax)**
REALIZAÇÃO: Bud Townsend, 1971 (Itália)
INTERPRETES: Cameron Mitchell, Ann Helm, Scott Brady, Berry Kroeger, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmitalus
ESTREIA: Cinema Politeama (10.8.1972)

Peter Duffel estreia-se no filme de fundo com **A Casa que Escorria Sangue**. Vindo da televisão, Duffel é homem de formação universitária, onde se iniciou como intérprete e encenador teatral e como crítico cinematográfico. Não será, portanto, de estranhar que um dos primeiros planos do seu filme de estreia mostre uma caveira sobre o volume de Lotte Eisner: **O Écran Demoníaco**. Não, será, aliás, também de estranhar que, ao longo da obra, se refiram Drácula e Bram Srocker, Edgar Allan Poe e muitos outros clássicos da literatura fantástica, assim como não constituirá surpresa assistir-se a um evidente gozo à personagem Mastroianni-Fellini do filme **Fellini 8 1/2**. Duffel é homem que sabe o que quer e como quer. O que não quererá dizer que atinja desde já um nível de encenação inesperado. O mesmo será dizer que **The House that Dripped Blood** tem coisas muito interessantes, é mesmo um filme bastante curioso que se recomenda sem restrições, sendo todavia uma obra ainda hesitante, aqui e ali profundamente falhada, mas quase sempre inteligente e intencional.

O esquema é o dos filmes em episódios, esquema que não é, aliás, muito da nossa simpatia. Uma casa inglesa, meio isolada no campo, serve de pretexto para reunir quatro histórias e um epílogo onde se encerra a moralidade do conjunto. E a moralidade é a de que aquela casa apenas reflecte personalidade dos seus habitantes, isto é, não passa de uma casa sem qualquer poder sobrenatural, nem misterioso. Afinal, o que acontece, acontece porque tinha mesmo de acontecer, ali ou noutro local qualquer. Quem define os acontecimentos são os próprios protagonistas e a casa limita-se a tornar mais possível a eclosão das diversas personalidades.

Numa primeira história fala-se de um escritor de contos de terror que se deixa dominar por Dominique, uma personagem de estrangulador por si criada. No episódio seguinte, com Peter Cushing no principal papel, um visitante de um museu de figuras de cera descobre o rosto fascinante de Salomé que lhe recorda a mulher qué outrora amou. A cabeça de Cushing acabará na bandeja de Salomé por ofício de um marido ciumento. O terceiro **sketche**, protagonizado por Christopher Lee, relata-nos um inquietante caso de feitiçaria, com uma criança espetando agulhas e torturando um boneco que prefigura o pai. Finalmente, o último conto revela-nos o poder transmutatório de uma capa de vampiro que transforma em autêntico e genuíno Drácula um actor do velho estilo de Bela Lugosi. Quando o actor filma uma cena de beijo com a **vampa** de serviço, não resiste à sensual mordidela no pescoço, o que leva surpreendida a **star** a interromper a rodagem, gritando: **Seu bruto! Mordeu-me!** Um episódio cheio de boas ideias e de um humor saborosíssimo. Tanto mais que, no epílogo, o inspector da Scotland Yard, que investiga o desaparecimento do actor, acaba vampirizado também por ele.

Como computo geral, não poderemos deixar de referir a qualidade, o interesse e a originalidade de três das quatro histórias, sendo a segunda bastante fraca em relação às outras. A melhor, pela criação de um clima inquietante e perverso é, efectivamente, a terceira e, a mais delirante, a última. Psicanaliticamente a que justificaria uma leitura mais atenta seria a primeira, durante a qual o escritor se transforma na própria criação, sobrepondo-se à realidade. Resumindo, um filme irregular que não deixa de se recomendar, sobretudo aos fãs do **género**.

O mesmo poderemos dizer em relação ao **Pesadelo de Cera**, que Bud Townsend, provável pseudónimo de um qualquer realizador italiano, dirigiu com Cameron Mitchell no protagonista. O filme é de, um modo geral, muito medíocre, mas meia dúzia de sequências e um clima de intenso sadismo bem conseguidos. Salvam-se a historieta simples e inspira-se, como se calcula, no **Museu das Figuras de Cera**: um caracterizador de cinema está para casar com uma actriz, quando o produtor, sabendo das intenções de ambos, se interpõe e, incendiando o rosto do caracterizador, deita a perder os projectos. Daí em diante, o caracterizador só vive para se vingar, abre um museu de máscaras de cera e transporta para aí todos os homens que se vão atravessando na vida da sua antiga noiva, até culminar com a presença do próprio produtor. Mas, a coisa não é tão simples como tudo isso. O caracterizador havia, entretanto, descoberto um líquido que, injectado nas pessoas as imobilizava e por completo as hipnotizava. Esse estratagema de que se serve para colocar no seu museu de figuras de cera os infaustosos rivais.

Quase toda a obra é, como atrás dizemos, muito medíocre e mal concebida. Todas as sequências onde aparece Cameron Mitchell, sobretudo no interior do seu museu, revelam-se, contudo, bastante curiosas, definindo um clima de certa morbidez e de irrecusável sadismo, que culmina com uma bela cena de necrofília. Os fãs do **género** não deverão também perder, muito embora, dois terços do filme lhe revelem uma banalidade quase insustentável. O restante merece talvez o seu sacrifício.

Raínha do Samba vem a Portugal

Esta é Clara Nunes, «Rainha do Samba», que, à semelhança do que acontece a muitas (e muitos) compatriotas seus, que singram na vida (de futebol e) da canção, se apresta para vir a Portugal. Seu destino: o Casino Estoril. Data: Outubro (por todo o mês). Aspiração: fazer boa figura. Dizem os que a conhecem que isso está fora de dúvida, pois Clara Nunes é êxito garantido. A ver vamos...

DL show

Encontra-se em Portugal o sociólogo de Teatro Richard Démarcy que, em Paris, dirige a revista Travail Théatral, sendo um dos colaboradores da publicação teórica «Tei Quci» Démarcy é casado com a actriz Teresa Mota e encontra-se em Portugal a passar férias.

★

Maria Emília Correia, a mais recente «aquisição» da Comuna, já está perfeitamente adaptada ao seu novo ambiente, segundo nos foi dado ver num dos ensaios do grupo.

★

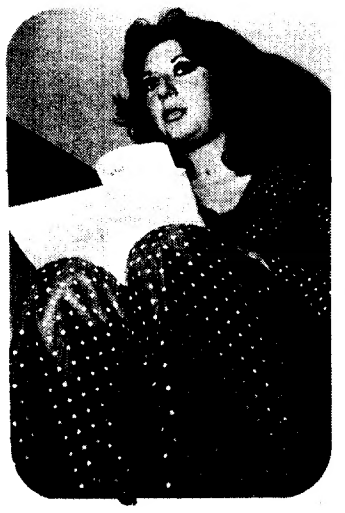
Chama-se «Sua Excelência o Pelintra» a peça que está em ensaios no Teatro Villaret e que tem José Viana como protagonista. Não há, ainda, data marcada para a estreia.

★

O êxito da revista «Prá Frente Lisboa» não permite, por enquanto calcular a data de saída de cartaz do espectáculo.

★

O auto popular «Os infantes de Lara» vai ser representado amanhã (15) em Bragança, como é de tradição.

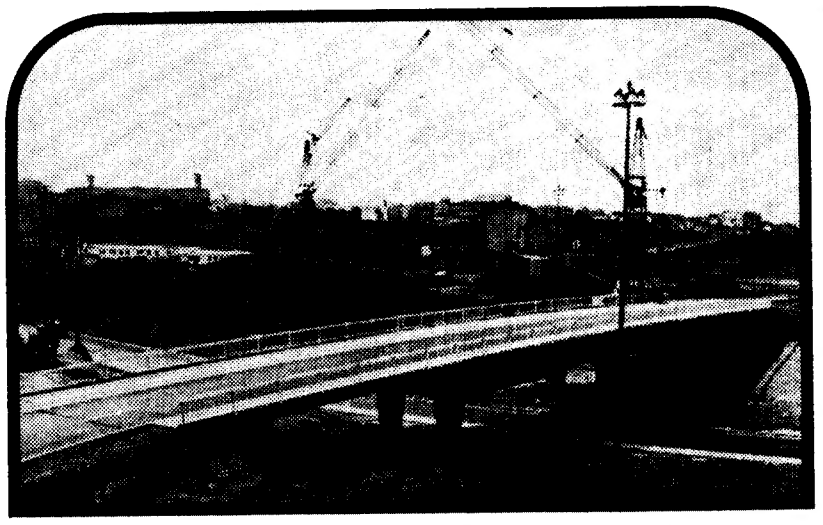


Maria Emília Correia, a mais recente «aquisição» da Comuna

O «espada» português Ricardo Chibanga salvou a corrida de domingo, em Torremolinos, triunfando com o corte do único troféu concedido.

No seu primeiro, houve petição de orelha e «bronca» ao presidente por não a conceder. No quinto da tarde, cortou uma orelha, com petição de outra, e duas voltas.

Com toiros desiguais de António de La Cova, o espada português alternou com Andrés Torres «El Monaguillo» (Palmas-ovação) e José Tomas (assobios-dois avisos e assobios).



VIADUTO SOBRE A AV. COLUMBANO B. PINHEIRO

PARA A FIRMA **TOMÁS DE OLIVEIRA**
EMPREITEIRO
SOMAPRE
EXECUTOU PRÉ-ESFORÇO
SISTEMA
DYWIDAG

SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE SOMAPRE

A
FEIRA POPULAR de LISBOA
A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
Ponto obrigatório de qualquer roteiro de férias
É espectáculo para todas as idades e para todos os gostos e
Oferece diàriamente magníficos prémios
No passatempo desportivo
A VOLTA VISTA DA FEIRA
a votação de hoje é para a
Etapa Pedras Salgadas — Seia
PRÉMIO: Um categorizado relógio
TIMEX
O relogio mais vendido no Mundo
Sorteio Climax
Um magnífico colchão CLIMAX
OFERTA DA
Climax Portuguesa — Equipamentos e Mobiliário de Conforto, SARL
2$50 — O BILHETE DE ENTRADA — 2$50
A FEIRA ABRE ÀS 15 HORAS

DISCOS/ CINEMA/ MUSICA — DL/ESPECTÁCULOS

JETHRO TULL: UMA LIÇÃO DE UNIDADE

Crítica de discos de JOSÉ JORGE LETRIA

. Visivelmente preocupado com a «ocidentalidade» da música «rock» britânica o agrupamento «Jethro Tull» é, sem dúvida, uma das formações mais importantes que conhecimento neste momento.

Depois da fase de «Stand Up» que já punha em evidência as qualidades individuais e colectivas do elemento do grupo, «Jethro Tull» manteve-se durante algum tempo em silêncio. Um silêncio destinado à revisão e à reformulação de processos. A música do grupo já era, entretanto, bastante sólida e bem construída.

Surgiu, então, no mercado, «A aqualung», um album de caracteristicas muito especiais que, de certo modo, prenunciava a actual a orientação musical do grupo. Servido por uma excelente textura verbal, onde eram detectáveis alguns dos problemas «metafisicos» de Ian Anderson, «Aqualung» revelava um «Jethro Tull» muito mais preocupado com a unidade dos temas do que nos trabalhos anteriores.

Assim, neste album, em vez dos breves trechos de «Stand Up», o grupo surgia a desenvolver um tema central minuciosamente exposto por Anderson à flauta e com a voz. Apoiados em sólidas formações musicais os elementos, do grupo sentiam-se com folego para maiores voos. Os títulos «clássicos» que, segundo a ortodoxia não ultrapassam os três minutos e trinta deram em «Aqualung» lugar a peças mais longas onde, as tonalidades do discurso são muito mais nitidas e o fraseado ganha um novo colorido. As formas de escrita musical eram já aqui muito mais amplas e ambiciosas. Os componentes dos «Jethro Tull» sabiam perfeitamente que o «efémero» dos títulos convencionais em nada contribui para o enriquecimento dos temas e para a valorização da pesquisa sonora.

«Thick as A Brick», lançado no mercado alguns meses depois foi a confirmação disso. Aí o grupo continuou a utilizar o mesmo processo: em vez das pequenas peças bem construídas propõe-nos um longo discurso recheado de intervenções apuradissimas.

Funcionando como uma «suite» ininterrupta «Thick» As A Brick» não só reforça o enunciado musical de «Aqualung» como apresenta, retrospectivamente, através de breves «flashes», grande parte das tendências que até agora caracterizaram o percurso (nem sempre regular) do grupo. No tocante ao estilo este trabalho revela um «Jethro Tull» muito mais seguro das suas possibilidades e dos recursos ilimitados da linguagem musical.

Escusado será dizer que em grande parte do trabalho são detectáveis compromissos com a música clássica, menos nas intervenções da flauta de Anderson do que nas soluções harmónicas adaptadas pelos elementos do grupo, colectivo.

«Thick As Brick» vale ainda pela coesão evidenciada a todos os níveis. Do ponto de vista poético não consideramos este trabalho inferior aos anteriores, sendo, porém, de notar, pela parte de Anderson, uma crescente atenção ao «real», coisa que não era tão visivel por exemplo em «Stand Up».

Considerado como um dos maiores «showmen» da música «rock», pelo clima quase demencial que estabelece nas suas actuações através duma gesticulação delirante Ian Anderson que, ao nível de gravação introduz definitivamente a noção de «concerto» surge em «Thick As Brick» como um verdadeiro «leader», cuja personalidade está patente até nas intervenções dos companheiros acompanhadas à distância pelo som tutelar da sua flauta.

A cuidadosa audição dos compositores barrocos e um certo misticismo fazem de Anderson e da sua música um dos nomes essenciais da musica «rock» obrigatória a audição de «Thick As A Brick».

BING CROSBY em Moçambique

O popular actor e cançonetista Bing Crosby escolheu Moçambique para um safari. Segundo as informações que nos chegaram, o referido safari durará 21 dias. Pensa-se na possibilidade de prolongar a estadia por mais algum tempo, mas ainda não se sabe nada em concreto. Ao certo, apenas os 21 dias de safari.

XVIII ENCONTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRÁFICOS

De colaboração com o Centro Português de Cinema, o Centro de Estudos e Animação Cultural leva a efeito, entre 25 e 30 deste mês, o XVIII Encontro de Estudos Cinematográficos, do qual revelamos hoje alguns temas e trabalhos de caracter geral: **uma exposição** sobre **A Estética da Imagem**, outra sobre **O Debate e as várias Leituras de Filme**; mesas redondas sobre **A Função da Crítica de Cinema e A Prática da Animação Cultural.** Tema em discução, igualmente, **O Momento Actual do Cinema Português.**

O Novo Cinema na Europa é o tema central proposto para estudo neste XVIII Encontro de Estudos Cinematográficos. A sua análise será feita principalmente a partir da visão e análise em conjunto de alguns filmes significativos. Como complemento far-se-à uma exposição de síntese sobre as diferentes **Perspectivas do Novo Cinema na Europa.**

Quanto a outras formas de Animação Cultural estão propostos trabalhos de **Análise de Banda Desenhada e de Leitura Crítica de Jornais.** Está prevista e programada uma colaboração íntima com algumas colectividades do Barreiro em ordem à prática exemplificativa de algumas formas de Animação Cultural.

A colaboração do Centro Português de Cinema permitirá o utilíssimo contacto com alguns jovens cineastas portugueses.

O XVIII Encontro de Estudos Cinematográficos conta com valioso apoio e colaboração do Luso do Barreiro, sendo, inclusivamente, na sede desta agremiação que se realizam as sessões.

LEIA O JORNAL

ÚLTIMO FILME DE GRACE KELLY NA "CLÁSSICA" DO IMPÉRIO

O célebre filme de Alfred Hitchcock «Ladrão de Casaca» é exibido amanhã, na quarta-feira clássica do Império. Tem esta película a particularidade de ter sido a última em que Grace Kelly participou. Depois, a actriz quedou-se pela Riviera e arredoces mas para ficar como... princesa. A sessão de amanhã inicia-se, como habitualmente, às 18 e 30 e tem, ao lado de Grace, um óptimo actor: Gary Grant.

MÚSICA CHOPE

. . . Com o intuito de promover a sua divulgação, estimulando assim tocadores e dançarinos daquela região efectua-se no dia 27 em Quissico, povoação sede da circunscrição de Zavala, uma exibição de música Chope.

A exibição será feita em sistema de eliminatórias, contando os organizadores com a participação de quase todos os grupos dos diversos regulados.

Concessão de bolsas de estudo para alunos dos cursos de enfermagem

Torna-se público que está aberto concurso nas caixas de previdência e abono de família, a seguir indicadas, para a concessão de bolsas de estudo para alunos dos cursos de enfermagem e dos cursos técnicos auxiliares de medicina *que pretendam prestar serviço nas instituições de previdência com serviços de acção médico-social:*

Caixas onde estão abertos concursos	Cursos a que se destinam as bolsas
Angra do Heroísmo	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem
Aveiro	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem
	Parteiras.
Beja	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem
Braga	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem
Bragança	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem
C. U. F.	Curso geral de enfermagem
	Parteiras
	Puericultoras
	Curso de medicina física e de reabilitação
	Curso de técnico de radiologia
Évora	Curso auxiliar de enfermagem
Leiria	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem
	Puericultoras
Ponta Delgada	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem
Viana do Castelo	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem
Vila Real	Curso geral de enfermagem
	Curso auxiliar de enfermagem

As condições de atribuição de bolsas são as constantes no Regulamento das Bolsas de Estudo aos Alunos dos Cursos de Enfermagem e dos Cursos Técnicos Auxiliares de Medicina, aprovado por despacho ministerial de 13 de Abril de 1972.

No entanto prestam-se, desde já, os seguintes esclarecimentos:

1.° — Os requerimentos a solicitar a concessão de bolsas de estudo deverão ser entregues nas respectivas caixas de previdência até ao dia 15 de Setembro.

2.° — Juntamente com o requerimento deverão os candidatos entregar documento comprovativo da matrícula nos cursos para que concorrem.

3.° — A duração das bolsas é de 12 meses em cada ano de curso.

Para um mais completo esclarecimento, deverão os candidatos dirigir-se aos serviços informativos das respectivas caixas de previdência.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

DL/GERAL

JAIME CORTESÃO MORREU HÁ 12 ANOS

Passou ontem o 12.º aniversário da morte de Jaime Cortesão, grande historiador, grande artista da palavra, grande português, de nobres ideais humanísticos e firmes convicções democráticas, que por mais de uma vez nos honrou com a sua colaboração. Mentor da inteligência de várias gerações, companheiro de António Sérgio, de Mário de Azevedo Gomes, de Câmara Reis, de Raul Proença, de Aquilino, Jaime Cortesão foi uma das mais brilhantes figuras da «Seara Nova», depois de se haver já afirmado poeta, médico, escritor e herói. A sua memória a nossa comovida homenagem.

Moçambique mais energia eléctrica

LOURENÇO MARQUES, 15 — (L.). Foi reforçada a reserva da capacidade de produção de energia eléctrica para a cidade de Lourenço Marques e regiões vizinhas.

A nova unidade agora adquirida pela Sonefe é constituida por um grupo turbina a gás de tipo industrial com a potência de 36 000 Kw, podendo alcançar pràticamente os 40 000 Kw em regime de ponta.

A potência do novo grupo é, só por si, da ordem dos 50 por cento da potência total dos seis grupos presentemente instalados na central térmica, e as suas características foram escolhidas de forma a assegurarem as desejadas condições de segurança para o abastecimento de energia considerado o funcionamento em conjunto das instalações da Sonefe e da Escom.

A ligação das instalações da Sonefe com as da Escom visa, fundamentalmente, a antecipação do estabelecimento duma via de transporte de energia através da qual o distrito de Lourenço Marques fica habilitado a ser abastecido pela energia produzida em Cabora-Bassa, no Norte de Moçambique, logo que a respectiva central entre em serviço.

Entretanto, e estabelecida a interligação — aliás sempre desejável entre territórios vizinhos a partir de fase evoluida do seu desenvolvimento — resultarão desde logo aumentadas as condições de segurança na exploração da rede e, enquanto se não receber energia de Cabora-Bassa, substituir-se-à parte da importação de carvão que se tem vindo a efectuar por importação directa de energia.

em 3 linhas

Vão ser postos em circulação, em todas as províncias ultramarinas, selos postais, comemorativos do cinquentenário da travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro, por Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

///

Foi aumentado, por portaria do Ministério da Justiça, o quadro do pessoal auxiliar da Conservatória do Registo Predial do Barreiro.

///

Passam ao estado de desarmamento as lanchas de desembarque médias da Armada, **310** e **311**.

///

Foram autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério das Comunicações.

///

Nomeado o tenente chefe da banda de música Joaquim Alves de Amorim como chefe adjunto da banda de música da G. N. R., na vaga deixada pelo tenente chefe de banda Silvério Marques Pereira de Campos, dispensado, a seu pedido, do serviço da corporação.

///

A sr. D. Maria João de Matos Paiva Correia Almeida Andrade solicitou a recisão do seu contracto como dietista do ramo de terapêutica e diagnóstico do Hospital do Ultramar.

///

Foi levantada a suspensão da escola mista de Ferrarias, São Miguel (Penela), distrito escolar de Coimbra, a que se refere o «Diário do Governo», de 1 de Outubro de 1969.

///

Renovado por mais três anos o contrato com o sr. dr. Políbio Fernando Amaro Valente de Almeida, como assistente, além do quadro, do 4.º Grupo de disciplinas (Geografia) do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

///

Terminado o trabalho da comissão administrativa da Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis, com público louvor, foi nomeada nova comissão, constituida pelos srs. Amândio Pereira Lucas, presidente; e eng. agrónomo Armando Ferreira Madail e José Maria Silva Pereira de Sousa.

///

A Câmara Municipal da Guarda abriu concurso para adjudicação da concessão do serviço público de transportes colectivos urbanos. Depósito provisório: 5.000$00, na Caixa Geral de Depósitos.

///

Foi atribuido o «Prémio Governador-Geral de Moçambique» ao agente da D. G. S., Agostinho Rodrigues Simões.

Havendo falta de moeda divisionária na Guiné, foi autorizada a emissão de moedas metálicas no montante de 42 280 contos e nos valores faciais de 20$00, 10$00, 5$00, 1$00 e 20 e 10 centavos.

///

O sr. dr. António Maria da Costa Leão foi exonerado, a seu pedido do cargo de vogal das comissões de fiscalização dos bairros de casas económicas, em representação do Ministério das Corporações.

///

Em Quarteira, na Rua Gonçalo Velho, 12-1.º, abriu um posto clínico para os beneficiários e familiares da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro.

O homem dos brinquedos

Há marginais e marginais. Há os que só comem uma vez por dia — óptima medida para conservar a elegância, lá dizia o Daniel Filipe — , há os que dormem nos bancos dos jardins (com este tempo quente até sabe bem, mas no inverno-inverno é duro), enfim há os «vagabundos» de origem vária... Deixemo-nos de panos quentes, pronto: há os excluídos da vida pautada pelo trabalho e pelo dinheiro. E é sempre, quase sempre horrível. Uns são manetas ou coxos ou tuberculizaram, faliram, endoideceram, ficaram diminuidos, quando tentavam «recuperar», a sociedade deitou-os à sargeta.

Este a que hoje me refiro — e cujo nome calo, para não o ferir ainda mais — diz-se operário, embora tenha um curso médio incompleto. De resto a verdade é que, na sua decadência, trabalhou mesmo na construção civil, como servente. De nascença burguesa, com tios e primos engravatados, pai de um filho que talvez, sabe-se lá (é ele a pôr a dúvida) talvez nem seja dele, ficou a pagar à mulher (de quem se separou) «alimentos» de vulto. Isto até começar a alcoolizar-se. Tinha tiques, sacudia os ombros: os amigos, que amigos!, troçavam-no; as raparigas, nem é bom falar nisso... E então bebia como um leão.

Sòzinho, no quarto (cada vez mais pequeno) à noite tira de uma velha, preciosa caixa de madeira os brinquedos da sua infância e espalha-os no chão: brinca.

Livros, não lê. Vai raramente ao cinema. Vê televisão. Quando fica muito, muito triste, bebe e deita-se, adormece. À espera de que não haja amanhã.

— Mas — pergunto-lhe — , nada o liga aos outros?

. — Quem se importa comigo, a não ser para fazer vista?

. — Não gosta de ninguém?

. — Até gosto. Gosto do meu filho. Quando o vejo. Brinco com ele.

— Importa-se que o mundo acabe?

. — Eu não!

. — Nem por causa do seu filho?

. — Para o que cá o espera!... Olhe, se as pessoas se tornassem diferentes... Mas não acredito!

— Não acredita nas transformações políticas?

. — Sim... Já vi na televisão a guerra no Vietname. Acho que isso deve acabar. Acho que toda a violência deve acabar. Mas se as pessoas são violentas!... Como é que há-de ser?! E mais fácil eu deixar de beber do que o mundo mudar. O senhor sabe?, quando eu ando melhor de saúde é quando acho isto tudo mais feio. Não escreva nada, não diga nada. Ou então diga tudo, se quiser. Talvez seja importante falar. E eu cá não sei...

O SAL DA TERRA

URBANO TAVARES RODRIGUES

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

EMPREITADA DE REPARAÇÃO DO CAMINHO MUNICIPAL 1239 ENTRE BOIÇA E QUINTA DE S.te ANTÓNIO (LOJA NOVA)

ANÚNCIO

Faz-se saber que, de harmonia com a deliberação camarária de 18/7/72, se encontra aberto concurso público para a empreitada em epígrafe, sendo de dias o prazo para apresentação das propostas. Este prazo será contado a partir do dia seguinte ao da publicação do presente anúncio no «Diário do Governo». No caso de o último dia cair num sábado o termo do prazo passa para o primeiro dia útil seguinte.

O acto público do concurso realizar-se-á na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pelas 16 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas se esse dia for sábado.

PREÇO BASE DO CONCURSO ..... 193 310$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 4 832$00

A caução definitiva será de 5 % do valor global da adjudicação.

Alvarás(s) Categoria — ; Subcategoria — ; Classe
. Categoria — ; Subcategoria — ; Classe

A caução provisória é prestada mediante depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, à ordem desta Câmara Municipal, por guia preenchida pelos concorrentes, de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso, ou mediante títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou, ainda, por garantia bancária.

O programa do concurso, caderno de encargos e projecto estarão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secção de Obras da Câmara Municipal.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou, entregues directamente na Secretaria da Câmara Municipal, contra recibo.

Vila Franca de Xira, 29 de Julho de 1972.

O Presidente da Câmara

Febo Vargas de Matos

Ten. Cor. Pil. Av.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE para o estabelecimento, em Pechão, concelho de Olhão, de uma linnha aérea a 30 kV, com 314m, do poste n.º 27 da linha Faro-Olhão para o posto de transformação de Manuel Rufino Correia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

DESORDENS EM LUANDA

LUANDA, (ANI) Foi detido em Luanda o homicida do porteiro Costa Augusto, mortalmente agredido á facada em 25 de Julho, á entrada de uma unidade fabril desta cidade.

Trata-se de José Figueira, de 25 anos, natural de Lucembo-Malanje, que, de pronto, confessou o crime. Ao ser, conduzido para a viatura policial agrediu o agente que o segurava, tentando fugir. Foi dominado com o auxílio de outro polícia e recolheu aos calabouços, a fim de aguardar julgamento.

TIROS E NAVALHAS

Uma cena de pancadaria, com navalhas e tiros á mistura, culminou em Luanda com a morte de um dos intervenientes cuja identidade a polícia não revelou.

Foi o comerciante Rufino da Cruz Alves, de 27 anos, natural de Murça, quem, ao pretender — segundo disse — pôr termo a uma rixa junto ao estabelecimento de que é proprietário, acabou por ter que disparar contra um dos desordeiros que pretendia agredi-lo, munido de uma faca.

A FAMÍLIA NUCLEAR

Continuação da pág. 3

as opções sobre a maneira como vivemos com as nossas famílias. Temos de nos libertar da ideia de que os mais idosos não têm lugar numa casa com gente nova; Desse modo voltamos as costas à sabedoria e aos erros dos velhos. Devemos reconsiderar o papel que outros membros da família podiam e deviam desempenhar nas nossas vidas

Dado que nos afastámos, as alternativas estão ao nosso dispor — se quisermos aproveitar aquilo que pensamos podíamos ter aprendido.

E o que é extremamente importante, devemos reexaminar as exigências do sistema sobre os infelizes que se dirigem à grande cidade de manhã e regressam à noite. duvido de que todos concordemos com o que seria o melhor estilo de vida, mas pergunto a mim próprio o que John e Harriet conseguiram para eles próprios senão um novo género de pobreza dentro da sua abundância.

EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA ANGOLANA

— Os últimos dados estatísticos de que se dispõe permitem estabelecer a favorável evolução, em valor, da produção industrial de Angola, no decurso dos três últimos anos. Com efeito, o valor global da produção das indústrias transformadoras — que já em 1970 atingiu os 7,5 milhões de contos, correspondentes ao aumento de 15 por cento em relação a 1969 — alcançou em 1971 os 8 700 000 contos numa progressão de mais de 16 por cento em relação ao ano anterior. Tomando por base o ano de 1969, atingiu-se portanto, neste último triénio um aumento de 33,7 por cento.

Em 1971, o valor da produção das indústrias alimentares atingiu 2 738 000 contos, ou seja 31,4 por cento do total da produção industrial. No que respeita aos têxteis, a produção industrial atingiu, em 1971, um valor de 1 175 000 contos, representando 13,5 por cento do total da produção industrial.

As bebidas são um sector industrial que representou o valor de 1 065 000 contos em 1971, ou seja 12,2 por cento do total da produção industrial. Em relação a 1970 os aumentos neste sector correspodem a 26,1 por cento enquanto os dos dois sectores precedentes (produtos alimentares e texteis) representavam 16,3 por cento. No sector das bebidas, a indústria da cerveja figura em primeiro lugar tendo a sua produção, em 1971, atingido os 746 479 contos, contra 623 318 contos no ano anterior.

A produção das indústrias de papel atingiu 353 000 contos em 1971, ou seja 25,5 por cento mais que os anos anteriores. A indústria da borracha teve uma produção de 270 000 contos em 1971, ou seja 22,7 por cento mais que em 1970.

A indústria do petróleo e dos derivados de petróleo apresenta uma estabilidade na sua produção nos anos de 1969, 1970 e 1971. Em contrapartida nos minerais não metálicos verifica-se sensível aumento: mais 20,6 por cento em 1970 se compararmos com 1969; e mais 20,2 por cento em 1971, relativamente ao ano de 1970. (Cita/«DL»)

FÁBRICA DE ADUBOS

LUANDA, 14 — Vai ser erguido, na zona de influência do Porto de Luanda, um complexo de industriais de base químico-inorgânicas, que custará 250 mil contos, começando desde logo a produzir 80 mil toneladas de adubos — anunciou, durante uma conferência de imprensa, em Luanda, o dr. Alberto Henriques, administrador responsável pelo sector que integra as empresas do ramo químico do grupo CUF.

O grupo — salientou o dr. Alberto Henriques — encara as possibilidades de implantar, em Angola, um núcleo industrial dirigido, numa primeira fase, directamente à produção de adubos químicos. Lembrou ainda que o arranque, neste domínio, poderá dar a Angola a possibilidade de dispor, a curto prazo, de produtos de indústria química, essenciais ao aprovisionamento de outras actividades aqui existentes, que recorrem ao mercado externo, em condições precárias e muitas vezes onerosas.

O referido projecto industrial assente na produção em Angola de ácido sulfúrico, na utilização do ácido fosfórico — que a curto prazo se irá produzir em Cabinda a partir das fosforites locais — e da importação de certas matérias primas intermediárias, enquanto não houver potencialidades que justifiquem o fabrico próprio. (ANI).

EXPORTAÇÕES

Considerando os valores acumulados entre Janeiro e Abril deste ano, não se verificam quaisquer alterações quanto às posições ocupadas pelos cinco principais clientes de Angola, que continuaram a ser a Metrópole, os Estados Unidos, o Japão, o Canadá, a Holanda e a Espanha. Relativamente, contudo, apenas a Abril — mês em que as exportações atingiram o montante de 1.092.771 contos, valor apenas suplantado em 1970 — verificaram-se algumas alterações comparativamente com o mês anterior: o Japão subiu do 5.º para 3.º lugar, a França passou do 7.º para 5.º e a Holanda — mercê de uma queda espectacular — desceu da 3.ª para a 8.ª posição. Cabo Verde entrou para o quadro dos principais clientes de Angola, ocupando o lugar anteriormente ocupado pela Africa do Sul.

Em comparação com Abril de 1971, salienta-se a quebra holandesa que — ocupando então o 2.º lugar com um montante de 106 662 contos — apenas comprou em Abril de 1972 mercadorias no valor de 33.895 milhares de escudos. A Espanha (5.ª posição no ano findo, com 84.133 contos) ocupava em Abril deste ano o 6.º lugar, com 52.254 milhares de escudos. Em compensação, o mercado japonês subiu bastante, passando da 6.ª posição (61.577 contos) para a 2.ª, com o montante de 158.719 contos.

Entretanto, as mercadorias mais significativas exportadas por Angola em Abril continuam a ser, por ordem decrescente, o café, o petróleo, os diamantes, os menérios de ferro e o algodão em rama, variando os seus valores entre 1.398.946 contos (correspondentes a 67.775 toneladas, portanto ao preço médio de 20.641$00/ton. de café) e os 122.504 contos (6.653 toneladas de algodão em rama, exportadas ao preço médio por tonelada de 18.413$00).

Enquanto, entre os meses de Abril de 1971 e de 1972, se verificaram decréscimos quanto ao valor do café (— 139.358 contos) e do algodão em rama (— 80.345) e o acréscimo de 106.087 contos quanto ao petróleo, assinala-se o substancial aumento nas exportações de farinha de peixe, bananas frescas, milho e peixe congelado.

Os países que mais contribuiram para as diminuições ocorridas foram a Holanda (— 223,9 milhares de contos) e os Estados Unidos (203,5), enquanto é assinalável o acréscimo verificado no que respeita à França (mais 92,6), ao Japão (mais 152,3) e ao Canadá (mais 217,9). (Cita)

Dizem os leitores

EXAMES DE CONDUÇÃO

Respondendo a afirmações aqui feitas por um colega seu, publicadas sob o título de «Exames de condução lotaria para milhares», escreveu-nos o nosso leitor sr. Manuel Alves instrutor de profissão que afirma:

A verdade é esta: tem que se ser preso por ter cão e preso por não o ter; se os exames demoram dez minutos é pouco tempo, se demoram meia hora é porque o examinador anda com o candidato para lhe apanhar uma falta para o reprovar. Acontece precisamente o seguinte: O tempo é pouco, e os exames são muitos, pois em Lisboa requerem-se todos, ou quase todos os exames dos diversos distritos, pelo que o seu número é obrigado a aumentar. Esta é portanto uma causa.

A questão dos examinadores não terem critério, depende daquilo que o meu colega quer dizer, porque para nós instrutores, também de uns para os outros o critério é diferente. No subir o passeio e passar, é uma verdade, porque existem várias formas de o subir. O aluno por vezes sobe o passeio sem querer (o que é muito raro) e passa no exame, porque a competência do examinador é tão grande que verifica que ele durante o exame tem segurança, não oferece perigo, não há razão para o reprovar. Quantos profissionais sobem o passeio e causam atropelamentos mortais!

Não é aqui que está o erro, mas sim no seguinte: Hoje o candidato, não quero dizer todos, mas a maior parte, só dá entre 20 a 30 lições e não é sempre, quando há anos atrás o aluno dava 40 a 60 lições e o transito era menor. O aluno exige ir a exame e o instrutor não se pode recusar, para o que deveria ter autorização da Direcção Geral de Viação, pois o instrutor devia assumir a responsabilidade do candidato que vai levar a fazer as provas para ser motorista e se este não estivesse em condições não fazia exame. Hoje o número de lições e o dinheiro a gastar já vem tabelado pelo aluno, sendo isto portanto outra causa.

Outra das principais é a da instrução ser toda feita de roda», ou seja, nos arredores do Campo Pequeno o que automatiza o aluno a só saber fazer aquilo e ser um mau condutor, assim como as paragens de estacionamento no local de exame não deveriam ser permitidas tal como a permanência de carros para dar inicio ás lições o que causa grande transtorno a todos que estão a ser examinados.

A respeito do Código, diz o meu colega que os Srs. Examinadores, querem o livro todo. Não é verdade. Hoje os exames são bastante facilitados, pois o aluno é posto à vontade. Se ele vai nervoso e não responde é porque não está devidamente preparado e o seu estado nervoso aumenta, uma vez que a preparação é fraca, derivado a não quererem ou não poderem dar mais lições, questão por mim acima indicada.

Habitantes de Sines contra o Gabinete responsável pela área

A actuação do Gabinete da Área de Sines no que se refere á transacção dos terrenos necessários à instalação das novas indústrias foi objecto de uma exposição ao Presidente do Conselho de Ministros, assinada por habitantes daquela vila. Afirma-se no citado documento:

Ao concretizar-se a justíssima aspiração dos sinienses da instalação de um porto de mar e concomitantemente da refinaria de petróleo e de outras indústrias não especificadas, em Sines, sentiram que justiça lhes era feita. E cremos que V. Ex. terá ainda lembrança da gratidão que este bom povo lhe manifestou, à margem de qualquer subserviência política, por ser espontânea e sincera essa manifestação da gratidão destas gentes. É ao instalar-se o Gabinete da Área de Sines, para o planeamento das estruturas-base do grandioso empreendimento, creram que todo o trabalho desse Gabinete decorreria por forma a todos contentar, supondo-se que a sua função, além dos estudos técnicos dos trabalhos a realizar, determinação de zonas adequadas á instalação de indústrias e problemas similares seria a urbanização de elemento moderador nas transacções de terrenos necessários a essas instalações e não a de entidade negociadora desses terrenos. Também julgaram os sinienses que, embora todos esses assuntos ficassem dependentes do Gabinete da Área de Sines, os interesses dos munícipes seriam auscultados através da sua edilidade, legítima representante desses interesses comunais. Mas, com mágoa, verificaram tal não suceder, nem sempre os interesses de Sines — implicitamente dos munícipes — são acautelados.

Ainda, quanto ao plano de urbanização estruturador da proclamada futura cidade, pretendo o Gabinete cercear o lógico prolongamento da vida, indo implantar-se essa futura cidade a muitos quilómetros de distância de Sines, quando o perímetro da vila permite o seu prolongamento sem solução de continuidade, e sem que o âmbito habitacional seja afectado pela instalação das indústrias.

Em face do que se expõe, não podem os sinienses esconder o seu descontentamento pela forma como o Gabinete está procedendo.

Os signatários não têm a veleidade de que o Gabinete seja exautorado, mas ousam solicitar a V. Ex.ª que a actuação do Gabinete da Área de Sines mereça uma criteriosa análise, para uma possível correcção de critérios, de maneira a que todos os legítimos interesses judiciosamente acautelados e que as bases do progresso de Sines não sejam argamassadas com lágrimas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Agostinho José Coelho «Tabacaria Alentejana». Largo Luís de Camões, 40 — ÉVORA

CURSO DE TEOLOGIA

Decorre de 14 de Agosto a 2 de Setembro, em Fátima, o 18.º Curso Intensivo de Teologia, promovido pelo Instituto de São Tomás. As matérias que farão parte do curso são as seguintes: «Projecto e serviço do Evangelho. Estudo dos sinópticos e de Paulo«, por frei Raimundo Oliveira;» «Construção do mundo e significado dos sacramentos» por frei Bento Domingues; «As virtufes dos construtores do reino de Deus: prudência, justiça, fortaleza e temperança», por frei Mateus Peres; «A autoridade e a fé cristã» e «Celebrações da Fé», por frei Luis França; e «Etapas do crescimento psicológico», por frei Bernardo Domingues.

ALEXANDRE NOGUEIRA, LDA.

LANIFÍCIOS PARA HOMEM E SENHORA

Informam os seus estimados Clientes e Amigos que transferiram todas as suas instalações da Rua do Ouro para a RUA DA PRATA, 145-1.º-2.º-4.º e 5.º andares onde esperam continuar a merecer o favor da sua preferência

GOSTA?

ENTÃO DECIDA-SE!

pois já restam poucos dos magníficos andares de 2, 3 e 4 assoalhadas acabamentos de luxo em SANTO ANTÓNIO dos CAVALEIROS

desde 280 contos

junto à placa da Flamenga

VEJA NO LOCAL O ANDAR MODÊLO

UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA:

SPOC

SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA

ROSSIO, 74-3.º tel. 35438/366257

LISBOA

DL/GERAL

NOVAS MEDIDAS ADUANEIRAS PARA O ULTRAMAR

Tornando-se necessário adoptar nas províncias ultramarinas diversas providências de carácter aduaneiro, um decreto, pelo Ministério do Ultramar (1.ª série da folha oficial de hoje) determina que «os tribunais fiscais aduaneiros de 1.ª instância são constituídos pelo juiz da comarca ou do julgado municipal, como presidente, e terão como vogais o director da alfândega ou o chefe da delegação situada na sede da comarca ou do julgado municipal e uma pessoa idónea que seja cidadão português, residente na localidade onde funcionar o tribunal ou noutra próxima, nomeado pelo Governador para servir durante dois anos, podendo ser reconduzido.»

«Nos tribunais do contencioso fiscal aduaneiro de 1.ª instância junto das Alfândegas de Luanda e Lourenço Marques um dos vogais será o director adjunto dos serviços que superintendem no comércio externo, o qual será indicado pelo respectivo director.

«A segunda nota ao artigo 87.02.08 da pauta geral vigente em Angola passa a ter a seguinte redacção:

«Nota. — Os veículos para transporte de pessoas, do tipo rural «todo o terreno» de tracção motriz especialmente adequada aos seus fins, são cativos de 15 por cento **ad valorem**.

«Ficam autorizados os governos das províncias ultramarinas a isentar do pagamento da taxa de emolumentos gerais a que se refere o artigo 25.º da tabela anexa ao Decreto n.º 31 883, de 12 de Fevereiro de 1942, a exportação de géneros alimentícios destinados a ocorrer a necessidade de abastecimento das populações de outras províncias, quando o entenderam justificado pelas circunstâncias de cada caso.

As disposições do artigo 5.º (taxas da pauta mínima de Moçambique) aplicam-se aos bilhetes de despacho que se encontrem pendentes de liquidação e pagamento.

«Sempre que aos animais destinados à procriação e às crias, acompanhadas das mães que as amamentam, importados nas províncias ultramarinas, de qualquer origem, forem concedidas isenções de direitos, essas isenções abragem também as demais imposições inerentes ao despacho aduaneiro, excepto o selo.

As taxas do capítulo 88.º da pauta mínima de importação da província de Moçambique passam a ser de 1 po cento **ad valorem**.

«E concedida isenção dos emolumentos gerais aduaneiros constantes do artigo 26.º da tabela aprovada pelo Decreto n.º 31 883, de 12 de Fevereiro de 1942, às mercadorias que estejam nas condições a que se refere o artigo 4.º do Decreto n.º 37 817, de 11 de Maio de 1950.»

EXPOSIÇÃO CANINA DO ESTORIL

Promovida pela Junta de Turismo da Costa do Sol, realiza-se nos dias 26 e 27, no Parque Estoril, a 23.ª Exposição Internacional Canina do Estoril.

A Comissão da exposição é constituída pelo eng.º António Castelo Branco, sr. Luís Mesquitela e dr. Manuel Telles.

São delegados oficiais da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, o dr. José Honorato de Mendonça e do Clube Português de Canicultura, o sr. Eduardo Wallace.

O serviço médico veterinário está a cargo dos drs. Fernando Anjos, Joaquim Jansen, José Barros das Neves e José Prostes da Fonseca.

Levant com a mulher: decorria o ano de 1958 e o actor-pianista ainda não tinha adoecido.

A morte de Oscar Levant

LOS ANGELES, 15 — Oscar Levant, o cómico de cara triste do cinema e grande pianista, grande interprete da obra do seu amigo George Gershwin, faleceu a noite passada na sua residência. Tinha 75 anos.

Levant interprete de cerca de uma dezena de filmes, incluindo a biografia de Gershwin Rapsódia em Azul, afirmou uma vez que os seus papéis na tela eram sempre os que uma personagem simpática — ele próprio.

Quase sempre fechado, durante os últimos 10 anos, na sua residência em Beverly Hills, Levant foi considerado morto após a mulher chamar uma ambulância. Contudo, a causa do óbito não foi revelada imediatamente.

Levant foi um pianista famoso compositor de grande número de obras, incluindo um concerto para piano, uma personalidade da Rádio e autor de dois livros semi-autobiográficos, com os títulos Memórias de um Amnésico e Leves Noções de Ignorância.

Ao ser-lhe perguntado, certo dia, por um jovem pianista qual era o melhor caminho para o êxito, o famoso comediante e pianista replicou: **casar com uma mulher rica.**

Contudo, Levant ignorou o seu próprio conselho e casou-se em 1932 com a corista Barbara Smith. Acerca dela afirmou depois: **ela divorciou-se de mim com o fundamento da incompatibilidade e, além disso, penso que me odiava.**

A sua segunda mulher, June Gale, com quem casou em 1939, também não era rica. O segundo casamento registou separações tempestuosas, mas os dois permaneceram unidos até ao fim.

DINHEIRO
EMPRESTA-SE
SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
RUA DO OURO, 292, 1. (Esquina com o Rossio)
TELEFS. 369384 5 6

PAPEL PARA FOTOCÓPIAS
HISHIRAPID
alta qualidade japoneza
peça directamente aos seus importadores exclusivos
ESTABELECIM. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
Rua do Prata, 68 — LISBOA
Rua St. António, 208 - PORTO
PREÇOS ESPECIAIS PARA QUANTIDADES

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

FUSÍVEIS CILÍNDRICOS

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

EXCURSÕES CP
3 DIAS NO ALGARVE
em 26, 27 e 28 de Agosto
- Partida de Lisboa, no sábado, às 7.35, no Rápido do Algarve. Regresso na 2.ª feira, no comboio SOTAVENTO, às 18.55.
- Itinerário de autocarro, com guia assistente, ao longo da Costa D'Oiro: em ARMAÇÃO DE PÊRA, almoço e tarde livre; na TORRALTA, manhã livre e almoço; de tarde: visita a LAGOS e SAGRES; e em ALBUFEIRA, manhã livre e almoço.
- Alojamento em Hotel de 2 estrelas ou similar.

PREÇOS (Tudo incluído)
LISBOA ..... 850$00
Santarém ..... 900$00
Coimbra ..... 990$00

S. PEDRO DE MUEL e NAZARÉ
em 27 de Agosto de 1972
- Partida no comboio rápido, às 8.10, em 1.ª classe. Regresso às 23.40.
- Itinerário de autocarro com guia-assistente: Marinha Grande, S. Pedro de Muel, Sítio, Nazaré, Alcobaça, Batalha, Leiria e Pombal.
- Almoço em S. PEDRO DE MUEL.

PREÇOS (Tudo incluído)
LISBOA ..... 270$00
Évora/Beja ..... 380$00
Faro/Lagos ..... 470$00

Informações e programas descritivos:
1 Estação de Lisboa-Rossio
2 Estação de St.ª Apolónia
3 Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa
Organização Tel. 367529
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

TEATRO MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES 20.45 E 23 HORAS
Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
* IRENE ISIDRO *
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CÉSAR e VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
3.º MÊS
Mais de 60 figuras em cena

O seu nome poderá ser famoso!
CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL
Nikon 1972
aberto a todos os possuidores de aparelhos fotográficos NIKON em todo o mundo — amadores e profissionais.
A alta perfeição mecânica e óptica dos aparelhos NIKON torna-os instrumentos de grande valia na produção fotográfica.
Os seus 250 diferentes acessórios e 42 objectivas, representam uma extensa gama de possibilidades que estimulam a criação artística.
No ano de 1971, um grande fotógrafo português conquistou, sensacionalmente, o 2.º Prémio Mundial neste Concurso, glorificando o nome de Portugal!
O Júri constituído pelos melhores fotógrafos japoneses, seleccionará os trabalhos dos concorrentes, classificando-os e atribuindo-lhes prémios: medalhas em ouro, prata e bronze, a oferta de valiosos artigos NIKON e inúmeras Menções Honrosas.
O Concurso encerra a 31 de Outubro do ano corrente.
Colha os proveitos que a sua NIKON lhe oferece, participando no maior Concurso Fotográfico do Mundo!
Conquiste um primeiro lugar em Tóquio!
A sua NIKON abre-lhe o caminho da glória!
CONCORRA!
Peça boletins de inscrição com todos os pormenores ao seu habitual revendedor NIKON.
CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL Nikon

PROPRIEDADES
PRÉDIOS — ANDARES
MORADIAS ou QUINTAS
DE QUALQUER PREÇO EM LISBOA OU ARREDORES
COMPRAM-SE
TRATA
CASA LAIRES
RUA DA PRATA, 291, 2.º, Dt.º — LISBOA
Telefs. 325487 - 370818

DL /REPORTAGEM

Internados de Alcoitão têm medo da alta

Seis anos decorridos sobre a fundação do Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão, um problema pesa com dramática intensidade sobre os seus responsáveis: o da restituição dos diminuidos físicos à vida de todos nós, para a qual, na medida do possível, o Centro adregou de os habilitar. Restituição contra a qual se elevam, se insurgem os próprios internados, sob o impulso de uma multidão de factores.

E um facto. Durante essa meia dúzia de anos da existência do Centro, não têm sido os pacientes que se recusam a deixá-lo. Têm sido múltiplos tais casos e o seu número aumenta uma percentagem inquietante. Os internados temem aquilo que ao ver dos leigos, deveria ser a sua aspiração primeira: a alta — certificado de habilitação para o regresso à família, ao meio comunitário, em muitos casos às suas antigas profissões, noutros, às novas. E essa relutância perante a saída não se exprime apenas por protestos ou lamentações: diminuidos há que chegam, em seu próprio dano, a fazer por protelar a cura. Tal é a medida do seu medo à vida que os aguarda.

E porquê? Para os responsáveis do Centro de Reabilitação as razões estão há muito detectadas e são claras. Giram todas em redor desta só: os diminuidos temem a vida social porque estão conscientes de que não vão caber nela. Porque sabem que a sociedade os repele, segrega, marginaliza. A sociedade, quer dizer: todos nós, seres «normais» (e por que não virtuais diminuidos?), em bloco; todos nós, com o nosso egoísmo ou a nossa piedade estéril.

O chefe dos Serviços Administrativos do Centro do Alcoitão, Novais Januário, vê como indispensável uma «mudança colectiva de mentalidade, uma consciencialização de toda a gente relativamente a este problema».

— **O diminuido físico** — afirma — **é uma realidade dos nossos dias perante a qual se não pode permanecer de olhos fechados. É uma realidade do tempo dos desastres de viação tornados triviais e das multidões operárias entre as quais quotidianamente se registam acidentes de trabalho; é uma realidade**

Como um punho paralizado reaprende a escrever

de um tempo ainda de guerras e de uma medicina que felizmente não consente que a mutilação de um membro — ou uma síncope vascular-cerebral — sejam fautores da morte, como outrora. Se nos Estados Unidos o número de diminuidos físicos anda pela casa dos milhões, entre nós a percentagem não é menos elevada: os diminuidos constituem cerca de um décimo da população portuguesa. Não é possível ignorá-los. Por considerações de ordem moral; mas também porque não representam um peso morto, são gente «útil».

E essa qualidade que entre nós ainda se persiste em recusar-lhes. Recentemente, um internado do Centro, na sua cadeira de rodas, resolveu dar um passeio fora do recinto da clínica. Regressou acabrunhado. À primeira esquina um transeunte tinha-lhe querido dar esmola.

— **É um exemplo extremo** — afirma. **De forma geral o que se verifica para com os diminuidos é uma solicitude (exibicionista ou espontânea) tão cheia de comiseração que os ofende sempre e os desmoraliza. Eles querem respeito, não querem dó. São pessoas úteis, como já disse, e querem que os considerem como tal. Diminuido não significa inválidos. Manifestar curiosidade ou compaixão para com eles é consciente ou inconscientemente estar a repeli-los — e eles sentem-no com agudeza. E aí está uma das razões porque temem sair da clínica: aqui circulam cada um entre muitos iguais e sob o olhar «natural» de médicos, enfermeiros... Lá fora é a comiseração em cada rosto, a curiosidade em cada olhar...**

«Lá fora» é também um mundo que nem sequer mínimamente toma em conta a existência dos diminuidos, as suas necessidades. Um mundo cheio de obstáculos que as muletas ou carros de rodas não podem transpor, grandes degraus e portas estreitas, elevadores exíguos, altas prateleiras, semáforas velocíssimos — nas cidades; caminhos de pedra solta, rampas a prumo, acessos estrangulados por esses povoados campesinos. Um reflexo, ao fim e ao cabo, da tal mentalidade que importa corrigir. Da atenção que a todos nos merece o diminuido, para quem arregalamos os olhos quando nos surge adiante e esquecemos mal perdemos de vista.

Toda a difícil tarefa de preparação, encorajamento dos pacientes no sentido da futura reintegração recai sobre os ombros dos assistentes sociais do Centro (coadjuvados por um corpo de voluntários. «**Mas** — pergunta a assistente Aida Ferreira — **como podemos nós levá-la a cabo? Mentindo-lhes quanto ao que os èspera?**

EMPREGO, ONDE?

O que os espera, a grossa maioria das vezes, é antes de mais nada o desemprego. Também — ou melhor: sobretudo — quanto a esses aspecto se faz sentir a viciada crença de que todo o diminuido é um inválido. Muitas empresas receiam admiti-lo, partindo da ideia feita, prévia a qualquer experiência, de que se trata do elemento incapaz de «dar rendimento». Outras vezes a experiência processa-se mas à primeira dificuldade decreta-se que foi negativa. Certo patrão houve que despediu um paralítico das pernas, por este carecer de ajuda para ir à casa de banho. Esqueceu-se foi de verificar que era a estreiteza da porta, impedindo a passagem do carro, que impossibilitava o diminuido de proceder sózinho.

— **O problema da futura ocupação profissional** — esclarece Aida Ferreira — **atinge de forma diversa os internados do Centro, isto consoante a sua posição social. Operários, trabalhadores rurais, são os mais afectados. Esses evidentemente, não estão mesmo em condições físicas de retomar a antiga profissão; e com vista a outras faltam-lhes as habilitações necessárias. Tornam-se, por isso imprescindíveis os estabelecimentos onde, após a sua cura, após**

O prazer do sol e da cavaqueira nos jardins da clínica

a saída do Alcoitão, sejam avaliadas as aptidões do diminuido e, de acordo com elas, ministrada a devida preparação profissional. É certo que existem em Portugal nas instituições deste género (uma delas o Centro de Avaliação Funcional e Readaptação Profissional, dependente do Ministério das Corporações, ainda em fase embrionária) mas estão longe de corresponder à premência das necessidades que se fazem sentir neste campo.

Estas «pontes» entre o restabelecimento e o trabalho não conduzirão todavia a parte alguma enquanto a desconfiança relativamente ao trabalhador diminuindo continuar a reinar entre as entidades patronais. E sobre este ponto como sobre muitos outros é unânime a opinião dos responsáveis do Centro: terá que ser o Estado a tomar a iniciativa, a dar o exemplo, aceitando sem reservas, nas funções públicas, os diminuitos físicos, recrutando-os mesmo para elas.

— **Aliás** — faz notar a assistente social Lourdes Abreu — **se ao doente que recebe alta é depois imposta no exterior uma situação de ociosidade, os frutos do seu internamento perdem-se. À míngua da continuidade o seu estado físico degenera. O nosso trabalho aqui consiste em preparar os diminuidos, desde o primeiro dia, para uma vida activa, tão activa quanto possível for. E se a eles, em saindo, mais não é dado do que ficarem numa cama** — já não sòmente à falta de ocupação profissional mas à falta, como sei que há casos, de alojamentos onde lhes seja possível deslocarem-se nessas circunstâncias e a curto prazo perdeu o nosso trabalho toda a eficácia.

OS MAIS POBRES

Mas a situação do doente oriundo das camadas económicamente mais desfavorecidas é ainda agravada por outro factor. O doente nessas condições beneficia, durante o seu internamento, de um nível de vida cujas comodidades, embora elementares, lhe eram perfeitamente desconhecidas e das quais sabe que jamais voltará a usufruir. O Centro do Alcoitão proporciona-lhe boa alimentação, condições de higiene, cuidados médicos, acesso à cultura e ao desporto. No Centro dispõe de biblioteca, cinema e trabalho, segundo o seu gosto. E perfeitamente natural que comparando essa situação na clínica com a que tinham anteriormente e ainda mais com aquela — pior — que sabe que, devido à diminuição, irá ter; é perfeitamente natural que prefiram a primeira, que se lhe prendam e a procurem perpetuar. Será o Centro culpado disso?

— **O Centro não é um hospital de luxo** — esclarece Aida Ferreira — **como já ouvi quem dissesse. Só pode assim pensar quem considere a generalidade dos hospitais portugueses, em matéria de pessoal e apetrechos, à altura da sua missão. Eles não estão à altura. E o Centro contrasta com eles porque, com todas as suas deficiências (que as tem) está à altura do que dele se espera.**

Acontece também por vezes que a resistência à saída não provém do internado mas dos seus familiares. Estes receiam o «inválido» que só irá para junto deles para dar despesas e trabalho. E outra face do mesmo problema.

— **O que penso que mais contribui para essa atitude** — diz Novais Januário — **é a ignorância em que estão muitos familiares dos doentes sobre o alcance do tratamento que aqui lhes é dispensado. Mesmo quando não saem do Centro em condições de irem exercer uma profissão, para uma coisa se tornam eles sempre aptos: para executarem as suas próprias operações de higiene e, muitas vezes, para comparticiparem nos serviços domésticos. Por outro lado, sob a atitude desses familiares tenho-me apercebido de uma ideia, que eles são frequentemente incapazes de exprimir, e que é esta: a de que o encargo que o diminuido possa representar não deveria recair sobre eles mas sobre a sociedade. É uma ideia perfeitamente certa. A diminuição motora é um mal social, um mal da nossa época, produzido pela vida que todos nós criamos.**

Presentemente, três comissões constituidas por médicos, assistentes sociais e diminuidos físicos multiplicam-se em diligências para que sejam solucionados os problemas da integração de todos os que, reabilitados, vão deixando o Centro do Alcoitão. Que a sua acção vingue, pois está em jogo a sorte de um em cada dez portugueses.

DL/ESTRANGEIRO

O PIOR DESASTRE DA AERONAUTÍCA CIVIL COM UM SO AVIÃO

KOENIGS WUSTERHAUSEN (ALEMANHA ORIENTAL), 15 — (R) — Destroços do avião, fragmentos de bagagens e objectos pessoais e passaportes misturados com pedaços de madeira e de alumínio poderão fornecer hoje uma pista sobre o que fez com que um jacto «Ilyushin62», pertencente às linhas aéreas do Estado alemão oriental, Interflug, explodisse ontem, minutos depois de ter descolado do aeroporto de Schoenefel, em Berlim-Leste, provocando a morte de 156 pessoas.

Peritos alemães orientais passavam a pente fino os destroços do jacto, de fabrico soviético, que ficaram espalhados numa vasta área.

Foi o pior desastre da aeronáutica civil envolvendo um só avião. O único outro total mais elevado de mortes, que se registou no Japão em Julho de 1971, envolveu dois aviões, um B-727 das linhas aéreas japonesas e um caça a jacto Sabre F-86, que chocaram nos ares morrendo 162 pessoas.

O Ilyushin-62 despenhou-se perto desta localidade. Nele viajavam 148 veraneantes e oito tripulantes, num voo fretado para as praias soalheiras da Bulgária, no Mar Negro.

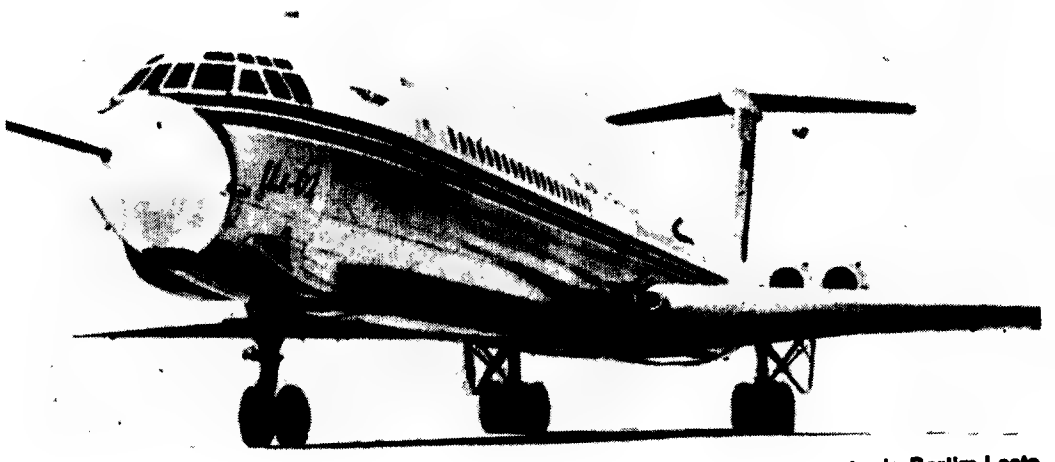
Um informador da Interflug disse em Berlim-Leste que todas as pessoas que seguiam a bordo eram alemães orientais.

Testemunhas oculares contaram como o avião explodiu nos ares, partindo-se em dois espalhando os destroços a arder, que por pouco não atingiram um grupo de casas.

Uma jovem enfermeira declarou, ao afastar-se do local de desastre, que todos os corpos das vítimas se encontravam horrìvelmente mutilados.

Soldados e polícias alemães orientais estabeleceram um cordão à volta da área e pouco depois de ser dada a notícia oficial do desastre uma comissão de inquérito governamental, chefiada pelo ministro dos Transportes Otto Atndt, chegava ao local.

Foi o primeiro desastre conhecido com Ilyushin-62, que entraram há dois anos ao serviço da Interflug.



Um avião Ilyushin-62, idêntico ao aparelho que se despenhou perto do aeroporto de Berlim-Leste, percendo todas as 156 pessoas a bordo. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).

A EXPULSÃO DE ASIÁTICOS DO UGANDA PODERÁ GENERALIZAR-SE A OUTROS PAÍSES

PARIS, 15 (R.) — O jornal conservador «Le Figaro» sugere que a planeada expulsão dos asiáticos pelo presidente Idi Amin do Uganda poderia estabelecer um exemplo para outros países da África Oriental e criar «uma massa de pessoas sem pátria ou nação, pessoas com as quais o mundo não saberia o que fazer».

O jornal diz que a expulsão dos asiáticos do Uganda podia ser apenas a primeira vaga «porque uma decisão deste género podia transformar-se num exemplo para a costa da África Oriental».

Acrescenta no seu editorial que semelhante situação «apresentaria às autoridades britânicas, já afectadas por tremenda imigração clandestina, problemas insolúveis».

IDI AMIN RECEBEU RIPPON

KAMPALA, 15 (R.) — O ministro do Gabinete britânico, Geoffrey Rippon, avistou-se hoje nesta capital com o presidente Idi Amin do Uganda para discutirem a sorte de 50 000 asiáticos ou mais, que o chefe de Estado tenciona expulsar do país dentro de três meses.

Os dois encontraram-se no «posto de comando», residência particular do general Amin.

Rippon chegou ontem, à noite, a Kampala após uma visita no fim da semana em que não se conseguiu avistar com o general Amin, que afirmou não tinha tempo para se encontrar com ele senão hoje.

Quando Rippon prosseguia a sua planeada viagem pela África Oriental, o general Amin declarou ontem: «Se ele decidir regressar donde quer que se encontre, acolhê-lo-ei com agrado e convidá-lo-ei para o almoço ou jantar».

O general Amin disse, antes do encontro começar, que informaria primeiro Rippon da razão do seu decreto de expulsão.

«Fui nadar um pouco e sinto-me numa forma excelente para o encontro» — acrescentou o general Amin.

Rippon não fez qualquer declaração ao chegar à hora marcada. Esperou pelo alto comissário britânico nesta capital Richard Slater, durante cerca de 10 minutos antes de o ministro ugandês os guiar, subindo a escada, para se avistarem com o presidente.

O general Amin marcou um almoço formal com Rippon no palácio do Governo, a sua residência oficial em Entebbe, a 32 quilómetros nos arrabaldes de Kampala.

Correspondentes estrangeiros aguardam que se realize uma conferência de Imprensa depois do almoço.

TENTATIVA DE FUGA ATRAVÉS DE UM TÚNEL PERTO DE BELFAST

BELFAST, 15 (ANI) — Estava a ser preparada uma fuga de detidos no campo de internamento de Long Kesh. Segundo anunciou um informador do exército, guardas do campo descobriram um túnel de trinta metros com saída a poucos metros da cerca de arame farpado que rodeia o campo, situado 19 quilómetros a sul de Belfast.

O informador acrescentou que o túnel estaria terminado dentro de poucos dias, e permitiria a fuga de cerca de 60 homens de uma das secções do campo.

O túnel foi descoberto quando guardas notaram que o terreno estava a aluir.

«Era um túnel muito bem construido, com soalho e telhado de madeira — afirmou o informador do exército. O solo da Irlanda do norte é argiloso, e eu tenho a maior admiração por quem consegue perfurá-lo trinta metros".

Até agora, houve apenas uma fuga com êxito do campo de Long Kesh: no princípio do ano, um homem atravessou o portão principal sem ser notado. Guardas julgam que ele se vestiu de padre para passar por eles.

No Sábado, malogrou-se outra tentativa de fuga. Um rapaz de quinze anos tentou substituir o seu irmão, dando-lhe o passe dos visitantes. Foi descoberto quando se encontrava já perto do autocarro que transporta os visitantes para dentro do campo.

Líderes políticos católicos têm pedido a libertação dos internados por suspeita de pertencerem ao Exército Republicano Irlandês (IRA) antes de acederem a participar nas conversações sobre o futuro político da província, a realizar no próximo mês.

Ontem à noite, dirigentes do Partido Nacionalista anunciaram que não nomearão um delegado às conversações até serem libertados todos os detidos, cujo número atinge duzentos e sessenta e três.

EM 3 ANOS: 510 MORTOS

Em incidentes distintos ocorridos ontem em Belfast, um civil foi morto à tiro e dois soldados morreram em consequência da explosão de uma mina, elevando o número de mortos em três anos de actos de violência no Ulster para quinhentos e dez, entre os quais cento e doze soldados.

O civil, morto em Belfast — Charles Mcneill, um católico — foi apanhado no fogo cruzado quando franco-atiradores no distrito católico de Ardoyne montaram uma emboscada a uma patrulha do exército que procurava um franco-atirador que ferira um soldado.

Condenadas a prisão perpétua

Rima Tannous e Therese Halassi, as duas palestinianas que acabam de ser julgadas em Israel por cumplicidade no assalto a um avião, riem-se com uma piada do intérprete antes de lhes ser anunciada a pena que o tribunal de Tel-Aviv as condenou: prisão perpétua. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).

MALOGROU-SE A NONA TRANSPLANTAÇÃO DE BARNARD

— CIDADE DO CABO, 15 (ANI e FP) — Falhou a transplantação cardíaca realizada esta manhã, no hospital de Groot Schuur, pelo professor Christian Barnard, soube-se no Cabo. O paciente sucumbiu algumas horas depois de ter começado a operação.

Era a nona transplantação cardíaca realizada desde Dezembro de 1967 pelo pioneiro dessas operações e a décima terceira efectuada na África do Sul.

Martin Franzot, director reformado de uma firma, que aguardava a operação desde 6 de Julho, recebeu o coração de Luttig, um ferroviário mulato de 23 anos, que faleceu em consequência de lesões cerebrais recebidas durante uma refrega, no sábado. O boletim médico não dá pormenores da morte de Franzot.

Barnard foi assistido por uma equipa de médicos da qual fazia parte o seu irmão, Marius, que também já efectuou uma operação do género.

Barnard é o pioneiro das transplantações do coração, tendo efectuado a primeira no mundo em Dezembro de 1967. Dois dos seus doentes ainda se encontram vivos: Dorothy Fisher, que recebeu um coração novo em 16 de Abril de 1969, e Dirk Van Zyl, submetido a uma transplantação em 10 de Maio de 1971.

Maria Luiza Mendes Cravo Moreira

AGRADECIMENTO

Na impossibilidade de agradecer a todas as Firmas e pessoas que apresentaram condolências pelo falecimento da Esposa do seu Sócio-Gerente sr. Libertário Moreira a LIFER-SOCIEDADE DE REPARAÇÕESEINSTALAÇÕESMECÂNICAS, LDA. Vem por este meio testemunhar a sua profunda gratidão e reconhecimento por todos quantos o fizeram.

AGÊNCIA MAGNO
Tel. 534167

Maria Luiza Mendes Cravo Moreira

AGRADECIMENTO

Na impossibilidade de agradecer a todas as Firmas e pessoas que apresentaram condolências pelo falecimento da Esposa do seu Sócio-Gerente sr. Libertário Moreira a SOCIEDADEELECTRICALEVANTINA, Ld.ª. Vem por este meio testemunhar a sua profunda gratidão e reconhecimento por todos quantos o fizeram.

AGÊNCIA MAGNO
Tel. 534167

Maria Luiza Mendes Cravo Moreira

AGRADECIMENTO

Libertário Moreira, filhos e restante Família, na impossibilidade de agradecerem directamente a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar, vêm por este meio testemunhar a sua prefunda gratidão reconhecimento por todos quantos o fizeram.

AGÊNCIA MAGNO
Tel. 534167

AVISO

«O DEPOSITO GERAL DE ADIDOS, em Lisboa, pede-nos para comunicar ao Furriel Miliciano, JOÃO FILIPE BOAVIDA MILHEIROS, vindo de Angola, que deve apresentar-se com urgência na 4.ª COMPANHIA daquele Depósito, para assunto de seu interesse».

LEONILDE PAIS DA COSTA SOARES PAIS

(Missa do 30.º dia)

A família participa que amanhã dia 16 às 12.15, na igreja dos Santos Reis, no Campo Grande, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

DL/ESTRANGEIRO

OS MAIS VIOLENTOS ATAQUES PRÓXIMOS DE SAIGÃO DOS B-52

SAIGÃO, 15 — (R) — Bombardeiros americanos B-52, realizando os seus ataques mais violentos perto desta capital desde que a ofensiva norte-vietnamita começou em Março, abalaram esta cidade durante a noite ao efectuarem missões contra tropas comunistas que se encontram apenas a 56 quilómetros de distância.

Os bombardeiros de oito motores despejaram centenas de toneladas de bombas sobre alvos a noroeste e a sudoeste de Saigão.

Círculos militares disseram que os ataques a noroeste foram feitos contra «unidades de grandes efectivos», transferidas para o Sul, vindas da frente menos activa de An Loc, para assaltarem o posto de comando de Lai Khe, a 43 quilómetros ao norte da capital.

As missões a sudoeste realizaram-se contra tropas comunitas, infiltrando-se do Sul, via Camboja, e ameaçando a auto-estrada número 4, rota vital de abastecimentos de víveres do rico delta do Mekong para a capital.

Os ataques de guerrilheiros, terroristas ou sapadores comunistas na região de Saigão têm aumentado consideràvelmente nas duas últimas semanas.

Oficiais afirmaram hoje em Saigão que não existia qualquer preocupação imediata pela capital, embora julgassem que fosse provável um assalto norte-vietnamita contra a cidade antes da eleição presidencial de Novembro nos Estados Unidos.

Notaram que a partida de forças americanas durante o ano passado deixara uma espécie de vácuo que as tropas sul-vietnamitas não tinham sempre preenchido com êxito.

SURTIDAS CONTRA O NORTE

HONG-KONG, 15 — (F. P.) — A aviação americana efectuou perto de 100 surtidas na segunda-feira contra a capital da província de Thanh Hoa, onde matou ou feriu cerca de 100 pessoas, segundo anuncia a agência norte-vietnamita de Imprensa.

Os efeitos destes bombardeamentos foram agravados pelas salvas de navios de guerra disparadas ao largo das zonas costeiras das províncias de Nghe An e Ha Tinh.

O primeiro-ministro indiano, sra. Indira Grandhi, discursando hoje em Nova Delhi, durante as comemorações do quarto de século de existência da União Indiana. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).

PLANO PARA ROMPER O BLOQUEIO DA CERVEJA ÀS ILHAS SHETLANO

LONDRES, 15 — (ANI) — Os sequiosos habitantes das ilhas situadas ao largo da Escócia estão hoje — 18.º dia da greve dos estivadores — a planear o modo de receberem cerveja, fazendo-a passar através dos piquetes dos grevistas.

Na semana passada acabaram as reservas de cerveja nas remotas ilhas Shetland, e os bares fecharam as portas. Os habitantes pediram aos estivadores de Aberdeen — que concordaram em carregar abastecimentos de emergência (produtos alimentares e combustível) para as ilhas — que incluissem a cerveja entre os produtos de primeira necessidade.

Os estivadores vão hoje proceder a votação sobre o assunto. Mas se a resposta for negativa, os habitantes tencionam introduzir nas ilhas um barco cheio de garrafas de cerveja.

O plano é o seguinte: Um barco de pesca alugado dirige-se a um pequeno porto, algures na costa escocesa, e carrega vinte e cinco toneladas de cerveja, o fornecimento de uma semana.

Apesar de os estivadores das ilhas também se encontrarem em greve, um informador declarou que não haverá problemas com o descarregamento da cerveja no seu destino, Lerwick.

«Aqui, somos primeiro filhos nativos e só depois sindicalistas — declarou o informador — se for recebida cerveja para os bares, descarregá-la-emos».

Os bares das ilhas continuam encerrados, e os bares dos hotéis possuem pequenas quantidades de bebidas alcoólicas.

Entretanto, aumentaram as esperanças de que na conferência dos estivadores, a realizar amanhã, seja votado o fim da greve.

Este optimismo foi expresso por Jack Jones, secretário-geral do sindicato dos estivadores, ao declarar ter sido feito progresso no objectivo de encontrar trabalho para os estivadores que carregam e descarregam contentores.

Às firmas de contentores prometeram mais de duzentos empregos a estivadores — declarou Jones.

PRÓXIMO FIM DA GREVE?

A polícia teve ontem um recontro com os estivadores, num porto privado do Lincolnshire, pois os piquetes de grevistas tentaram impedir que um grupo de fura-greves carregasse alguns navios.

Foram presos vários estivadores em greve, e ficaram gravemente feridos alguns polícias.

E a segunda vez que os estivadores têm recontros com a polícia, neste mesmo porto.

Ainda não há notícias concretas sobre o possível termo da greve, que está no seu 18.º dia consecutivo, mas pensa-se que venha a acabar no princípio da próxima semana, pois os dirigentes sindicais reunem-se ainda esta semana.

Os estivadores entraram em greve em 28 de Julho, exigindo que apenas a estivadores registados fossem dados empregos no manuseamento de contentores, quer portos quer nos terminais.

Funcionários do sindicato declararam que se os delegados dos estivadores votarem o fim da greve, os abastecimentos mais urgentes poderiam ser descarregados na sexta-feira, regressando os estivadores ao trabalho na próxima semana.

ACUSAÇÕES DE BOKASSA: ESPANTO NA ONU

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 15 (ANI) — Nos círculos do secretariado das Nações Unidas foi acolhida com espanto uma notícia da Imprensa, a informar que o presidente da República Centro-Africana, Jean Bedel Bokassa, acusa o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, de interferir nos assuntos internos do seu país.

Um informador da ONU negou que Waldheim tivesse enviado um protesto escrito à República Centro-Africana.

Nenhum funcionário da ONU debateu este assunto com a República Centro-Africana — acentuou o **informador.**

Surgiram há pouco, na Imprensa de todo o Mundo, notícias de que tinham sido mortalmente espancados vários homens, naquele país, com a aprovação do presidente Bokassa. Waldheim, no entanto, nunca se referiu ao assunto.

Caleidoscópio

EM PERIGO DE VIDA

PARIS, 15 — (ANI) — Passou a fronteira francesa o Wolkswagen cor de laranja em que viaja uma jovem turista que foi mordida, há dias em Marrocos, por um cão raivoso. As autoridades não dispõem da sua identificação, mas conhecem a do proprietário do automóvel e da matrícula (alemã) FST 741, em que viaja a senhora que se encontra em grave perigo de vida.

APOIO A MCGOVERN

WASHINGTON, 15 — (ANI) — Os dirigentes de 25 sindicatos da confederação AFL-CIO formaram uma comissão, que procurará obter apoio para o candidato democrático á eleição presidencial, senador George McGovern, «embora não possa apoiar em todos os pontos a posição por McGovern em relação á guerra no Vietname».

HIROHITO: «PESAROSO»

TOQUIO, 15 — (R) — O Japão prestou hoje homenagem a mais de três milhões de mortos na guerra durante cerimónias assinalando o vigéssimo sétimo aniversário da rendição do país na Segunda Guerra Mundial. Milhões de japoneses ouviram o seu chefe durante a guerra, o imperador Hirohito, declarar que, 27 anos depois do fim da conflagração mundial «sinto-me pesaroso ao pensar naqueles que foram mortos na frente de batalha ou na pátria e nas suas famílias enlutadas».

FLOR ÚNICA

LEEDS (INGLATERRA), 15 — (ANI) — Cientistas da Universidade de Leeds montaram uma guarda de 24 horas a um terreno baldio próximo da escola botânica: foi ali detectada uma «sglitaryboschid» — flor silvestre rara na Inglaterra, a que os ingleses chamam «chinelas de dama». «Estamos decididos a não permitir que aquela flor única seja colhida ou destruída inadvertidamente, e que desse modo se extinga» — declarou o chefe da equipa de botânica da escola dr. William Sledge.

ANA: 22 ANOS

GLASGOW (ESCOCIA), 15 — (ANI) — A princesa Ana festeja hoje na maior intimidade os seus 22 anos, na residência da família do coronel Michael Borwick, em Dalry. Ainda hoje fará uma inspecção ao hipódromo aonde amanhã decorrem as provas hípicas, em que a princesa participa montando um dos cavalos da rainha o Columbus.

AO IR PARA FÉRIAS

LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR KONI DARÁ

MELHOR ESTABILIDADE

MELHOR DIRECÇÃO

MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS ★ REGULÁVEIS ★ REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

EMPREITADA DE REPARAÇÃO DA E. M. 502 ENTRE O C. M. 1256 E VERDELHA DO RUIVO

ANÚNCIO

Faz-se saber que, de harmonia com a deliberação camarária de 25/7/72, se encontra aberto concurso público para a empreitada em epígrafe, sendo de dias o prazo para apresentação das propostas. Este prazo será contado a partir do dia seguinte ao da publicação do presente anúncio no «Diário do Governo». No caso de o último dia cair num sábado o termo do prazo passa para o primeiro dia útil seguinte.

O acto público do concurso realizar-se-á na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pelas 16 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas se esse dia for sábado.

PREÇO BASE DO CONCURSO	241 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA	6 025$00

A caução definitiva será de 5 % do valor global da adjudicação.

Álvarás(s) Categoria — ; Subcategoria — ; Classe
Categoria — ; Subcategoria — ; Classe

A caução provisória é prestada mediante depósito na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, à ordem desta Câmara Municipal, por guia preenchida pelos concorrentes, de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso, ou mediante títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou, ainda, por garantia bancária.

O programa do concurso, caderno de encargos e projecto estarão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secção de Obras da Câmara Municipal.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou, entregues directamente na Secretaria da Câmara Municipal, contra recibo.

Vila Franca de Xira, 29 de Julho de 1972.

O Presidente da Câmara
Febo Vargas de Matos
Ten. Cor. Pil. Av.

DL/DESPORTOS

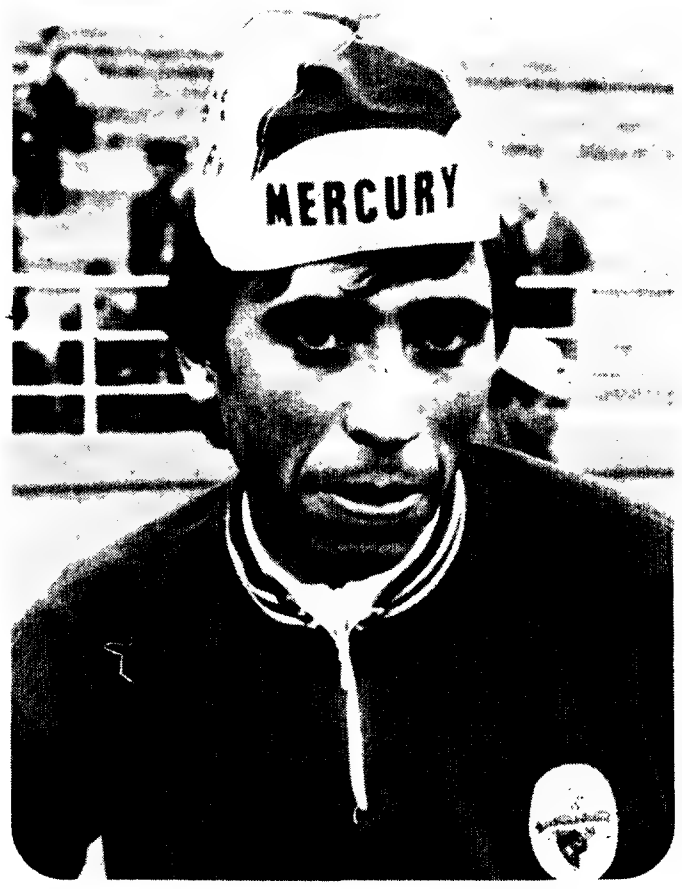
DL na "VOLTA" em "TOYOTA"

REPORTAGEM

Por NEVES DE SOUSA

BENFICA DE AMARELO:

«Tinha de ser ali. Quando, um pouco atrás, vi o Agostinho, pedir água, e mais adiante tirar as mãos do guiador e fazer exercícios com os ombros, pensei cá para comigo: ou agora ou nunca. E abalei. Faltavam poucos quilómetros, «senti» que ninguém me podia deter (vinham todos á «rasca»), e fui ganhando dezenas de metros de avanço. Ao chegar isolado á meta, percebi que a «amarela» era minha. Pela primeira vez na minha vida de ciclista, tinha ganho uma etapa. Pela primeira vez na minha vida de ciclista, ganhava o direito de me vestir de amarelo. Eu, que já representei tantos clubes...»



Venceslau Fernandes: aos 27 anos de idade, a primeira grande satisfação da sua vida. Venceslau Fernandes: o homem que o Centro de Medicina Desportiva quis derrotar no gabinete médico, acabava de conquistar com todo o mérito, a camisola amarela desta 35.ª Volta a Portugal em bicicleta. Até quando? Até quando um outro se mostrar mais forte do que ele.

(Começou como popular no Leixões. Em 1964 foi para o Académico, tendo no ano seguinte seguido para o Ultramar, onde permaneceu três anos. Na hora do regresso, escolheu a Ambar, para logo abalar para França, com o rótulo de emigrante. Regressou: e para as competições ciclistas, ao serviço do sangalhos, antes de surgir a hipótese do Benfica. Uma história salpicada de pequenos dramas, sublinhada por muitas reprovações por parte do Centro de Medicina Desportiva. Por causa do coração. O mesmo coração que hoje de manhã saiu de Pedras Salgadas, vestido da satisfação sincera de uma alma simples. Não é todos os dias que se ganham camisolas amarelas...)

CICLISTAS CONTRA ORGANIZAÇÃO

Não começou da melhor maneira a disputa da 5.ª etapa desta Volta a Portugal: muitos grupos dos que fazem a festa, conversavam e protestavam. Eles não gostam de duas etapas num só dia, pois sentem-se humanos como todos: no fim de um dia de trabalho, gostam de um pouco de repouso, sem pensar numa segunda dose de esforço. E isto de correr de manhã, almoçar num ápice, esperar umas horas, e voltar á estrada, não ajuda ninguém. Por isso eles protestam: para os homens da informação ouvirem, pois são os únicos que, preto no branco, são capazes de levar o eco dos seus lamentos até junto da organização. Ninguém duvide: os ciclistas (os artistas da festa) estão contra os homens que traçaram a prova (os «donos» da festa). E, se um dia destes rebentar uma «bomba», que ninguém se admire...

MEIA BOLA E FORÇA

Depois de muita conversa, principiou a etapa: aos esticões. Principalmente dos rapazes do Porto e também de Firmino. Porém, aos olhos dos acompanhantes, não passava despercebido o ar aborrecido de quem viajava em cima de bicicletas. Pelo motivo já apontado e também por haver, entre os acompanhantes, muitos para-quedistas»: condutores de carros e motos que põem em constante perigo a vida dos ciclistas. Neste pé, percorreram-se 40 quilómetros em uma hora e dez minutos. Foi quando o José Martins resolveu tentar a sua chance e perdeu, o mesmo acontecendo a Celestino de Oliveira um pouco mais adiante. Goradas as tentativas dos homens da Coelima e do Sangalhos respectivamente, veio a Ambar impôr o andamento: um pouco mais violento, como que a experimentar forças. Aos 60 quilómetros, o portista Manuel da Costa, caí mas consegue recolar com relativa facilidade, porque tem uma ajuda imprevisível: os impulsos dos carros do director eo do juri da prova. Cinco mil metros volvidos, Manuel Soeiro, do Porto, fura, para em Codeçoso surgirem as primeiras grandes dificuldades.

CHORO PEDE ÁGUA

Valdemiro Cardoso, sofre a bom sofrer. Não estamos ainda a meio da tirada, e o rapaz chora. Estamos dentro da zona do abastecimento de água, e o rapaz não a tem. Por isso chora. Por isso sofre. E atrasa-se, juntamente com Jorge Fernandes (Tavira), enquanto Sousa Vieira (seu companheiro de camisola, Ambar) cai e Francisco Miranda (Sporting) tem de se socorrer do médico da prova, por se encontrar indisposto. Ultrapassa-se S. Fians e Kindt e Rochat (Macieira) furam. Com eles, fica Rivory, que os ajuda a recolar. Enquanto isto, o benfiquista Fernando Vieira vai ao carro do médico e é injectado, e Alvaro Roque (Ambar) fura igualmente. Mas o pior aproximava-se: num péssimo troço de estrada, onde em vez de alcatrão o piso era de pedra solta, seis corredores atrasam-se substâncialmente. São eles Eduardo Castelon (Louletano), João Pinhal, Venceslau Fernandes (Benfica), Carlos Vitorino (Tavira) e Andrés Oliva Sanchez (Messias). Passado o mau bocado, (sem os «monstros» aproveitarem para se destacar), atinge-se o meio da tirada, que é quando Firmino Bernardino se queixa de fortes cãimbras na perna esquerda. Recompõem-se e contínua. Agostinho vem para a frente e Rochat cai. E o rosário de infelicidade continua: José Firmino (Ambar) fica para tras, António Graça e Manuel Mestre (Tavira) furam, Manuel Luís (Sporting) tem a máquina avariada. E a caravana corre perigo com o segundo carro da Ambar, quando os ciclistas desciam a 90 kms/h. Mas as dores de cabeça estão quase a terminar: faltam apenas cinco quilómetros para a chegada, e já se avista a meta Robbialac: adianta-se Andrés Oliva e ganha. Quando já todos esperavam uma chegada em pelotão, Venceslau Fernandes, ainda vestido de encarnado, avança: ninguém o consegue segurar, e aos dez metros ganhos com espantosa facilidade, junta-lhes outros e outros. E ganha nove segundos de avanço, sem contar com a bonificação. Justo prémio para um rapaz sonhador, que um dia nasceu em Perosinho, ali á beira de Vila Nova de Gaia...

ESCARAMUÇAS E CHAMADAS EM VÃO

Na alegria da vitória, Venceslau não deu por nada: mas Joaquim Leite teve uma escaramuça com o seu colega de equipa, Manuel da Costa. Leite protestava: **«Perdi a camisola amarela, por tua causa. Es um nabo, não sabes nada disto. Pedi-te para o ires buscar (referindo-se a Venceslau) e tu não foste. Agora, já não tenho hipóteses de a reconquistar.»**

Enquanto isto se passava, a organização chamava nomes para vestirem a camisola amarela a Venceslau: Fernando Ávila, primeiro, Nuno Mota, depois, Neves de Sousa em terceiro lugar. Nenhum respondeu á chamada: não por o vencedór e novo camisola amarela desmerecer a nossa consideração, mas sim porque ali não estava ninguém com aqueles nomes: quando é que a organização decora que nós andamos ali em nome dos nossos jornais, e nunca por gosto ou divertimento pessoal? Talvez o Miguel Simões lhe ensine. Não foi ele quem salvou a situação, indo vestir de amarelo quem de verde sonha as tiradas que faltam?

NOMES E NÚMEROS DA TIRADA

O vencedor da etapa foi Venceslau Fernandes, que somou o tempo de 4 horas, 2 minutos

Continua na pág. 17

CLASSIFICAÇÕES

CLASSIFICAÇÃO À SAÍDA DE PEDRAS SALGADAS

1.º	Venceslau Fernandes. (Benf.)	8	59	22
2.º	Joaquim Leite (Porto)	8	59	27
3.º	Joaquim Agostinho (Sport.)	8	59	32
4.º	José Martins (Coelima)	8	59	35
5.º	José Luís Galdamez (Coelima)	8	59	35
6.º	Francisco Valada (Ambar)	8	59	40
7.º	Manuel de Sousa (Porto)	8	59	56
8.º	António Teixeira (Sport.)	8	59	58
9.º	António Graça (Gin. Tav.)		m.	t.
10.º	José Madeira (Gin. Tav.)		m.	t.

GERAL-EQUIPAS

1.º	Coelima	26	58	47
2.º	Sporting	26	58	57
3.º	F. C. Porto	26	59	14
4.º	Ambar	26	59	23
5.º	Benfica	26	59	26
6.º	Messias	26	59	29
7.º	Gin. Tavira	26	59	51
8.º	Sangalhos	26	59	58
9.º	Macieira	27	00	02
10.º	Louletano	27	06	08

METAS VOLANTES

1.º António Guedes (Ambar)

META POR PONTOS

1.º Juan Zurano (Messias)

PRÉMIO PROGRESSIVIDADE

1.º António Guedes (Ambar)

COMBINADO

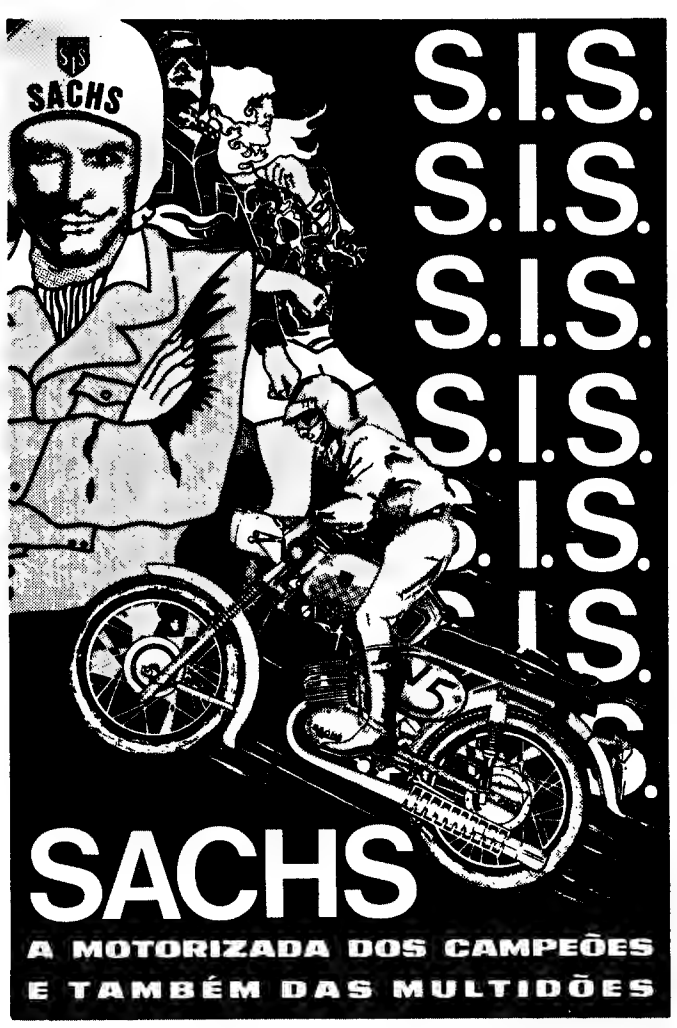
1.º Joaquim Leite (F. C. Porto)

COMBATIVIDADE

1.º Pedro Moreira (Ambar)

PRÉMIO DO AZAR

(Não foi atribuido)

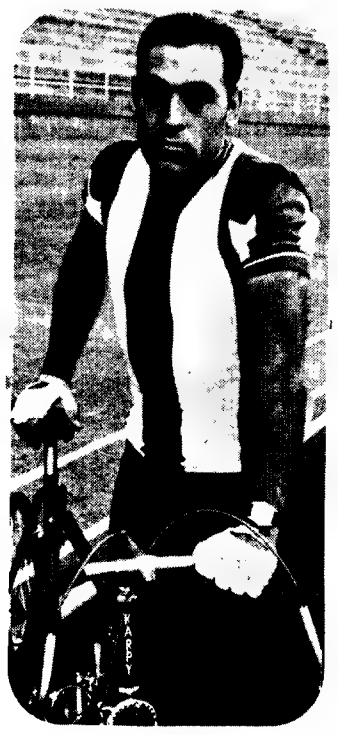


GRUNDIG Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

AMBAR
FÁBRICA DE ARTIGO ESCOLAR

A VOLTA DO VELHO SENHOR

PARAQUEDISTAS ESPANHOIS CAIRAM EM LOULÉ...



O Algarve sempre foi uma terra apetecida: mas para passar umas férias tranquilas, debaixo do seu Sol que queima, ou nas suas águas tépidas de conforto. Mas, por causa desta 35.ª Volta, o Algarve (mais pròpriamente Loulé), recebeu a «invasão» de «pára-quedistas» espanhois, que quiseram vir a este rectângulo à beira mar plantado, «fazer uma perninha». Um deles é nome conhecido: o outro, veio por «tabela». São, respectivamente António Gomez Del Moral e Eduardo Castelon.

Tive oportunidade de falar com ambos: **Meu amigo, não sou tão velho como pareço. Faço 33 anos em Novembro próximo**. Palavra de honra? — perguntei ao ver sua grande barriguinha e cabelo grisalho. O sujeito emcabula e prefere contar a história:

FIz doze voltas à Espanha, tendo 4.º lugar nos anos 63,65 e 66. Fiz 5 «tours» à França e dois «giros» à Italia. Fui leader durante dias. Meu irmão José Gomez Del Moral não corre há 6 anos. Temos uma oficina em Sevilha: «Ciclos Gomez Del Moral» Sou pai de três miúdos: Maria Carmen (6), António (5), Alberto (3). Venho barato, falaram-me em Sevilha destas férias... Mas ainda corro pelo licor Karpy. E tenho grande palmarés: vitórias «voltas Andaluzia, Catalunha, Levante, Rioja e Maiorca. Fui campeão espanhol em 1966 e da montanha em 67. Ganhei, para aí 100 etapas. O Castellon veio porque é meu amigo.

Quanto cobrou? (perguntei). **Barato. Umas férias...** Outra pergunta: mas tem só 32 anos? Moral (que não quer ficar com moral em baixo) vira costas.

Quanto ao outro, soube que tinha 31 anos e dois filhos: Eduardo (2 anos) e António Abel (1 mês). Mora em Vall D'Uso (Castelon de la Plana, entre Valência e Castilla). Porque veio? **«Vim porque o Gomez Del Moral me falou nesta volta. Cobro fixo, por dias de corrida: se acabar recebo perto de 20 contos. Corro (em Espanha) pelo Licor Karpy. Já entrei 7 voltas a Espanha e três tours de França. Se acabar esta fico vaidoso.**

LEONEL MIRANDA: ISTO SÓ BENEFICIA OS MINORCAS ...

«Até aqui tudo tem decorrido normalmente. Julgo, em consciência, que na luta por equipas, a coisa irá ser muito discutida pelo Sporting e pelo F. C. do Porto. É que não vejo o Benfica com estofo para se aguentar no balanço. Não estou a gostar é das etapas curtas, e de sermos obrigados a cumprir duas por dia. O que a gente quer é fazer logo de início uma selecção de valores. E essa selecção só pode ser feita com a realização de etapas grandes. Ponham-nos a correr 300 quilómetros por dia, mas acabem com as tiradas pequenas. Com este sistema, só estão a beneficiar os «minorcas». Ná! Esta coisa de duas etapas por dia, não me convence».

Quem nos fala assim, é Leonel Miranda, um dos homens fortes do Sporting, outro nome indicado para figurar na lista dos prováveis. Mas, por enquanto, Agostinho, ainda cá anda...

NOS BASTIDORES DA VOLTA HÁ LUTA BENFICA-SPORTING

Já tinha notado qualquer coisa, mas não tinha ainda a confirmação: ela veio ontem, no fim da etapa das Pedras Salgadas, quando tive oportunidade de conversar um pouco com o «leão» Vítor Rocha. Desabafou assim: **«Não posso com o 68 do Benfica (José da Silva)! Anda sempre atrás de mim, não me deixa fazer nada. Parece um autêntico polícia em constante vigilância. Faz-me uma marcação homem a homem, espreita todos os meus gestos. Qualquer dia apanha-me mal disposto e vai ser um caso sério».**

Perante esta confissão, fui ter com o José da Silva: **«Tenho instruções para seguir e marcar o Vítor Rocha. Sabemos que ele é a arma secreta do Manuel Graça, o homem que tanto vale para ir buscar qualquer fugitivo, como para tapar qualquer fuga de um companheiro. De modo que, tenho estas ordens. Mas há ainda mais: ele é compadre do Agostinho, e portanto está sempre pronto para fazer o seu «jogo». De modo que, estou disposto a seguir todas as suas manobras».**

FRANCISCO MIRANDA: NÃO CHEGO ÀS PENHAS

Francisco Miranda é corredor que enverga a camisola listada do Sporting. Ontem, ao fim da tarde, não era um homem feliz: no seu rosto, lia-se todo o esforço dispendido, toda a tristeza pela quase certeza de não chegar ao fim. Disse-me: **«Travam-se já grandes lutas entre a Coelima, o Porto, o Sporting e o Benfica. Sem esquecer a Ambar, que desde a primeira pedalada luta por um lugar de honra. Quanto a mim, cá vou andando, mais mal do que bem. As pernas não querem corresponder ao que lhes peço, estando portanto bastante desmoralizado. Talvez me engane, mas tenho cá a impressão de que não chego às Penhas da Saúde. Antes disso, «eles» tratam-me da dita...**

E lá foi, bicicleta pela mão, máscara de dor implantada em rosto sem confiança...

LEÕEZINHOS FORAM VER LEÕES

Foi uma festinha enternecedora, bonita que todos aplaudiram: uma festa de leões, que caiu muito bem a todos os presentes. Em Pedras Salgadas, no Hotel Universal, pequenos leões foram cumprimentar grandes leões: os filhos de Joaquim Agostinho e de Leonal Miranda, foram ver os papás, levados pelas respectivas mães. Foi uma festinha simples, enternecedora: que fez os dois ciclistas esquecer as amarguras ditadas pela estrada... e por quem nelas foi autorizado a andar. Leõezinhos foram ver leões: E Agostinho ficou mais contente por rever o seu herdeiro, e Miranda sorriu perante a surpresa.

O QUE ELES QUEREM É SEGURANÇA

Vai acontecer «bronca» na estrada?

Se as coisas continuam assim, não há dúvida de que qualquer dia a Volta fica parada à espera de solução. E tudo porquê? Porque os corredores querem uma coisa chamada segurança. Até ontem, eles tinham razão de queixa do carro de um jornal e das motocicletas que constantemente põem em risco as suas vidas. Henrique Silva, da Ambar, dá o sinal: **«Isto não é para aventureiros. Já fui atirado ao chão por um motociclista, e esse carro que anda aí a ser conduzido por um senhor que naturalmente não tem carta, já me bateu. Assim, é impossível a gente correr».**

António Guedes, da mesma equipa, afina pelo mesmo diapasão: **«Não quero muito. Só quero chegar ao fim da Volta em perfeitas condições. Não quero mais nada. Mas, para correr tranquilo, não deixem os «paraquedistas» andarem à nossa frente».**

Joaquim Agostinho, vai mais longe: **«Foi uma sorte não se ter registado ainda nenhum desastre. A nossa vida corre perigo. Motoristas sem o mínimo de condições, não podem andar connosco. Se isto continua assim, sou homem para desistir. Até o público que vai à estrada para nos ver, corre perigo. Isto não pode continuar.** António Graça, do Tavira: **«Temos de andar, sempre, com a máxima cautela. Peço por tudo à organização, para tirar os aventureiros do nosso caminho».**

Eusébio Pereira, também do Tavira: **«Isto assim é impossível. Andamos aqui a correr como profissionais, e chegam estes amadores que colocam a nossa vida num fio».**

FIRMINO BERNARDINO: QUERO A VOLTA PARA O MEU FILHO

Soubemos aqui em Pedras Salgadas: a todo o momento Firmino Bernardino espera receber um telegrama de sua esposa Elizabeth Lopes Bernardino, dando uma boa nova. E que, até ao dia 27, ele espera ser pai, e está tentando tudo para ganhar esta Volta: «Quero a volta para o meu filho. Tanto me faz que seja rapaz ou rapariga. O que eu quero é ganhar para lhe oferecer a vitória».

Firmino Bernardino, presente numa Volta pela quinta vez, está a pedalar bem e é um dos mais sérios candidatos à vitória final. Pena que seja da equipa de Agostinho. Mas um filho dá muita força a um homem...

A esposa do corredor leonino está em casa de seus pais, na Charneca do Milheirado, a terra onde um dia nasceu Beatriz Costa. Com 22 anos, Firmino está na Academia Militar e nesta Volta apenas chora um pormenor: o ter sido incluido em Vila do Conde onde não participava Joaquim Agostinho. Esse pormenor fê-lo perder 40 segundos. Se não fosse isso, onde estaria ele agora?

Quem quizer a resposta, que faça as contas...

NAS VOLTAS DO «DIA-A-DIA»...
...Lençois
Coelima
VESTEM O SONO DAS SUAS NOITES

1922-1972
50 ANOS
Sociedade Têxtil
ALBANO COELHO LIMA
S. A. R. L.
PEVIDÉM-GUIMARÃES

AGÊNCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade 160

DL DESPORTOS — CICLISMO

DL na "VOLTA" em "TOYOTA"

REPORTAGEM

Por REVES DE SOUSA

MÁRIO SILVA: Saudade vai-te embora

Já foi grande. Enorme: já venceu a Volta, já emprestou o seu esforço para pintar de entusiasmo as estradas de Portugal. Hoje, ele é um homem que recorda o passado, que não inveja os que lutam contra o tempo e os quilómetros, porque é um dos raros que teve a oportunidade de trocar a bicicleta e a luta ao Sol, por um lugar bem mais tranquilo. Chama-se Mário Silva, e fomos encontrá-lo (como espectador) no Estádio das Antas:

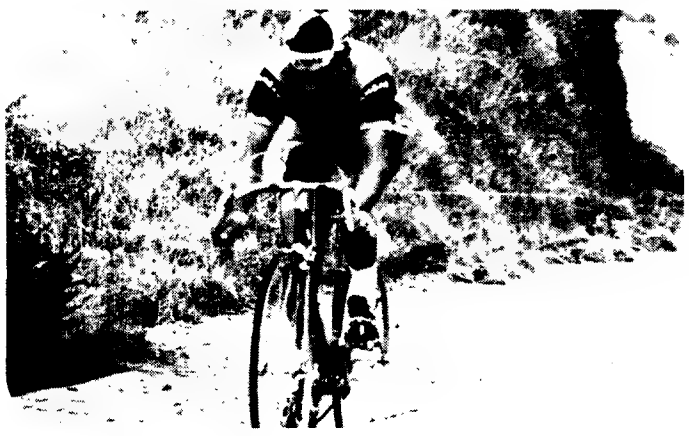
"Deixei-me disto, de treinar, de dirigir ciclistas que não ligam nenhuma ao profissionalismo. O meu sogro tem negócios comerciais e eu estou ligado, em S. João da Madeira, a uma indústria que está a render muito: cunhos, cortantes e moldes. Resido lá e tenho uma fábrica que não dá para as encomendas. Sou pai de dois filhos: Isabel Cristina (5 anos e meio) e Mário Jorge (7 meses). Sobre a etapa das Antas a que assistiu disse: **"Grande público, este do ciclismo. Na minha vida, só assisti a enchentes assim nos grandes duelos do futebol. Mas o Sporting foi prejudicado: correu quando começou a chover, e isso é o diabo para um "pistard".**

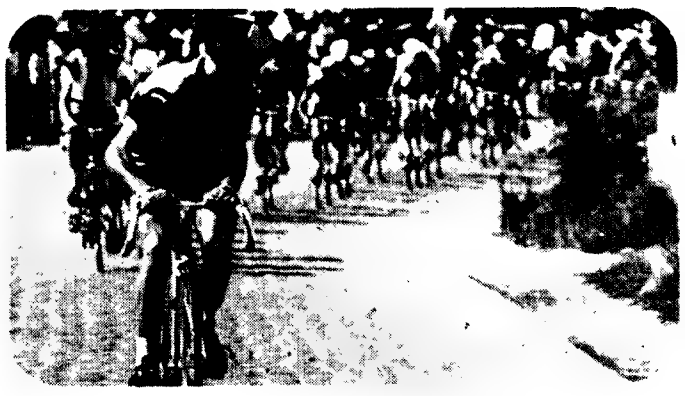
Tirei muito proveito do ciclismo: Ganhei bastante dinheiro, promovi-me socialmente e, o que foi muito mais importante, arranjei imensos amigos. Mas, tenho saudades das bicicletas: e venho matá-las assim, de vez em quando».

A PRIMEIRA FUGA - 72

António Guedes (que o ano passado foi o último da «Volta») foi, este ano, o primeiro a tentar e concretizar uma fuga. Na etapa de estrada, a caminho de Guimarães, arrancou forte numa subida, conseguiu a vantagem regulamentar para que os carros se pudessem interpor, e em curto espaço de tempo era uma ilha na imensidão da estrada. Sempre incitado pelo seu director desportivo foi ganhando vantagem: chegou a um minuto e meio de avanço sobre o pelotão e assim continuou quilómetros e quilómetros.

Já mais próximo da meta e ao ser informado que os «feras», lá atrás, vinham lançados a toda a brida para o apanhar, abrandou, esperou, e, rolando lentamente, assistimos ao momento em que, olhando para trás, constatou a aproximação do grupo, saudando-o com um «bom dia, companheiros». O filme fotográfico, mostra-nos isso, exactamente.





Etapas de amanhã

Há percurso neutralizado de Seia para Tondela. E é nesta vila que se inicia a 7.ª etapa que conduz ao Porto, na distância de 141 quilómetros. A partida será dada às 10 horas, seguindo os ciclistas por Modelos e Campo de Besteiros, atingindo o Caramulo (onde há uma contagem de montanha de 2.ª categoria) às 10 e 30.

Depois, por Monte Teso, Paranho, S. João do Monte, Bolfiar (onde tem início o abastecimento de água) e, passada Raivo, é alcançada Agueda (onde está instalada a meta volante) às 11 e 33. Vouga e Albergaria-a-Nova estão de seguida no itinerário, seguindo-se Branca e Silvares até Oliveira de Azemeis, que deverá ser atingida cerca das 12 e 27.

S. João da Madeira terá a caravana às 12 e 40, e depois os ciclistas prosseguirão por Malaposta de Sanfins, Seixezelo, Senhora do Monte, Rechousa (onde termina o abastecimento de água), Laborim, e é chegada Vila Nova de Gaia. A cumprir-se o horário, ali estarão os ciclistas às 13 e 32.

À noite, as Antas terão uma festa de ciclismo. Lá decorrerá a 8.ª etapa da «Volta», com o contra-relógio no sistema de perseguição individual. Os ciclistas darão cinco voltas ao Estádio, as quais perfazem 2250 metros.

Ser do Sul... e atacar no Norte

Um "ar" do Aires

«Não apertei mais, no sentido de chegar vitorioso à meta, porque comecei a sentir e a sofrer bastante com câibras».

Quem nos dizia isto, no final da etapa em Braga, era o jovem corredor César Aires, do Ginásio de Tavira. Cesár Aires que foi, não haja dúvida, a grande figura da 4.ª etapa da «Volta». Por alturas de Parelhal, ele saltou do pelotão com gana e aí foi «comendo» quilómetros e ganhando vantagem. Na sua cola partiram quatro corredores mas o moço continuava, olhos postos na fita da estrada, rumo à meta que pretendia tivesse o seu nome como vencedor. Autêntica prova contra-relógio ia ele a fazer. Mas estava escrito que o seu desiderato não seria alcançado. Ganhou a meta volante em Barcelos, chamou a si todos os prémios particulares e ainda conseguiu ser o primeiro na meta que lhe conferia o direito ao Troféu «Mercury». Por aí se ficou nos seus sonhos de glória. Com o prémio maior à vista, ele já não teve ânimo para o derradeiro esforço. Foi alcançado e ultrapassado.

«Foi pena que as câibras não me permitissem ir um nadinha mais longe. Mas, sabe, foi preferível deixar-me ficar, depois, no pelotão, que tentar tudo por tudo e vir a perder o melhor da festa. É que eu não quero fazer um brilharete e dizer adeus à «Volta». Pretendo continuar e aguardar outras oportunidades».

Aí estava, em frases simples, a profissão de fé de César Aires, o herói derrotado do dia. César Aires, agora «profissional» de ciclismo e que até há pouco exercia a função de pedreiro ganhando 150 escudos diários. De um moço com verdadeira fibra de alentejano, que há dezoito anos viu a luz do dia em Santa Clara-a-Velha, terra situada entre Odemira e Beja. Ex-pedreiro de 150 escudos diários, agora ciclista cheio de fé e de esperança. Que quer fazer umas «coisas» na ingrata profissão do ciclismo. E a verdade é que o Aires já deu um «ar» da sua graça. Ele foi o herói da caminhada de Vila do Conde para Braga...

A VENDA EM TODO O PAÍS

EM LISBOA:

LISÁGUA DISTRIBUI

Pedidos: Tel. 553336-553809

A nossa reportagem acompanha a "Volta" num

TOYOTA

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

JOGOS OLIMPICOS

Dois militares e um civil constituem a equipa portuguesa de Hipismo

«Ulla da Lâcome», «Sire du Brossais», e «Can-Can» são as três montadas com que os cavaleiros portugueses Carlos Campos, Vasco Ramirez e Francisco Caldeira tantarão continuar as belas proezas do Hipismo português nos Jogos Olímpicos. E uma das únicas modalidades em que já conquistámos medalhas e por isso as responsabilidades dos três cavaleiros são muito maiores. De reserva para qualquer eventualidade ou lesão o cavalo «Fliper» que igualmente merece confiança plena dos cavaleiros lusos.

A representação portugeusa competiu diversas vezes no estrangeiro, durante estes últimos meses, nomeadamente em Pau, Nice, Roma e Madrid. O interesse dos federativos e das entidades mais ligadas ao Hipismo (Ministério do Exército, em especial) matem-se vivo ao ponto de há vàrios dias os cavaleiros terem partido para o estrangeiro para participar em mais um concurso, o de Dinard, onde se faz o ensaio geral das provas de hipismo. .

A mais famosa égua portuguesa, a «Gitana», ficou cá pois ainda é muito nova para estas altas cavalarias, embora o seu cavaleiro preferido, Francisco Caldeira participe nos Jogos. Caldeira é, aliás, o único civil da representação no hipismo, pois além do coronel José Carvalhosa, chefe de equipa, os dois outros cavaleiros são militares, o major Carlos Campos e o capitão Vasco Ramires.

1109 MEDALHAS PARA ATRIBUIR

. Às 1109 medalhas (ouro, prata e bronze) que são atribuidas nos Jogos Olímpicos deste ano, pelas diferentes disciplinas olímpicas, distribuem-se como segue: (total)

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
Atletismo	50	50	50	150
Remo	26	26	26	78
Basquetebol	12	12	12	36
Pugilismo	11	11	22	44
Kayak (velocidade)	13	13	13	39
Kayak («Sallom»)	5	5	5	15
Ciclismo	14	14	14	42
Esgrima	20	20	20	60
Futebol	13	13	13	39
Ginástica	24	24	24	72
Halteres	9	9	9	27
Andebol	12	12	12	36
Hoquei	13	13	13	39
Judo	6	6	12	24
Luta	20	20	20	60
Natação (saltos)	48	48	48	144
Polo Aquático	11	11	11	33
Pentatlo Moderno	2	2	2	6
Equitação	8	8	8	24
Tiro	8	8	8	24
Tiro ao arco	2	2	2	6
Voleibol	24	24	24	82
Vela	13	13	13	39
Total	364	364	381	1109

Chi Cheng (a «maior» da Ásia nos 200 metros), já chegou à Alemanha e, nos intervalos do treino, vive com a população

BENFICA DE AMARELO

Continuação da pág. 14

e 55 segundos (já com bonificação,) seguido de Jesus Salcedo (Messias) com o tempo bonificado de 4 h. 3 m. e 6 s.. Em terceiro lugar, Juan Jerez (Messias) que somou 4 h. 3 m. e 8 s., seguindo-se um vasto pelotão comandado por Francisco Valada que foi creditado do tempo de 4 h. 3 m. e 9 s.. Foram eliminados António Lopes (Louletano) e Manuel Soeiro (Porto), que gastaram quase 20 minutos mais do que o vencedor da tirada.

AS CONTAS DO MÉDICO

Pediram assistência médica, durante a tirada, os seguintes ciclistas: António Lopes, Fernando Mendes, Fernando Vieira, Andrés Oliva, Firmino Bernardino, Manuel Soeiro e Manuel Mestre. Foram indicados para o controle anti-doping, os seguintes corredores: Joaquim Leite, Venceslau Fernandes, Manuel Godinho e Jesus Salcedo.

ATLETISMO

Campeonato Nacional Aberto conclui-se no fim de semana

ATLETISMO: A Federação Portuguesa de Atletismo marcou para o próximo fim de semana as 3.ª e 4.ª jornadas do campeonato nacional aberto realizando-se as provas na pista de «tartan» do estádio nacional, com o seguinte programa:

Sábado, 16,00 h. — 100 m. dec.; 16.30 h. — comprim., déc.; 17.30 h. — peso dec. — 200 m. bar.; 17,45 h. — 300 m. (extra), 18,00 h. — 4x400 m. 18,15 h. — 500 m. inf. fem. (Extra) 18.30 h. — altura dec. 200 m. bar. fem. (Extra) 18,45 h. — 700 m. inic. masc. (Extra), 19,00 h. — 4x100 m. 19,15 h. — 4x1 500 m. 19,30 h. — 400 m. dec.

Domingo: 16,00 h. — 110 m. bar. dec. triplo Salto (Extra), 16,30 h. — Dispo dec. 17,30 h. — Vara dec. — 200 m. masc. (Extra), 17,45 h. — 100 m. bar. (Extra) 18,00 h. — 1000 m. inf. Masc. (Extra), 18,15 h. — 4x800 m. 18,30 h. — dardo dec. 4x200 m. 18,50 h. — 10 000 m. 19,30 h. — 1500 m. dec.

Podem concorrer todos os atletas federados bem como os corporativos desde que a F. N. A. T. reconheça neles um mínimo de valor competitivo condizente com a natureza do Campeonato.

As inscrições devem ser feitas nesta Federação até á próxima 5.ª feira, dia 17, através das respectivas Associações.

Aos atletas classificados nos três primeiros lugares serão conferidas medalhas, tanto nas provas individuais como nas corridas de estafetas.

A F. P. A. comparticipa nas despesas de deslocação nos moldes habituais, dos atletas vencedores dos Decatlos Regionais e do Atleta do C. F. Santa Clara, Aniceto Simões.

Poderão ser consideradas outras participações a atletas visitantes desde que sejam indicados pelas respectivas Associações e se reconheça possuirem nível compatível com o Campeonato de Portugal.

A FEDERAÇÃO DE ATLETISMO

CONGRESSO DA I. A. A. F.

F.: far-se-á representar no Congresso da I. A. A. F. a realizar em Munique em 28/30 Agosto e 10/11 de Setembro próximos pelo seu Presidente da Direcção, Senhor Eng.º José Gabriel Correia da Cunha. Durante o referido Congresso proceder-se-á á eleição de membros da Associação Europeia a que se candidatou o Presidente da Direcção da F. P. A.

Em CASTELO BRANCO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António de Sá Rodrigues, Suc., Rua Mousinho Magro, 46.

S. MARCOS

P. DE LONDRES, 4-F.

CONTINUA OS PREÇOS ESPECIAIS

RESTO DE COLECÇÕES

bolsa de LISBOA

COTAÇÃO DA BOLSA DE ONTEM

FUNDOS DE ESTADO	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 %	–	444$	–
Cons. 3 %	485$	485$	488$
Cons. 3 1/2 %	–	563$	–
Centenários	–	1.275$	–
Tes. 5 % 57	–	1.000$	–
Tes. 5 % 59	–	1.000$	–
Exter. 1.ª s.	–	615$	650$
Extern. 1.ª c.	619$	619$	625$
Extern. 3.ª s.	–	–	–
Extern. 3.ª c.	–	–	820$
Caut. 3.ª s.	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx 6 %	–	935$	950$
C. M. L. 5 3/4 %	–	–	–
C. P. 5,5 % — 67	–	–	–
C. P. 5,5 % — 68	–	–	–
C. P. 5,5 % — 69	–	–	960$
Corr. 5 3/4 %	–	900$	–
Metr. 5 3/4 %	970$	970$	–
Tur. 5 3/4 %	–	990$	995$
C. P. 6 3/4 %	1.030$	1.025$	1.035$

ELECTRICAS

G. 5 % — 58	–	–	850$
G. 5 % — 59	–	–	840$
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	970$
G. 6 % — 67	–	920$	–
G. 6 % — 69	–	–	945$
G. 7 % — 71	–	1.026$	–
H. E. C. 5 %	–	820$	–
H. E. C. 6 %	–	–	–
H. E. D. 5 %	740$	730$	750$
H. E. D. 6 %	905$	–	905$
H. E. N. P. 5 %	–	790$	–
H. E. S. E. 5 %	–	940$	–
H. E. S. E. 6 %	925$	920$	–
H. E. Z. 5 % — 57	–	–	–
H. E. Zêz. 6 %	–	920$	–
N. Elc. 5 %	–	750$	–
N. Elec. 6 %	–	960$	–
Termoel. 5 %	–	–	–
U. E. P. 5 % — 60	–	–	–
U. E. P. 5 % — 63	–	–	–
U. E. P. 6 %	–	880$	–

DIVERSAS

A. P. T. 5 % — 56	–	–	900$
A. P. T. 5 % — 58	–	–	900$
Lisnave 6 %	–	950$	–
Nitratos — 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª %	–	–	900$
Sacor 7 %	1.030$	1.027$	–
Sacor 5 % — 54	–	945$	–
Sacor 5 % — 60	–	830$	–
Sid 5 % — 2.ª	–	–	–
Sid 5 % — 3.ª	–	–	–
Sid 5 % — 4.ª	–	–	–
Socel. 5 %	–	900$	–
U. Fabril 67	–	–	940$
U. Fabril 68	925$	–	925$

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	–	–
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59/60	–	–	–
Moçamb. 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	800$	795$	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5.360$	5.350$	5.360$
Alentejo	1.885$	1.820$	1.885$
Angola	4.700$	4.700$	4.750$
Cred. Predial	6.400$	6.380$	6.420$
Esp. Santo	10.650$	10.650$	10.800$
Fomento	5.610$	5.610$	5.630$
F. & Burnay	43.000$	42.000$	44.000$
N. Ultr. m.	5.900$	5.900$	6.000$
N. Ultr. c.	6.995$	6.995$	7.000$
Portugal n.	—	4.550$	5.000$
Portugal p.	6.550$	6.550$	—
P. Atlântico	11.300$	11.200$	11.400$
Totta & Açores	6.700$	6.680$	6.720$
Algarve	2.225$	2.210$	2.225$
Borges & Irmão	9.000$	9.000$	9.100$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice da cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	7-8-72	11-8-72	14-8-72
GERAL	194,8	199,5	197,2
METROPOL	199,8	105,4	202,7
ULTRAM	158,2	156,4	157,2

De Seguros

Alentejo	149$5	149$5	150$
Bonança	165$	165$	—
Império	—	17.000$	—
Mundial	1.390$	1.380$	1.390$
Soberana	–	1.720$	–
Tranquilidade	–	90.000$	–

Electricas

C. P. E. p	1102$	1101$	1102$
C. P. E. n.	1.083$	1.083$	1.085$
E. Beiras	–	–	1.750$
G. Elec. c	333$	333$	333$5
H. E. A. A.	–	160$	–
H. E. N. P.	–	235$	–
H. E. S. E.	–	–	–
U. E. P.	190$	189$	190$

Ultramarinas

Ag. Cassequel	1.090$	1.090$	1.095$
Ag. Incomáti	–	2.500$	–
Ag. S. T. e P.	–	–	–
Aç. Angola	–	–	–
Alg. Angola	–	175$	180$
Ang. Agric.	–	–	–
Boror	–	–	–
Boror Com	–	–	–
Buzi	–	78$	–
Cabinda	–	–	–
Com. Lobito	660$	660$	670$
D. A. — T. 100	1.810$	1.800$	1.820$
H. E. Revué	–	–	–
I. do Princ.	–	–	–
Moçambique	–	–	160$
Sonefe n.	–	–	–
Sonefe p.	430$	410$	430$
Zambézia	–	59$	–

Diversas

Ag. Lx. ant.	–	–	–
Ag. Lx. — 34	–	–	445$
Ag. Lx. — 36	–	405$	–
Cel. Guadiana	–	4.900$	5.200$
C. Leiria p.	–	7.000$	–
C. Tejo p.	–	16.000$	–
F. Ramada	1.270$	1.260$	1.275$
Fornos Eléct.	–	139$	–
P. Celulose	–	4.050$	–
Siderurgia p.	4.600$	4.550$	–
Siderurgia n.	–	3.000$	3.050$
Socel	–	–	–
Cidla	7.900$	7.900$	7.950$
C. U. F.	3.000$	–	3.050$
Intar	586$	587$	595$
Nitratos	1.000$	1.000$	–
Petroquímica	1.020$	1.020$	1.030$
Sacor	3.700$	3.690$	–
Tab. Portugal	2.900$	2.900$	–
Tabaqueira	–	7.500$	7.800$
U. F. Azoto	755$	755$	760$
Empor	–	210$	–
Ind. Aliança	–	–	–
I. P. Colón.	900$	900$	–
Nac. Naveg.	3.500$	3.500$	3.550$
Naveg. (Col.)	2.040$	2.000$	2.040$
P. Pesca	–	–	990$
Matur	2.000$	2.000$	2.100$
R. Marconi	1.230$	1.230$	1.240$
TAP	–	–	650$
Compal	–	–	1.300$
Salvor	–	–	1.350$
Penina	–	–	–
Grão-Pará	–	–	–

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–	–
F. I. D. E. S.	–	–	–

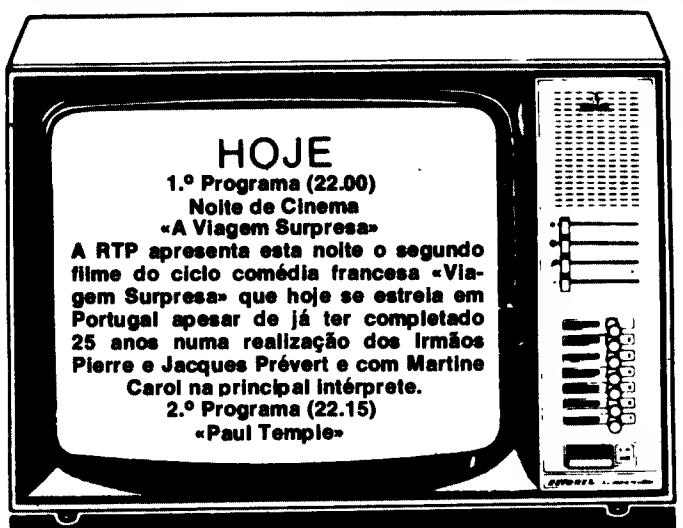
COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul — Rands		33$00
Alemanha — Marco	8$35	8$65
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina — Peso Novo	-$-	-$-
Austria — Schiling	1$16	1$21
Bélgica — Franco	$60	$63
Brasil — Cruzeiro	3$50	4$50
Canadá — Dólar	27$00	27$70
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$41,5	$43.5
França — Franco	5$45	5$75
Holanda — Florim	8$25	8$55
Inglaterra — Libra	65$00	68$00
Itália — Lira	$043,5	$047
Marrocos — Dhran	5$10	5$60
Noruega — Coroa	3$95	4$25
Suécia — Coroa	5$55	5$85
Suíça — Franco	7$05	7$30
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	470$00	500$00
Inglaterra — 1/2 Libra	380$00	400$00
Ouro fino Barra	56$50	615$50

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

10.30 Eurovisão — Missa do Dia da Assunção de Nossa Senhora. Transmissão directa do Santuário do Sacro Monte de Varallo em Itália
11.30 Fronteiras do amanhã
11.45 «Sarilhos do Ar»
12.10 Desenhos animados
12.25 O dinamismo da mulher contemporânea
12.45 Tarde de cinema «A Doce Júlia»
13.15 Telejornal — 1.ª edição
14.00 O livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Momento desportivo
20.30 Inquérito — serviço de educação para a saúde
21.00 «Casei Com Uma Feiticeira»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cimena «Viagem Surpresa»
23.20 Actualidade desportiva — resumo filmado da volta a Portugal em bicicleta
23.45 Telejornal — últimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Sarilhos do Ar2
20.55 Desenhos animados
21.10 O livro à procura do leitor
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Carta de Espanha
22.15 «Paul Temple»
23.05 Vivendo o futuro e fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Mrs. Muir e o Fantasma»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Documentário — Aljubarrota
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Filme infantil «Circo Kiri»
20.00 Motores em marcha
20.30 Convergência
21.00 Silêncio vamos rir
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 As novas aventuras de Vidocq
23.00 Concerto
23.30 Actualidade desportiva — resumo da volta a Portugal em bicicleta
23.40 Telejornal — últimas notícias
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 O dinamismo da mulher contemporânea
21.00 «Mrs. Muir e o Fantasma»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Documentários
23.00 «Os Vingadores»
23.40 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 627

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado ou limpo e o vento era fraco ou moderado de Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	18.º
PENHAS DOUR.	13.º
COIMBRA	16.º
PORTALEGRE	19.º
LISBOA	28.º
FARO	25.º
FUNCHAL	22.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima 31.º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 5,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15.º
Atmosfera	18,6.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.48	3,4 m	1.04	1,3 m
20.05	3,3 m	13.19	1,4 m

Dia 16

8.33	3,2 m	1.46	1,5 m
20.55	3,1 m	14.09	1,6 m

Dia 17

9.32	3,1 m	2.40	1,7 m
22.09	2,9 m	15.18	1,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo vento fraco ou moderado de Norte em regime de nortada na Faixa Costeira ocidental para a tarde.

AMANHÃ

Nascer às 6.51
Ocaso às 20.31

Dia 17 · Dia 24 · Dia 31 · Dia 7

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Cançonetas
16.30 Convívio - Programa da Juventude
16.05 O convidado de hoje — Johnny Tivers
16.20 Espectáculo-Cinema — p/ Videira Santos
16.40 Encontro a ofimdatarde — C/David Crosby
19.10 Orquestras
19.30 Recordar é viver — p/M.ª Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.30 11.º episódio do folhetim «Uma Família Inglesa»
20.50 Melodias em acordeão por Jo Laredo
21.00 Momento 72
21.20 Que quer ouvir
21.55 Viagem ao passado, p/Judite Navarro
22.10 Vamos ouvir Valério Silva
22.30 Tempo de jazz, por Raul Calado
23.05 De um dia para outro, por Armando Correia
00.00 Sinal horário — de um dia para outro
00.30 Junção (entra o MF 1) Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, p/Galiano Pinheiro
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Sinal horário — Rádio Universidade
00.30 Junção (com o 1.º Programa)

2.º Programa

16.00 Uma obra... duas interpretações
17.15 Curiosidades musicais
17.45 Intercâmbio musical — Programa pelos Coros da ARTF (gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa)
18.03 Sinfonia n.º 7, em do maior «A Tarde» (Haydn)
18.30 Gravações históricas — CANÇÕES PELO BAIXO Teodor Chaliapin
19.00 Dança e balett, por Pedro Riques Pereira
19.30 Rádio Educativa — **Auditório Juvenil**
20.00 Diário sonoro
20.20 Solos de viola dedilhada
20.30 Concerto de câmara para violino, piano e treze instrumentos (Alban Berg)
21.00 Música coral, de André Caplet e Auric
21.20 Tempo literário
21.45 Recital de pianopor Arlete Pereira
22.07 Poema sinfónico «Kikimora» OP.:l.º DE Anatol Liadov
22.15 O gosto pela música — pelo Dr. João de Freitas Branco
22.45 Bailado do 2.º acto da ópera «O Trovador» (Verdi)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música sinfónica — obras de Weber e Strauss
22.55 Obras de Schumann e Saint-Saens
23.30 Canções de Shubeert
23.50 Os solistas de Liège
00.10 Sinfonia, de Brahma, n.º 1 em dó menor
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
Onda média
16.04 Programa CDC
18.00/21.00 Programa «Movimento» (Realização de Fialho Gouveia)
20.00 Nota de abertura
21.00 Noticiário
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Terça à noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Novas de alegria
23.19 Apenas música
23.30 PBX
22.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.20 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção dos Mártires
19.50 Página Um
21.00 Meditando
21.03 Noticiário
21.00 Meditando
21.03 Tom Jones Show
21.15 Grande Piano
21.30 Música e canções das Américas
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pengrama
22.45 José Afonso
23.00 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO VOZ DE LISBOA
06.00 às 10.00 e 14.30 às 17.00
RÁDIO GRAÇA
10.00 às 12.00 e 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944).
ALCÂNTARA
Bairrão, R. Prior do Crato 25 (Telef. 661321); **Biotikar**, Rua D. João de Castro 27-B (Telef. 638824)
ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Telef 711780); **S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A (Telef. 725140); **Roma**, Avenida de Roma 85-A (Telef. 772466)
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-A (Telef. 821653)
AREEIRO
Garantia, Rua Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Telef. 727300); **Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860)
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes Rua de S. José, 187 (Telef. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Alcântara, Avenida da República, 74-A (Telef. 773043); **Vale**, Avenida Marquês de Tomar, 47 (Telef. 773043); **Daiva**, Avenida Duque de Avila, 125 (Telef. 45225)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Telef. 311216)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B 75-A (Telef. 683694)
BAIXA
Azevedo, Rossio 31 (Telef. 327478)
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242); **União** Estrada de Benfica, 592 (Telef. 700092); **Alegria**, Estrada de Benfica, 180-A (Telef. 780511)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia 90 (Telef. 847019)
CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610)
CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Telef. 688807); **União**, Rua Saraiva de Carvalho 145-F (Telef. 663643)
CASTELO
Ziller, Rua S. Tomé 54 (Telef. 862835)
CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241)
ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da República 74-A (Telef. 77379)
ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Telef. 45578)
ESTRELA
AndradeRibeiro, Avenida Infante Santo 66-B (Telef. 666971)
LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 662631)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 790480); **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telef. 971131)
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237)
PENHA DE FRANÇA
Vitalis, Rua Morais Soares, 66-A (Telef. 848011)
PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Telef 728395-720703)
POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso 11-13 (Telef. 381136)
REGO
Bactista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef. 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Telef. 638625)
S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Telef. 679961)
S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica 59 (Telef. 326750)
S. SEBASTIÃO DA DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Telef. 48642); **Sousa Martins**, R. Sousa Martins 25 (Telef. 55468)
XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro-Lote 10 (Tel. 2430691)
PAEDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)
ETI_Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A. 15 (Tel. 260116)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 260078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2273023)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229028)
SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Tel. 24558)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Fiama**, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança**, Av. Dr. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 932485)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. da Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

PORTO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584; **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367; **S. Diniz**, Rua S. Diniz, 428; **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71; **Vitália**, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520; **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485; **Cardona dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90; **Herculano**, Rua Alex. Herculano, 384

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106 - 108 (tel 23738); **Rodrigues da Silva**, R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (tel 24697).

cinemas • cinemas • cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
21.30
Grupo C 14 anos
Sensacional Estreia
UM HOMEM NA SOLIDÃO
Com Richard Hanis e John Huston
15.30 e 18.15
Últimas exibições
O FACHO E A FLECHA

SATÉLITE (Telef. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D 18 anos) 5.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS. Uma realização de Elichi Yammamoto.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Um espectáculo notável «O LAMPIÃO» com Thomas Milian — Technicolor Cinemascope

EDEN (Tel. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo C 14 anos)
Color da superprodução romana «A ÚLTIMA CRUZADA»
Um filme de Sergio Nicolaescu

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
26.ª semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15- 18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
Technicolor o terror espera por si em «A CASA QUE ESCORRIA SANGUE» com Christopher Lee e Peter Cushing.
(Ar condicionado)

CASINO ESTORIL
18.30 e 21.30
Grupo C (14 anos)
DUELO À BEIRA DO RIO

TIVOLI (Tel. 717480)
14.30 - 18.00 e 21.30
Grupo A (6 anos) 73.ª Semana
O maior êxito de sempre «MUSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plumer 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo A (6 anos)
uma aventura fantástica «O FALCÃO» Com Ron Moody e Jack Wilde-color

EUROPA (Tel. 661016)
15.15-21.30
Grupo C (14 anos)
Em continuação Frank Sinatra em «OS SETE LADROÕES DA CIDADE»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
29.ª Semana. O filme do ano
TRINITÁ (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Anthony Quimon e Gina Lollobrigida em «NOSSA SENHORA DE PARIS»
(Metro - Alvalade)

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
«UM AMOR MAIOR QUE OS FURORES DA GUERRA»
Anthony Quinn e Virna Lisi em
A 25.ª HORA
«Metropolitano-Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
7.ª semana
O MUNDO A SEUS PÉS. O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.
Metro Alameda

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30-21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido Ele era casado, mas tinha um fraco...» SÓ PENSAVA NELAS com Richard Benjamin e Joanna Shinkus.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B (10 anos)
O rei do gang gos gags
«DINHEIRO EM CAIXA» com Jerry Lewis e Deam Martin
Colorido. (ar condicionado)

CONDES (Tel. 322523-326710)
15.15-21.15
4.ª Semana
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões.

POLITEAMA
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
Um festival de terror para nervos de aço «PESADELO DE CERA

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 - 21.00
Grupo D (18 anos)
Um filme espectacular como nunca se viu «O GOLPE» com Jean Paul Belmonde, o mar Sharif e Robert Hossein.
Em complemento «A MORTE PASSOU DE PERTO».

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«ACONTECEU NO VERÃO PASSADO» com Renaud Vesley Bernard Lecoq e Florence Lafuma. Em complemento «SIGO O MEU CAMINHO»
«Metropolitano Arroios - P Chile»

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
Grupo C (14 anos)
Um filme de Alexander Alov e Vladimir Naumov «A GRANDE FUGA» com Luydmila Savelyeva e Mikhaie Batalov
Em complemento «A SOMBRA DE UM HOMEM» (Metropolitano - Intendente)

LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16,30-18.45 e 21 45
(Grupo C (14 anos)
8.ª semana
MELODY.
Venha ver como começamo a amar com Mark Foster Jack Wield e Tracy Hyd
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-o melhor encont gastronómico

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana
Eastmacolor
Um filme de Orson Welles HISTÓRIA IMORTAL com Orson Welles e Jeanne Moreau
(Ar condicionado)

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
2.ª Semana
«SMIC SMAC SMOC»
O mais divertido filme de Claude Zelouch.

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra Frente Lisboa»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

LISBOA/Cinemas

CINERATE
21.00 (18 anos)
«Concerto para uma pistola solista»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«A caverna do homem-monstro»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«O Provinciano»

RESTELO
21.00 (14 anos)
«O Magnífico rebelde»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«Tobruk» e «O Vingador»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«O Preço do poder»

MAYER
21.00 (10 anos)
«Antes que cases»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.30 (10 anos)
«O Bom Pastor»

PARIS
21.00 (14 anos
«Uma casa à sombra das árvores»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Camelot»

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Nem sangue nem arena»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (18 anos)
«Os Comediantes»

ESTORIL
Casino
18.30 (14 anos)
«Duelo á Beira Rio»

ESPLANADA
21.30 (10 anos)
«A grande odisseia»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 (10 anos)
«Se tu soubesses»

ESTORIL
Palácio
21.30 (14 anos)
«Zita»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«O Homem orquestra»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Bulevar do Rum»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Nebraska opistoleiro» «Diabos em férias»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«Tarzan e os piratas»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (6 anos)
«Festival de Ballet Espanhol»

OUTRA BANDA

BARREIRO
Cine-Barreirense
21 (10 anos)
«Jerry 6 3/4»

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Os Incendiários»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Quadrilha selvagem»

PORTO Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Com a minha mulher não»

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«Aquela sexta-feira»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas na Zona»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Da Terra nascem os homens»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«As Crueis»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Um marido em apuros»

OLIMPIA
21.30 (6 anos)
«O Tezouro de Tarzan»

PASSOS MANUEL
21.45 (14 anos)
«Alphaville»

ESTUDIO
21.30 (14 anos)
«Os dois indomáveis»

CALORS ALBERTO
(14 anos)
«O Círculo Vermelho» e «A Revolta dos Monstros»

CINEMA TERÇO
21.30 (18 anos)
«A Primeira noite»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
21.30 (14 anos)
«Feirit perigo supremo»

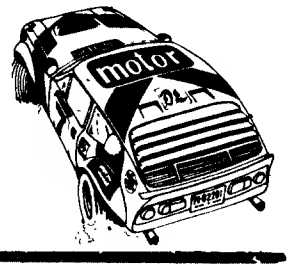
PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos
«Pronto a despir»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Regresso»

CINE-ESPLANADA
Bombeiros Voluntários
21.45 (18 anos)
«O Despertar de uma adolescente»



BARS BOITES — estabelecimentos típicos — DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo
Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Noticias, 107. Telef. 328307.**

FORCADO
Elenco Mariana Silva. Isabel de Oliveira Francisco Martinho. Maria de Portugal. João Alberto. Manuel Martins. Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra. Deolinda Rodrigues. Nazaré Maria e Susana.
Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes Os Arautos Folclore pelos Cinco Tipicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.as feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**

VIELA
Rua das Taipas, 14. Tel. 327258
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo

ARREDA Fado amador oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra as 3as feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô - Jô,Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila - Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa de S. Miguel, 22, Alfama Tel. 868551**

SANZALA Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua **Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/355197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531982)**

TAMILA Marão e s/conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgilio Neves. Aberto até às 5 H da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48384**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri **Av. Duque de Loulé, 73. Telef 530171**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

DL /ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE-4 º
TELEF 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A morte de Maurício de Oliveira

Para o cemitério do Lumiar, foi esta tarde a enterrar o jornalista Maurício de Oliveira, director do nosso prezado colega «Jornal do Comércio» e que durante muitos anos foi nosso camarada de redacção. Hospitalizado desde o dia 5, numa clínica particular de Lisboa, onde fora submetido a uma melindrosa intervenção cirúrgica, faleceu ontem, um pouco antes da meia noite. Contava 62 anos de idade, era casado com a sr.ª D. Maria Isabel Paiva de Oliveira e pai da sr.ª D. Maria de Lurdes Oliveira Feijão, casada com o eng.º François Feijão, e do eng.º Agostinho Maurício Paiva de Oliveira, casado com a sr.ª D. Isabel Araújo de Oliveira.

Figura das mais dinâmicas do jornalismo português, e camarada de afável trato, Maurício de Oliveira (Maurício Carlos Paiva de Oliveira) iniciou a sua carreira no «Diário de Lisboa» em 1929, onde desde então revelou a sua natural tendência para os assuntos marítimos, tendo trabalhado bastante em prol do prestígio da Marinha. Quando da tomada de posse do presidente Alcalá Zamora, em Espanha, foi-lhe confiada a reportagem do acontecimento. Depois, acompanhou o ministro Armindo Monteiro na sua viagem às províncias ultramarinas; tomou a seu cargo a reportagem da viagem inaugural, pelo Mediterrâneo, em 1933, do transatlântico italiano «Oceania»; a da viagem a Inglaterra do navio «Bartolomeu Dias», como representação portuguesa à cerimónia da coroação de Jorge VI; a da visita à esquadra nacionalista espanhola, no Ferrol, durante a guerra civil de Espanha, em 1938, e de vários cruzeiros no Atlântico, a bordo de navios de guerra, em diversos períodos de manobras.

Também dedicou a sua atenção à vida política, tendo-se notabilizado pela forma como apresentava as suas conversas com personalidades nacionais e estrangeiras, entre as quais chefes de Estado, almirantes e outras individualidades, tais como Jellicoe, Alcalá Zamora, Júlio Prestes, marechal Badóglio, Italo Balbo e duque de Kent.

Proferiu numerosas conferências, em diversas ocasiões, das quais se destacam «A Epopeia da Armada Portuguesa no Estado da Índia», «Uma Grande Jornada Luso-Britânica» e «Leote do Rego», além de trabalhos de interpretação histórica, como «O Drama de Canto e Castro» e «Alexandria... Oran... Dakar».

Por sua iniciativa, a «Revista Militar» instituiu, em 1944, o prémio Brigadeiro Barreto de Oliveira, destinado a oficiais da arma de Infantaria. Foi igualmente gerente da Epresa Comercial e Industrial de Pesca, sócio-gerente da Editora Marítimo-Colonial, chefe do serviço de propaganda da Companhia Colonial de Navegação e fundador e secretário-geral da Comissão de Propaganda da Marinha.

Além de director da «Revista da Marinha» e do «Jornal da Marinha Mercante», Maurício de Oliveira dirigiu também «A Capital» de que fora antes chefe de redacção, após ter deixado o cargo de secretário-geral deste jornal, sendo ùltimamente director do «Jornal do Comércio».

Das distinções que recebeu, possuía, nomeadamente do Governo português a comenda da Ordem Militar de Cristo e a medalha Naval Vasco da Gama; as insígnias da Ordem da Aguia Imperial Alemã, as comendas da Ordem Francesa da Estrela Negra e de Mérito Naval de Espanha e a medalha do rei da Inglaterra.

À família enlutada e aos

seus colaboradores no «Jornal do Comércio», «Diário de Lisboa» apresenta as suas condolências.

Começou a caça às rolas

Centenas de caçadores deslocaram-se hoje para o Alentejo e outros pontos do país para iniciarem a caça às rolas. Muitos modificaram as férias, outros pediram dispensa do trabalho há alguns dias para começarem a tratar do equipamento. Por enquanto só se pode atirar às rolas mas, a partir do dia 1 de Setembro, os apaixonados da caça passam também a ter carta branca para caçar codernizes. Um edital publicado pela Comissão Venatória Regional proibe a caça nas margens das estradas nacionais e municipais. Mas permite caçar rolas nas rias, lagoas, albufeiras, nos estuários e litoral desde que sejam observadas as regras estabelecidas oficialmente.

CONDENADO DE 108 ANOS CUMPRE PENA DE 5

RIO DE JANEIRO, 15 (ANI) — O mais velho preso do Brasil tem 108 anos: Pedro Pereira da Silva, que cumpre a pena de cinco anos de prisão.

O vespertino «O Globo», ao fazer uma crónica sobre um pistoleiro, Vantul Gonçalves, conhecido como «Mutum», veio a saber que seu avô está preso porque matou um genro e mandou matar o outro, que era o pai de «Mutum».

Diz o velho Pedro que na família todos matam: o seu neto tem mais de dez crimes de morte, outros dois netos têm onze mortos.

O velho Pedro Pereira da Silva está a cumprir pena na cadeia da cidade de Iuana, estado do Espírito Santo, de onde a família é natural.

Viúvo há três anos (sua mulher morreu com 97 anos) «namora» uma mulher de 22 anos, Maria Rosa de Moura, que conheceu na cadeia de Iuna, onde entrou condenada a 22 anos de prisão por ter abatido o amante.

Pedro deu cinco mil cruzeiros para a defesa da ré, que está agora na penitenciária de Vitória. Pedro contou que resolveu não se casar de novo, por causa da idade, mas que enquanto for vivo ajudará Maria.

DIA DO ELECTRICISTA

Deslocou-se esta manhã, ao norte do País, o sr. Ministro das Corporações e da Saúde, que, ao meio dia, na Trofa, presidiu às comemorações do "Dia Nacional do Electricista".

O ministro Rebelo de Sousa era esperado em Pedras Rubras pelo sr. dr. Carlos Graça, Governador Civil substituto do Distrito do Porto, que depois o acompanhou aquela localidade, tendo ali visitado primeiramente as instalações da empresa Electromecânica Portuguesa.

Seguidamente, aquele membro do Governo descerrou uma placa alusiva às celebrações e presidiu a um almoço. No final, o sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa procedeu à entrega de distintivos a vários profissionais.

Conjuntamente às comemorações do Dia do Electricista na cidade da Beira (Moçambique), anunciou-se a criação, naquela província, do respectivo sindicato, cujos estatutos já estão elaborados. As últimas diligências sobre o assunto, nomeadamente as relativas à aprovação dos estatutos, serão hoje comunicadas no decorrer daquelas comemorações.

RUI SANCHES NOS AÇORES

Parte amanhã, para uma visita de trabalho ao arquipélago dos Açores, o ministro das Obras Públicas e Comunicações, eng. Rui Sanches, onde ficará até ao dia 22.

A visita será essencialmente dedicada às quatro ilhas que fazem parte do distrito da Horta (Faial, Flores, Pico e Corvo), onde o ministro apreciará obras em curso, inaugurará alguns melhoramentos e estudará «in loco» a resolução de alguns problemas dependentes dos dois departamentos de Estado que dirige.

Nesta viagem aos Açores o ministro Rui Sanches é acompanhado pelo seu secretário, dr. França Marques e por vários funcionários superiores dos departamentos de Estado que dirige, nomeadamente pelo presidente da Junta Autónoma das Estradas e pelos directores-gerais dos Serviços de Urbanização, dos Edifícios e Monumentos Nacionais, da Aeronáutica Civil e dos Serviços Hidráulicos.

O XI CURSO DE FÉRIAS DE ESTUDANTES ULTRAMARINOS EM VISITA A UM BANCO

Acompanhado por alunos universitários metropolitanos pertencentes ao Círculo de Estudos Ultramarinos, visitou ontem as instalações do Banco Fonsecas e Burnay, na Av. Fontes Pereira de Melo, um numeroso grupo de estudantes de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé, Macau e Timor, os quais, de acordo com o plano de intercâmbio entre a juventude da Metrópole e das nossas Províncias Ultramarinas, se deslocaram a Lisboa em missão de estudo.

Recebidos pelo director do departamento de relações públicas daquele banco e pela gerência da sucursal do mesmo ali localizada, os visitantes, após breve explicação sobre generalidades do funcionamento de um banco comercial, percorreram diversos serviços daquelas instalações, neles compreendido o centro electrónico, cujo moderno e poderosos equipamento lhes foi também explicado pelo engenheiro responsável.

No final da visita, houve ainda oportunidade para um agradável momento de convívio com os estudantes ultramarinos e acompanhantes nas instalações do centro social daquele estabelecimento de crédito.

HOJE HÁ MAIS XADREZ

SPASSKY NA MÁXIMA FORÇA

REYKJAVIK, 15 — O Campeonato Mundial de Xadrez entre o russo Boris Spassky e o norte-americano Bobby Fischer recomeça hoje, com o temperamental Fischer empenhado em duas batalhas por detrás dos bastidores.

O 14.º jogo está marcado para as 18 horas (de Lisboa), e Fischer joga com as brancas. Fora adiado no domingo, alegando Spassky que **«Não se sentia bem»**.

Dois dias antes, o russo fora derrotado, pelo que o norte-americano tem uma vantagem de três pontos (8-5). Um dos colaboradores de Spassky, o grande mestre Ivo Ney, declarou:

«Spassky recompôs-se, e voltará hoje na sua máxima força» (ANI).

A "PONTE DA ASSUNÇÃO" FOI REBATE FALSO

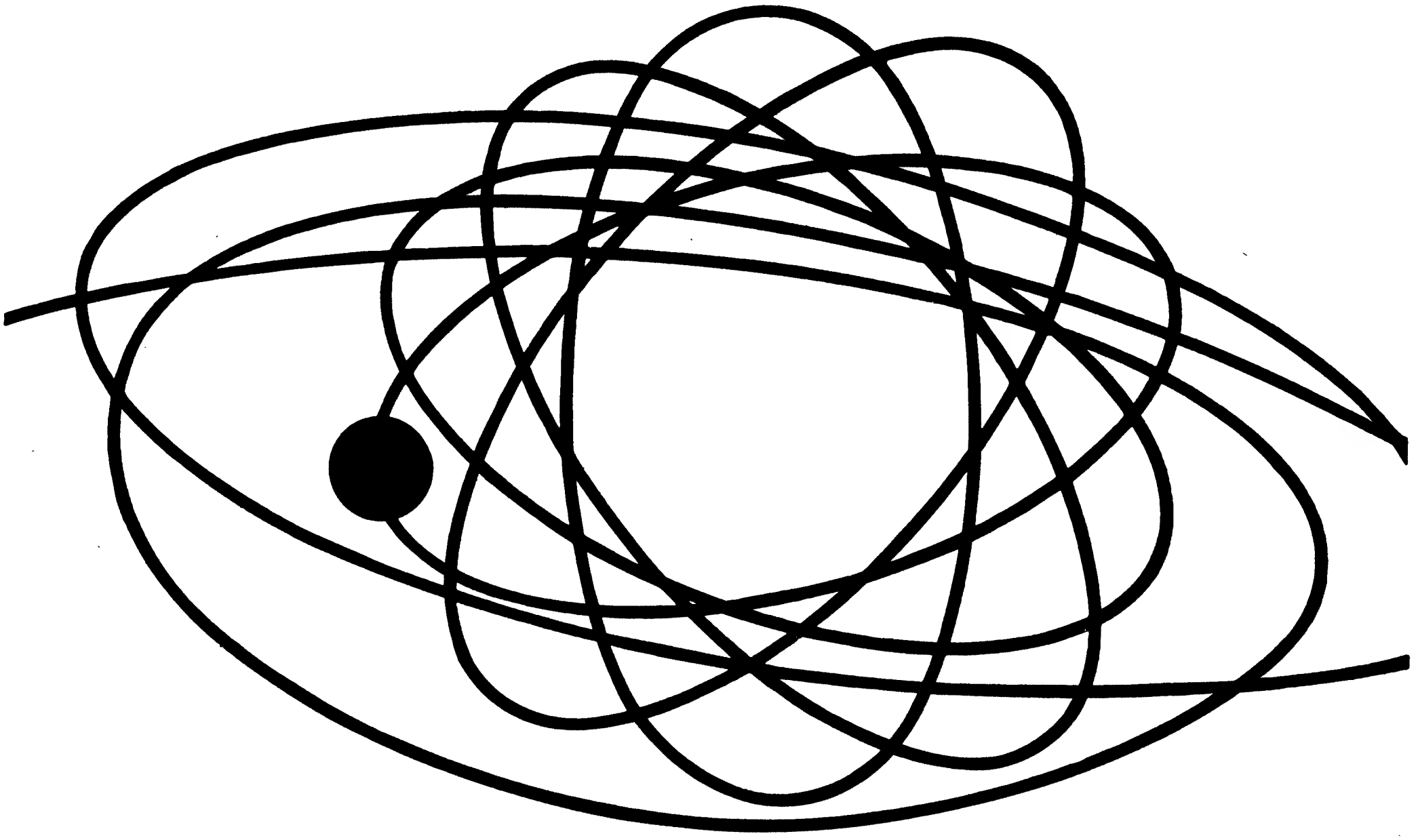
Mais de cem mil pessoas vão regressar entre esta tarde e amanhã a Lisboa. Ao principio da tarde o caudal de carros já era considerável. Apesar disso os guardas encarregados de dirigir o trânsito estão descontraidos. E que, afinal, a história da ponte não passou de rebate falso. Está confirmado pelos números que foram sendo fornecidos pelas portagens da auto-estrada do Norte e da ponte Salazar, que as saídas não excederam as que são registadas em normais e banalíssimos fins-de-semana. Cem mil pessoas dentro, cem mil pessoas fora é, ao que parece, número que deixa indiferente policias de trânsito e portageiros. A causa, segundo apurámos, está no facto das muitas empresas não terem concedido a «ponte» e levarem dezenas de milhares de pessoas a desistirem do fim-de-semana prolongado.

EXPLICAÇÕES
cepelt
EXTERNATO
R. D. ESTEFÂNIA, 48
Telf. 42959

1 SEMANA em LONDRES
POR APENAS 3 350$
Partidas: 3, 7, 11, 21 e 28/8
(Algumas datas esgotadas)
• VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
• ESTADIA NO HOTEL
• TRANSPORTES EM TERRA
• VISITA DE LONDRES
• TODAS AS TAXAS
• ASSISTÊNCIA DE DELEGADO ABREU
NOVAS PARTIDAS: 11, 18 e 25/8
LONDRES — FIM DE SEMANA
DE 1 A 5/9
POR APENAS 2 900$
Em qualquer das partidas DESCONTO DE 10% para grupos de 10 pessoas
ORGANIZAÇÃO
abreu
FUNDADA EM 1840
PORTO — Av. Aliados, 207 — Telefone, 37921
LISBOA — Av. Liberdade, 160 — Telefone, 320021
COIMBRA — Rua da Sota, 2 — Telefone, 27011

Grupo A - maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
5.ª Feira, 17 de Agosto às 22 horas
EMOCIONANTE CORRIDA
CAVALEIROS
DAVID TELLES
MALDONADO CORTES
ESPADAS
MIGUEL MARQUES
ÓSCAR ROSMANO
FORCADOS AMADORES DO RIBATEJO
8 TOIROS DE DR. ANTÓNIO BRITO PAIS 8

A ENERGIA NA EUROPA



Uma dependência crescente

DL Economia

A Europa dos Dez apresentará, exactamente como a dos Seis, uma diferença fundamental relativamente aos dois grandes espaços económicos americano e soviético, a de ser gravemente deficitária — e de o ser cada vez mais — em energia. Esta carência grave não impediu a Europa Ocidental de atingir a prosperidade que se conhece. Esta prosperidade foi mesmo obtida tanto mais ràpidamente quanto é certo que foi deliberadamente sacrificada a única fonte verdadeiramente abundante guardada pelo subsolo europeu: o carvão.

Foi preciso que a energia de substituição maciçamente importada a muito bom preço — o petróleo — se tornasse sùbitamente nem seguro nem barato, para que se notasse, tarde de mais, a leviandade dos dirigentes de toda a Europa. É hoje pràticamente impossível fazer marcha atrás para «reactivar» hulheiras que contêm ainda biliões de toneladas de reservas. Quanto ao tempo perdido na execução da energia nuclear, também este não pode ser recuperado.

Pelo menos a Europa unida poderia reunir as suas forças para limitar os danos materiais e políticos causados pela sua dependência energética.

O malogro das tentativas passadas **de elaboração de uma política de energia comum mostra, no entanto, até que ponto, neste domínio vital, os nacionalismos são exacerbados. E vencendo-os, todavia, que os Dez poderão, por um lado, procurar um «modus vivendi» equitativo com os seus principais fornecedores de petróleo árabe e, por outro lado, ter uma técnica e uma indústria que sejam para tirar partido da energia de depois de amanhã: a do átomo.**

O consumo de energia nos dez países da Comunidade Europeia alargada aumentou de 75 por cento no decurso do último decénio: de uns 507 milhões de toneladas equivalentes a petróleo (T. E. P.) em 1960, passou para 888 milhões de T. E. P. em 1970, número que representa cerca de metade do consumo dos Estados Unidos e o triplo do do Japão.

Todavia, a Europa continua, para o consumo por habitante, bastante longe atrás dos Estados Unidos e do Japão: 4,93 toneladas equivalentes a carvão (T. E. C.), contra respectivamente 10,43 e 9,92 T. E. C. nos outros dois países. (Uma T. E. P. igual 1,43 T. E. C.).

O aumento da procura interna fez-se acompanhar de uma modificação nas

Continua na página quatro

Trocas comerciais da República Federal da Alemanha com a Espanha e Portugal em 1971, e no primeiro trimestre de 1972 e 1971, (em milhões de dólares).

	Importações Alemãs j. m. 1972	j. m. 1971	Exportações Alemãs j. m. 1972	j. m. 1971
Espanha	121,5	80,6	179,1	131,8
Portugal	20,6	16,4	78,7	61,3
Peninsula Ibérica	142,1	97,0	257,8	193,1

Como a tabela acima mostra, aumentou consideravelmente o volume comercial, tanto nas importações como nas exportações com a Espanha e Portugal. A balança da República Federal da Alemanha com a Espanha e Portugal fechou no primeiro trimestre deste ano com um superavit, respectivamente de 57,6 milhões e 58,1 milhões de dólares.

Trocas comerciais da Alemanha com a Espanha e Portugal

PARA CADA UM SUA VERDADE

Por PIERRE MASSE

O professor Christian Goux publicou, no **Le Monde** de 14 de Março, um interessante artigo intitulado: «Indice único, índice iníquo». Deixo de lado a sua controvérsia, mais aparente do que real, com o I.N.S.E.E.; tanto o Sr. Ripert como ele têm razão, o que nada tem de surpreendente, pois não tratam o mesmo problema. O Sr. Ripert explicou com precisão e pertinência (**Le Figaro** de 4-5 de Março) as razões que fazem do índice do I.N. S.E.E. o melhor parâmetro representativo da média dos preços dos artigos de consumo e, como consequência, da sua variação no decurso dos tempos. O Sr. Goux critica, não os métodos do I.N.S.E.E. , mas a própria noção de mèdia, sublinhando que um índice único não pode convir a todas as categorias sociais, principalmente às mais desfavorecidas. Ele deseja, em suma, que se dê o seu a seu dono.

A crítica é fundada, mas não é nova. As médias são aproximações, e não se aprecia correctamente o progresso social se não se têm em conta os desvios, pelo menos na medida em que são significativos.

Já há quatro anos, para nao remontar mais longe, o Sr. Roger Priouret consagrou um artigo aos «novos pobres» que se encontram nas minorias, ao mesmo tempo tão discordantes e tão dispersas. Há três anos que Pierre Bernard e eu próprio sublinhamos que, na partilha social, há eleitos e excluídos. O nosso pequeno livro tem, é verdade, a infelicidade de se intitular «Os Dividendos do Progresso», expressão que faz parte, segundo o Sr. Christian Goux, da pomposa linguagem oficial». Oficial, não o creio, imaginando, até mais ampla informação, ter, juntamente com Pierre Bernard, a paternidade de uma expressão que não parece pertencer ao vocabulário administrativo Pomposa, não é muito amável mas, pensando bem, prefiro este epíteto a nebulosa, obscura, escondida, esotérica, incompreensível, corriqueira, calina até.

OS MÉTODOS DOS DIVIDENDOS DO PROGRESSO

O que há de interessante no assunto é que a questão levantada pelo Sr. Goux: «Quem ganha com isso?» encontraria precisamente a sua melhor resposta na aplicação dos métodos dos «dividendos do progresso» Um individuo-trabalhador reformado ou capitalista ganha todos os anos um excesso nominal correspondente ao aumento do seu salário, da sua pensão ou do seu dividendo. Em sentido inverso, na sua qualidade de consumidor, é atingido por um excesso negativo correspondente à alta dos preços dos produtos e serviços que constituem a sua «ração» ou, familiarmente falando, a sua «taleiga».

A diferença entre o excesso positivo e o excesso negativo constitui o ganho que ele retira da partilha social. E bem verdade, desde logo, é mesmo de uma manifesta evidência, que o excesso negativo depende da estrutura da «taleiga». Não tenho elementos para poder tomar posição quanto a números. O que posso dizer, de carácter geral, é que é medida que o rendimento aumenta, passa-se de uma taleiga de provisões (principalmente alimentares) a uma ração em que figuram produtos industriais (equipamento doméstico, automóvel), depois, a um consumo complexo que compreende uma parte sempre crescente de serviços. E admissível que a alta dos preços seja mais rápida nas duas extremidades da escala do que no meio. O sinal do progresso seria, assim, com mais razão, o acesso das famílias ao equipamento em bens duráveis.

UM GRANDE PASSO A DAR

Análises mais apuradas parecem-me, portanto, necessárias. Daí à definição de novos índices, vai uma grande distância, há um grande passo a dar. Se os estudos confirmarem os pontos de vista do Sr. Goux, eu serei partidário do pluralismo, mas a meio caminho entre dois males. Por um lado, o mal da taleiga de estrutura única, quer ela seja a das categorias médias, utilizada automàticamente pelos mais infelizes, quer seja a das categorias desfavorecidas, aplicada rìgidamente a toda a escala dos rendimentos. Por outro lado, o mal conjugado do aperfeiçoamento e da reivindicação que conduzem a um conjunto mal inteligível de verdades contraditórias.

A dificuldade, também ela, é conhecida há muito tempo. «O que é simples - dizia Valéry - é sempre falso. O que o não é, é inutilizável.»

PAUL-HENRI SPAAK E O MERCADO COMUM

. «O recente falecimento, aos 73 anos, de Paul-Henri Spaak convida a reflectir um pouco àcerca do papel das pequenas nações na marcha da história quando possuem estadistas de génio» — escreveu W.K. Mayo das Nações Unidas. E acrescentava, entre outros factos que considerava exemplares:

. «De uma maneira geral, o socialismo europeu, estratificado, não tem sido capaz de compreender a necessidade urgente de superar as limitações nacionais, filhas do século XIX, para dar passagem a uma confederação inter-europeia.

No entanto, Spaak, ainda que socialista, soube compreendê-lo, e ajudou a formar o Benelux, isto é, a Federação Económica da Bélgica, Holanda e Luxemburgo. O Benelux como embrião; foi o ponto de partida para o que veio depois:

. . A margem de Spaak, mas coincidindo no objectivo, nos começos dos anos cinquenta, Jean Monet lançou a ideia da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço. Spaak fê-la imediatamente sua e tanto Adenauer como De Gasperi aceitaram-na e impulsionaram-na: cristalizou e desenvolveu-se.

Spaak era então Ministro das Relações Exteriores do seu país, e a fase mais difícil das negociações sobre o Mercado Comum teve lugar sob a sua presidência, em Val Duchesse Chateau, nos arredores de Bruxelas. Sem a sua habilidade diplomática, o acordo da França com os outros cinco países — Alemanha, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo — teria sido impossível. A 25 de Março de 1957 — data histórica — foi assinado em Roma, pelos representantes dos Seis o Tratado que dava lugar ao nascimento da Comunidade Económica Europeia.»

«Sem a participação de Spaak — concluía o articulista — essa criação nunca poderia ter tido lugar.»

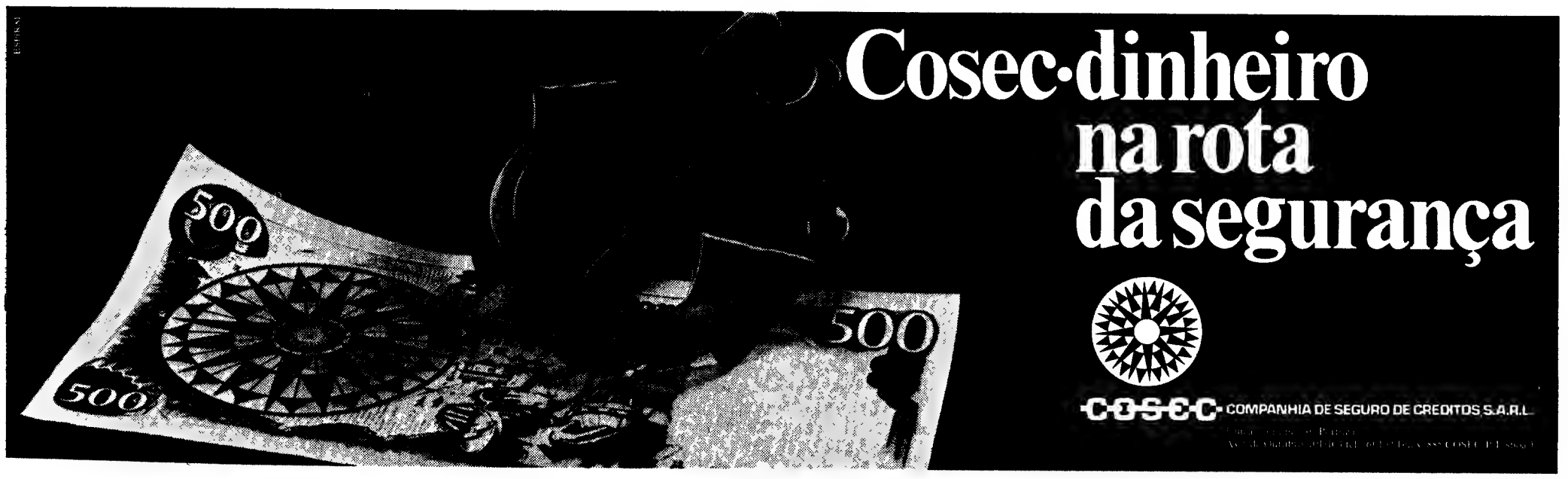
A EDUCAÇÃO PARA A VIDA

Acaba de ser publicado o relatório final da Conferência Internacional de Educação, realizada em Genebra, no passado mês de Setembro.

Na primeira parte do referido documento final examinam-se as principais tendências na esfera da educação e concretamente os três temas principais nos quais se centra o programa da U.N.E.S.C.O. neste campo: a igualdade de oportunidades, o significado da educação para a vida e a eficácia do ensino.

Um dos temas que maior atenção mereceu é o que se refere à necessidade de que a educação tenha um sentido directo em todos os níveis e em todo o tipo de países.

No capítulo das necessidades focadas pelo referido relatório final, salientam-se a aceleração da formação de pessoal docente e adopção de medidas para melhorar a sua situação, a garantia de que o sistema económico do país absova os produtos do seu sistema educativo e o ensino permanente pós-escolar, dentro ou fora do sistema oficial de educação. No documento, refere-se ainda, como preocupação básica, a eliminação da selecção através dos exames rigorosos no momento em que o desenvolvimento da criança a desaconselha, e apresenta-se como raiz imediata de problemas o facto de o ensino não estar adequado às necessidades e perspectivas de trabalho dos jovens.



O REI PETRÓLEO

Por MARIO SALVATORELLI

. A energia consumida no mundo, quer ela forneça força motriz, calor ou frio, quer seja utilizada a bordo de veículos terrestres, de navios, de aviões, em instalações industriais ou domésticas, nos locais de uso público ou privado, em 1955 provinha ainda, em 54,5 por cento, de combustíveis sólidos — carvão e lenhite — sendo o resto fornecido pelo petróleo bruto (33,2 por cento), pelo gás natural (10,5 por cento) e pela electricidade (1,8 por cento). Os quinze anos (1,8 por cento). Os quinze anos que se seguiram viram a derrocada da parte do carvão e a rápida ascensão da dos hidrocarbonetos. Em 1970, os combustíveis sólidos forneceram 34 por cento para o petróleo bruto e 18 por cento. Segundo as previsões, os combustíveis sólidos representarão, em 1985, um escasso quarto (25,3 por cento) das fontes de energia utilizadas no mundo e os hidrocarbonetos quase os três quartos restantes. Todavia, o gás natural conhecerá uma certa estabilidade, não atingindo senão 17,5 por cento, ou seja um pouco menos do que em 1970, e o petróleo, em aumento constante, assegurará, só para si, mais de metade (52,3 por cento) das necessidades mundiais. O contributo da energia nuclear aparece, no quadro, quase marginal, embora se registe a seu favor o crescimento médio anual mais elevado (11,6 por cento de 1970 a 1985). A sua parte passará, com efeito, de 2,2 para 4,9 por cento do total.

O consumo mundial de energia, que crescia de 5,2 por cento e por ano, de 1955 a 1970, conhecerá, nos quinze anos seguintes uma taxa de crescimento de 5,7 por cento. Em valor absoluto, este meio ponto suplementar toma proporções consideráveis. Com efeito, o consumo total medido em equivalentes de toneladas de petróleo passou de 2 biliões 338 milhões em 1955 para 4 biliões 964 milhões em 1970. Deverá atingir 11 biliões 386 milhões em 1985.

Em 1955, a nossa zona europeia consumia 22,9 por cento da energia produzida no mundo. Este número caiu apenas dois pontos em quinze anos, contra oito pontos para os Estados Unidos, e é agora de 20,9 por cento. Em 1985 não teremos perdido mais de três pontos (contra cinco dos Estados Unidos) e estaremos nos 18 por cento. A parte dos países cujo nível de desenvolvimento é inferior aumentou e não cessará de crescer, assim como o dos países comunistas, que passou de 23,6 por cento em 1955 para 32,6 por cento, por estimativa, em 1985, e a do terceiro mundo, que deveria ganhar cerca de seis pontos, de 11,9 para 17,7 por cento.

Para o petróleo, a Europa Ocidental em geral, e mais particularmente a «C.E.E., na sua primeira forma» mostrou-se, num passado recente, um excelente cliente, que certamente continuará a ser. Em 1955, a Europa Ocidental consumia 535 milhões de equivalentes de toneladas petróleo, sendo 74,3 por cento de carvão e lenhite, 21,9 por cento de petróleo bruto, 2,6 por cento de energia eléctrica e 0,7 por cento apenas de gás natural. Em 1970, o panorama estava completamente modificado.

No consumo total de energia da Europa Ocidental que, pela primeira vez, com 1.035 milhões de TEP havia ultrapassado a linha do bilião de toneladas, sòmente 30,1 por cento provinha de combustíveis sólidos, enquanto que 60,4 por cento — equivalente a 625 milhões de toneladas — eram fornecidos pelo petróleo bruto com um crescimento anual médio de 11,8 por cento; 6,3 por cento provinha do gás natural, que acusava uma alta anual de 20,2 por cento, e 3,2 por cento eram fornecidos pela energia eléctrica.

A GRANDE MODIFICAÇÃO

Em 1975, o consumo energético da Europa Ocidental acusará uma nova queda do carvão que cairá para 20,1 por cento e o petróleo passará para 66,4 por cento. O gás natural atingirá 9,7 por cento e a energia nuclear 3,8 por cento. Na década seguinte, de 1976 a 1980, a parte dos combustíveis sólidos cairá ainda e será reduzida a 10,7 por cento, ao passo que a do petróleo atingirá 70,7 por cento. O gás natural — com 12,2 por cento — ultrapassará o carvão. Estes números ilustram a amplitude da modificação ocorrida durante um período de trinta anos, dado que, em 1955, o gás natural e o carvão representavam respectivamente 0,7 e 74,8 por cento da energia consumida na Europa. Finalmente, a energia nuclear cobrirá os restantes 6,4 por cento.

Em números absolutos, o consumo de energia na Europa Ocidental deveria ser, em 1985, o quádruplo do de 1955, atingindo o total 2 biliões 51 milhões de TEP, sendo 1 bilião 450 milhões fornecidas pelo petróleo.

Quer sejam expressos em números absolutos ou em percentagens, os níveis atingidos pelos diferentes países da C.E.E. acusam variações ainda muito surpreendentes. O consumo de energia dos Seis, que atingia 276 milhões de TEP em 1955, passou para 910 milhões em 1970 e deveria atingir 1.320 milhões em 1985, ou seja exactamente cinco vezes o número registado trinta anos e quatro vezes aquele que valia para a Europa Ocidental em todo o seu conjunto.

Que o leitor nos perdoe a chuva de números e percentagens com que acabamos de o inundar! Não existe outra forma de dar a evolução e as tendências, dentro de uma ideia mais precisa e tão próxima da realidade. E assim que se dá a conhecer, para dar um exemplo, que a Europa Ocidental consumiu em 1970 27,5 por cento da energia fornacida em todo o mundo pelo petróleo bruto e quase atingiu o nível dos Estados Unidos (30,8 por cento), ao passo que, quinze anos antes apenas, em 1955, a Europa Ocidental não havia consumido mais do que 15,1 por cento desta energia contra 53,6 por cento dos Estados Unidos. Segundo os cálculos para 1985, a Europa Ocidental será o primeiro consumidor mundial, tanto em valor relativo como absoluto, com 1450 milhões de toneladas de petróleo bruto, ou sejam 24,3 por cento da produção total, que deveria, então, atingir 5 biliões 900 milhões de toneladas. Na mesma data, os Estados Unidos consumirão 1260 milhões de toneladas, ou sejam 21 por cento da produção, o Japão 11,9 por cento (710 milhões de toneladas) e o resto do mundo 23,2 por cento.

VINTE E CINCO ANOS DE RESERVAS CONHECIDAS

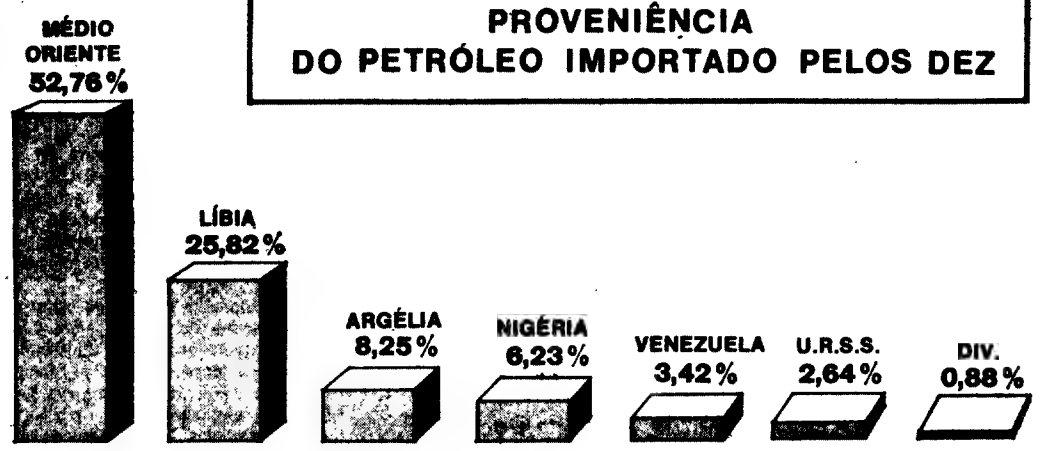
As indicações que acabamos de dar conduzem à evolução do consumo, de 1955 a 1970 e às previsões até 1985. Existem, em especial, reservas de bruto suficientes para permitir, mesmo no futuro, um novo crescimento. Quando se põe esta pergunta, todos os peritos o afirmam unânimemente e sem a mínima hesitação.

As reservas mundiais conhecidas de petróleo deveriam durar até um pouco para além do ano 2000, se nos referimos a uma estimativa média e à taxa de crescimento anual de consumo de 7,5 a 8 por cento, resgitada entre 1950 e 1970. No fim de 1970, as reservas conhecidas montavam a 118 biliões de toneladas, das quais 36 biliões, ou seja aproximadamente um terço, haviam sido extraídas. No entanto, existe uma sensível diferença entre as reservas conhecidas e as reservas presumíveis, que são mais importantes. Os estudos mais recentes situam-se entre um mínimo de 193 e um máximo de 300 biliões de toneladas de petróleo terrestre ou submarino. Se se tomar o número intermédio, sejam 234 biliões de toneladas, o petróleo extraído até 1970 representa 14 por cento das quantidades existentes.

Estes cálculos são prudentes: com efeito, nada está mais sujeito a alterações do que a carta geológica do petróleo. A transformação da Líbia, por um verdadeiro passe dessas varinhas de condão que são as sondas, num cofre-forte de ouro negro, é um milagre que data de ontem e que deveria durar, pelo menos, vinte e cinco anos. Uma transformação análoga do fundo do Mar do Norte está hoje em curso, e a Grã-Bretanha espera com isso conquistar a autonomia no seu aprovisionamento petrolífero.

As perspectivas que traçámos são tranquilizadoras, tanto para os recursos actuais como para as estimativas. Elas são tão tranquilizadoras que, por muitas décadas ainda, nada poderá substituir o petróleo.

PROVENIÊNCIA DO PETRÓLEO IMPORTADO PELOS DEZ



PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?

PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.

PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.

PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.

Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL

Nome

Morada Telefone:

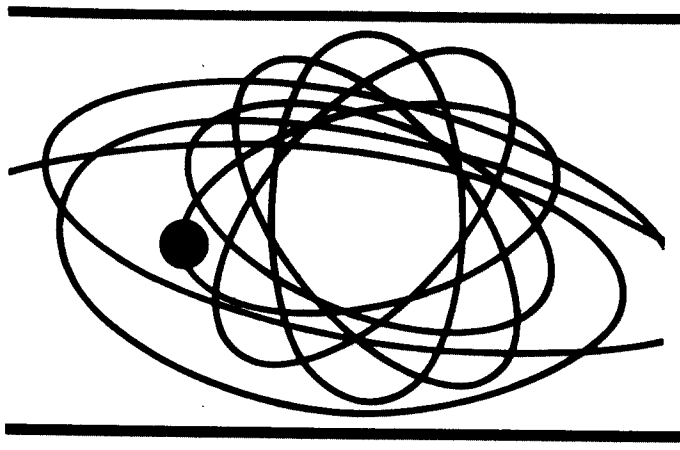
ECONOMISTA

Complexo Industrial dos arredores do Porto procura licenciado em Economia ou em Finanças para chefiar serviços de estudo e projectos mecanográficos.

Deve ter experiência em utilização de sistema de Computadores.

Oferece-se remuneração compatível, cinco dias de trabalho por semana e transportes privativos.

Resposta manuscrita indicando «curriculum vitae» ao Apartado 14 — Vila Nova de Famalicão.



A ENERGIA NA E

Continuação da página um

nas fontes primárias de energia consumida. No declínio de combustíveis sólidos,carvão sobretudo, cuja parte foi trazida de 68 a 32 por cento correspondeu à expansão considerável do mercado petrolífero europeu. A parte relativa do petróleo no consumo total duplicou durante o último decénio: os Dez consumiram em 1970 mais de três vezes mais o petróleo bruto que consumiram em 1960 (cerca de 540 milhões de toneladas contra cerca de 135 milhões de toneladas em 1960).

A parte das outras fontes de energia primária no consumo continua, apesar dos progressos de gás natural, relativamente pouco importante.

A Europa dos Dez satisfaz as suas necessidades, desenvolvendo as suas próprias fontes completadas pelas importações constantemente aumentadas.

A produção de energia da Europa dos Dez foi multiplicada por 2,5 entre 1960 e 1970; ela atingia, neste último ano, o equivalente a 370 milhões de toneladas de petróleo (contra cerca de 153 milhões de toneladas em 1960), ou seja, pouco mais ou menos, quatro vezes menos do que a dos Estados Unidos. A produção da CEE alargada assenta ainda hoje principalmente, apesar do seu declínio, no carvão. Com a lenhite, representava em 1970 mais de dois terços da «euro-calorias». A produção de gás natural, consideràvelmente acrescida com as descobertas feitas na Holanda, deveria ainda aumentar muito quando as reservas de gás em vias de ser inventariadas no Mar do Norte puderam ser sistemàticamente exploradas. Nesta expectativa, a energia gasosa entrava ainda em 1970 em menos de 18 por cento na produção total da Europa dos Dez. A maior parte dos lugares hidráulicos considerados como rentáveis já explorados, a produção de energia hidroeléctrica atinge o máximo há já vários anos. Quanto à energia nuclear, cujo rápido desenvolvimento se esperava em 1960, não representa ainda hoje senão uns míseros 2,5 por cento da produção total.

A incerteza que pesa sobre a importância da futura descoberta de hidrocarbonetos na Europa, torna hipotética previsões sobre a evolução da produção europeia de energia. Em contrapartida, admite-se geralmente que, mesmo que o ritmo do crescimento inflectisse, o consumo continuará a aumentar a uma taxa anual de 6 a 8 por cento, de forma que a dependência energética dos Dez, que se agravou a partir de 1960 (as importações representam em 1970 o equivalente a 58,3 por cento do consumo interno), tem todas as possibilidades de aumentar ainda nos quinze ou vinte próximos anos.

A segurança — mais ainda do que o custo — dos aprovisionamentos de energia, tornou-se, portanto, hoje a maior preocupação dos responsáveis europeus e a base de toda a política comum neste domínio. O forte crescimento, esperado nos anos próximos, das antecipações americanas sobre as existências de petróleo do Próximo Oriente, «reservadas» até agora aos consumidores europeus e japoneses, emprestam a este assunto um carácter ainda mais premente do que no passado.

ITÁLIA: Prioridade para o petróleo

O petróleo cobre 80 por cento das necessidades de energia da Itália, e esta percentagem, que é uma das mais elevadas do mundo, passará a mais de 83 por cento no decurso dos próximos anos. A política da energia na Itália é, portanto, antes de tudo, uma política de aprovisionamento, de refinação e de distribuição do petróleo e dos seus derivados. Todavia, as outras fontes — combustíveis sólidos, gás natural e energia eléctrica — embora a sua parte respectiva deva diminuir, conhecerão uma expansão em valor absoluto e exigirão também programas apropriados.

Para o petróleo, a primeira tirada da sua viagem do produtor ao consumidor é também aquela para a qual as ideias são as mais claras e a política a melhor definida. Pode-se distingui-la no acordo recentemente efectuado entre o Iraque e o ENI, e que prevê o fornecimento de quantidades consideráveis de petróleo bruto em troca de implantações industriais e da entrega de máquinas ou serviços.

O ENI esforça-se por alargar este tipo de acordo aos outros países produtores de petróleo do terceiro mundo e propõe ás companhias nacionais dos outros países da C.E.E., uma política europeia que permitiria dispor, sem intermediários, do petróleo necessário e fornecer à indústria dos países em vias de desenvolvimento entregas úteis

Por MÁRIO SALVATORELLI

para o seu progresso económico. Prossegue-se, assim, a política de Enrico Mattei no quadro novo que a evolução do mundo impõe.

As outras tiradas da «estrada do petróleo» são mais completas. São o transporte, a refinação e a venda aos consumidores. Para o primeiro caso, o problema é evitar tanto a congestão do tráfego graças a portos especializados e a oleodutos, como a poluição dos mares e vias fluviais. Alguns «portos-terminais» bem equipados podiam dar aos italianos e aos milhões de turistas estrangeiros, mares limpos e resolver os problemas de ecologia.

Para as refinarias, a política será reforçar aquelas que estão instaladas em lugares apropriados e construir novas em locais aonde melhor se possa assegurar a protecção do ambiente.

Hoje já é possível e até já foi feito. Cada região deve receber uma parte da oferta proporcionar ao seu próprio pedido na matéria.

A distribuição, levanta também um problema árduo em Itália. As capacidades actuais são largamente superiores ás necessidades, o que arrasta o seguinte paradoxo: há demasiadas estações de serviço, poucos clientes para cada um deles e custos de distribuição elevados. Reduzir, porém, o pessoal e o tempo de venda indisporá o público. A situação comporta outras consequências deploráveis, entre as quais um forte contrabando nas regiões que, como a Lombardia, estão próximas dos países sem horários imperativos de distribuição e aonde os preços são mais baixos. Os custos pesam muito sobre os preços de venda que uma forte fiscalização onerou já muito.

Adoptou-se recentemente uma lei, restringindo a passagem de alvarás para novas estações de serviço, porém, a sua aplicação deixa muito a desejar. Algumas regiões pronunciaram-se pelo bloqueio das licenças.

No que diz respeito à energia eléctrica, a ENEL, que fornece mais de 80 por cento de electricidade à Itália, também ela conhece problemas de localização. Duvida-se que as centrais térmicas não poluam o ambiente, e se não se chega a repartir a carga deste problema de forma equitativa entre as regiões, a Itália corre o risco de ter de racionar a electricidade.

Por outro lado, o país conhece também o problema dos produtores de corrente eléctrica para seu uso próprio. Estes tropeçam com diversas dificuldades por parte da ENEL, que tem a tendência para transformar a nacionalização — medida conciliável com as normas do Mercado Comum — num monopólio contrário aos princípios da Comunidade Europeia.

Para a energia nuclear, o plano de desenvolvimento é muito ambicioso e os problemas técnicos e financeiros que ele levanta, implicam acordos e uma colaboração de nível europeu.

Em matéria de programação, está-se em vias de ultrapassar, em Itália, a fase da rivalidade entre os ministérios do orçamento e da programação económica. Este define actualmente uma política energética, tendo principalmente em conta os laços entre o petróleo e a indústria química, refinarias e portos, produção de energia e arranjo do território.

FRANÇA: diversificação insuficiente

A política energética da França é-lhe ditada pela recordação da enfermidade económica que lhe valeu, relativamente à Grã - Bertanha e à Alemanha, a sua pobreza em carvão durante o século XIX. No dia seguinte à Primeira Guerra Mundial, o Estado francês quis apanhar com o petróleo a ocasião de levantar a sua desvantagem. Reincidiu, após a última guerra, a propósito da energia nuclear. Os dirigentes francos estão bem conscientes de que a sua política de intervenção activa no domínio da energia, quer se trate de segurança dos aprovisionamentos (o défice francês passou de 48 para 65 por cento entre 1960 e 1970 e atingirá 80 por cento em 1980), ou da política do mercado interno (duplicou depois de 1960), é cada vez mais difícil de levar à escala nacional. Mas recusa uma política energética europeia que não reflectiria à escala dos Dez ideias postas em prática em França desde há longa data.

Ao cabo de decénios, o Estado acrescentou os meios regulamentares e os organismos adaptados a cada fonte de energia que são os instrumentos da sua política de independência energética. O quase monopólio da produção, assim como a distribuição do carvão, do gás e da electricidade, de origem convencional ou não, pertence aos estabelecimentos públicos.

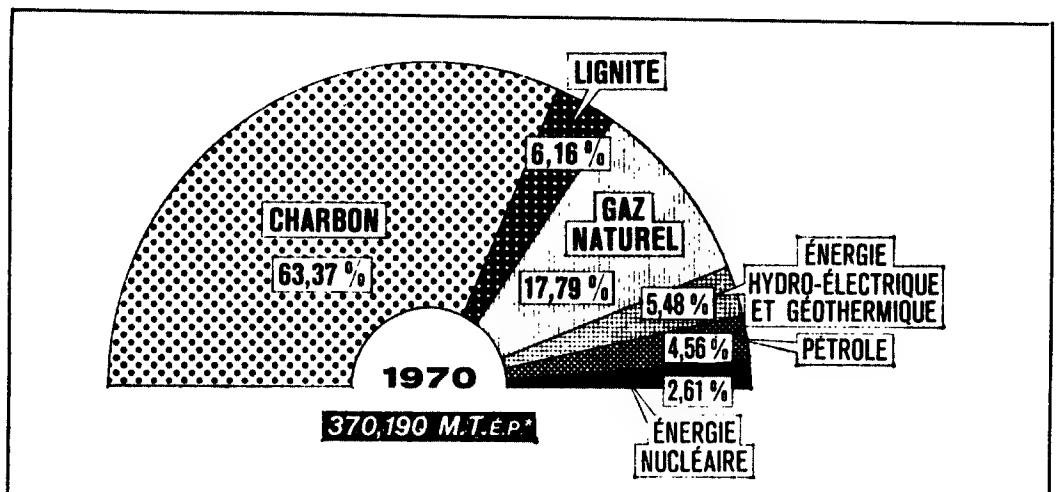
No sector do petróleo, o Estado, pelas leis de 1928, delegou o seu monopólio de importação às companhias cujo estatuto difere e instituiu contingentes de refinação e de distribuição tendentes a reservar às sociedades francesas metade do mercado nacional. O Estado consentiu que este sector,

Por ALAIN MURCIER

aquele que ele menos controlava, devido à existência de poderosos «pólos de decisão» externos, desenvolve-se de maneira fulminante: triplicou em dez anos. Havia toda a vantagem, considerava-se em Paris, em forçar a expansão da energia líquida moderna, acomodatícia, grande fornecedora de impostos fiscais e de tal forma barata que podia contribuir fortemente para confortar a competitividade sempre precária da indústria francesa. Por outro lado, o êxito da exploração petrolífera no Sahará convenceu, em anos decisivos, que a segurança do aprovisionamento do país em petróleo poderia ser larga e duràvelmente assegurado.

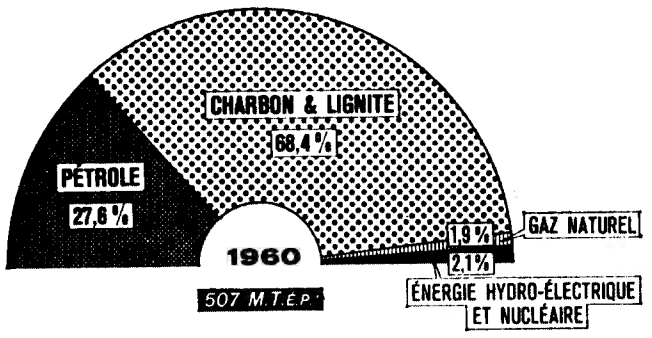
Esta esperança desvaneceu-se com a obrigação de aceitar a independência da Argélia. É nesta mesma altura que deve ser constatado o malogro parcial dos enormes esforços desenvolvidos depois da libertação para garantir ao país o domínio da energia nuclear, destinada a relegar o petróleo. Se uma importante «carteira» de jazigos de urânio foi constituída para aquém e para além fronteiras, o filão nacional das centrais grafite - gás teve de ser abandonado, aguardando que pudessem ser jogadas as novas cartas dos super - regeneradores.

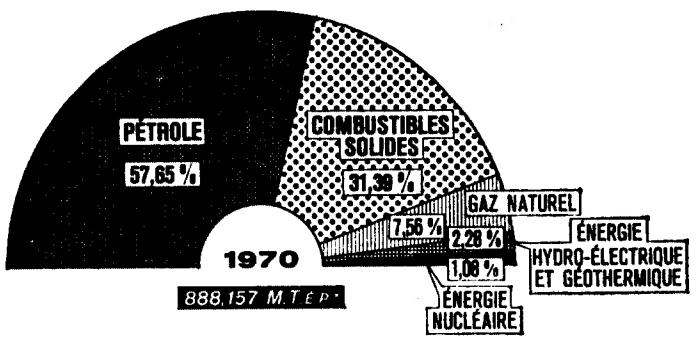
Como, por outro lado, o Gaz de France, não soube concluir bem, na devida altura, contratos de importação vantajosos de gás natural, a França está



PRODUÇÃO DOS DEZ: DOIS TERÇOS DE COMBUSTÍVEIS SÓLIDOS

EUROPA





CONSUMO DE PETRÓLEO DOS DEZ: DUPLICOU EM DEZ ANOS

atrasada, tanto, tanto para a utilização da energia nuclear como da energia gasosa. A diversificação das suas fontes técnicas de energia é inferior àquilo que poderia ser; foi dado ao petróleo um lugar desmesurado, cujas fontes, desta vez geográficas, de aprovisionamento se concentram cada vez mais na zona arábico-pérsica.

Hoje, com a ajuda da psicose antipoluição, medem-se em Paris os incovenientes deste embaraço imoderado para o petróleo. Esforçando-se sempre por melhorar a segurança do seu aprovisionamento pela exploração do domínio mineiro, muito importante, o desenvolvimento da frota de navios-cisternas sob pavilhão francês e o aumento das capacidades de armazenamento na própria França, emprega-se a fundo em matéria de equipamento atómico e anuncia-se o **slogan**: tudo eléctrico a partir de tudo atómico.

O êxito de um tal empreendimento excede cada vez mais os meios políticos, financeiros, tecnológicos, industriais puramente nacionais e toda a questão é saber se é do lado da Europa ou do lado dos Estados Unidos que serão encontrados os meios para atingir os objectivos fixados.

REINO UNIDO: Uma base frágil

Por MAURICE CORINA

Desorganizando o conjunto das indústrias britânicas, a recente greve dos mineiros, que afectou todas as minas de carvão, ao escalão nacional, recordou ao país de uma forma eficaz — mas muito onerosa — sobre que base frágil assenta o seu aprovisionamento de energia.

Os planificadores de Whitehall dela tiraram por conclusão que lhes era preciso proceder a uma nova revisão da política energética do Reino Unido. Não porque os mineiros tivessem mostrado — como efectivamente fizeram — a que ponto a produção de electricidade está dependente da extracção doméstica de carvão, mas porque os dirigentes dos organismos nacionais fornecedores de energia, que se queixam de ter sido obrigados a recorrer numa grande parte aos combustíveis sólidos, tiveram, com os cortes de corrente, uma bela ocasião para fazer valer a sua tese.

As centrais britânicas queimam mais carvão do que fariam se as suas direcções pudessem optar quanto ao seu combustível. De princípio, quando de uma revisão anterior sobre as necessidades de energia, fora decidido, com vista a atenuar os efeitos de um abaixamento substancial de extracção carbonífera, que seria mantido um equilíbrio apropriado na utilização respectiva do carvão e do mazute. Porém, depois da época em que esta estratégia foi abandonada — no princípio da década de 60 — os factores que comandavam, então, esta política nacional de energia evoluíram: por um lado, inseria-se no quadro de uma superabundância mundial de petróleo; por outro lado, graças ao desenvolvimento das centrais de energia nuclear no Mar do Norte, a Grã-Bertanha dispõe agora de uma economia a quatro carburantes.

A dificuldade, para Whitehall, é que, no estado actual, toda a avaliação dos recursos do Mar do Norte e da contribuição futura da energia nuclear (que até agora não atingiu os objectivos previstos) é fantasista. Também, enquanto se espera, é preciso assegurar-se de que a produção dependente do **National Coal Board** seja mantida a um nível econòmicamente realista e ter em conta as perspectivas das importações petrolíferas — preço e possibilidades de aprovisionamento — que mostram a necessidade, se se quiser responder às exigências do consumo, de instaurar um equilíbrio um pouco diferente no emprego dos diversos carburantes.

As questões que se levantam são variadas e contraditórias. Se as vantagens resultantes do preço continuam a diminuir, não virá a Inglaterra a lamentar ter feito retrogradar a sua indústria carbonífera? Poderá assegurar mais facilidades à sua produção de electricidade, convertendo maciçamente as estações geradoras, doravante alimentadas por dois carburantes, até mesmo por três? Será preciso aguardar descobertas mais importantes no Mar do Norte, e, na afirmativa, o preço do transporte do combustível para terra firme será bastante baixo? O programa relativo à energia nuclear pode ser sensivelmente acelerado?

No momento actual, a energia consumida na Grã-Bertanha é fornecida em 46 por cento pelo petróleo importado, e em 43 por cento pela produção nacional de carvão, não contando o gás natural e a electricidade nuclear senão com 8 e 3 por cento respectivamente. Além disso, a rápida exploração dos recursos do Mar do Norte e o aplainamento dos obstáculos que travam o desenvolvimento da energia nuclear, são os objectivos que se impõem necessàriamente quanto ao futuro.

Supondo que a produção carbonífera seja mantida no seu nível actual de 140 milhões de toneladas anuais, poderia ser possível, diminuindo as importações de petróleo, fazer face a uma procura global de energia que aumentaria, daqui até 1980, de 100 milhões de TEC, passando de 330 milhões de TEC a 430 milhões de TEC. Mas, para isso, era preciso que a produção de gás natural do Mar do Norte, que foi de 24 milhões de TEC em 1971, fosse elevada para 70 milhões de TEC, que a do petróleo **offshore** — hoje inexistente — atingisse 80 milhões de TEC, e que a energia nuclear e hidro-eléctrica **offshore**, que atinge 12 milhões de TEC, produzisse 40.

O nacionalismo económico que faz das suas no Próximo Oriente e a penúria de petróleo barato que se seguirá a longo prazo reclamam um abrandamento menos pronunciado da extracção carbonífera, uma maior facilidade dos sistemas de combustão nas centrais geradoras (de modo que possam reagir ràpidamente às circunstâncias) e uma aceleração do desenvolvimento da energia nuclear. Os responsáveis pela política energética estão desde já de acordo sobre estes imperativos.

ALEMANHA FEDERAL: Mais dirigismo

Por HANS BAUMANN

A política energética da República Federal Alemã obedece, depois da guerra, à teoria do «deixa fazer - deixa andar». Remete-se à responsabilidade de empresário, ao jogo das forças do mercado. No entanto, e cada vez mais, os responsáveis deixam-se conquistar pela ideia de uma economia um pouco mais dirigida.

E assim que o Estado, pelo expediente de uma lei sobre o carvão que ele próprio havia elaborado, recebeu o encargo das minas do Ruhr. Novos auxílios a favor das hulheiras dependem agora do facto que, no seio das comissões especializadas das minas, os poderes públicos estão à altura de olhar pela manutenção das subvenções, e que a gestão das empresas está submetida ao seu controlo atento. Ali, onde ainda recentemente era preciso abriri um caminho, à força de perspicácia e habilidade, através da selva de mercados àsperamente disputados, instalam-se cada vez mais os tecnocratas que dirigem administrativamente a sua tarefa.

Não seria preciso explicar de outra maneira as razões pelas quais hoje, em Bona, se vê aparecer «**documentos de trabalho**» segundo os quais é necessário renovar a lei sobre a energia, que data de 1935. Estes documentos «**zonas**» no que diz respeito ao fornecimento de corrente eléctrica, assim como o controlo público dos investimentos. O chefe da central sindical alemã (D.G.B.), Heins-Oskar Vetter, diz ousadamente o que ninguém, no meio oficial de Bona, ousa ainda sugerir: a energia deve ser estatizada na Europa.

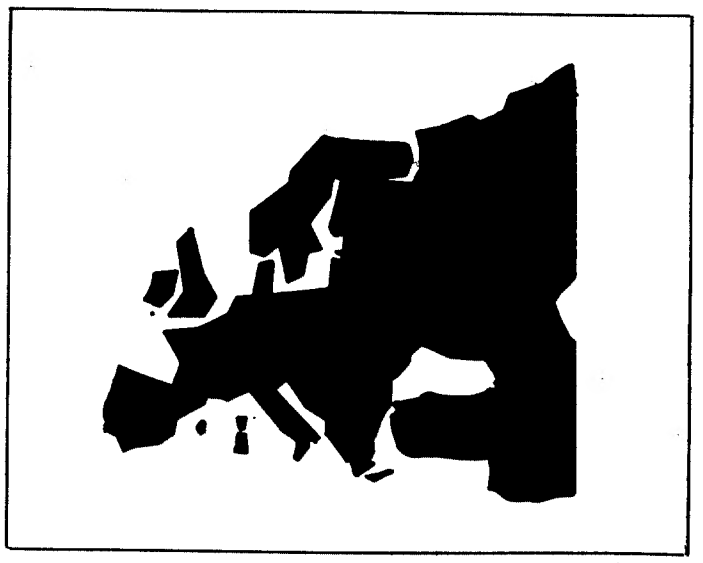
Para evitar que se chegue a isso, os especialistas da energia dirigem-se de tempos a tempos a Bona e certificam-se oficialmente que o livre empreendimento é e continua a ser o motor da economia da Alemanha Ocidental e que a política energética aí está incluída.

O princípio fundamental da política energética de Bona é de uma perfeita simplicidade. No que diz respeito ao carvão, restringe-se progressivamente a sua produção a adapta-se a critérios de política social. Afirma-se, não obstante, que se está determinado a manter as capacidades de extracção para conservar a produção de coque e de electricidade de origem térmica. De 1972 a 1988, a utilização de carvão nas fábricas energéticas, deve ser assistida por 2,25 biliões de marcos de subvenções.

Para a política petrolífera Bona decidiu levar as reservas de bruto de 65 para 90 dias de consumo. Por outro lado, uma «**reserva federal**» de 10 milhões de toneladas deve ser armazenada nas cavernas criadas pela extracção de sal-gema. Negoceia-se agora com o Irão as condições de entrega destas reservas.

Bona encoraja os dirigentes das refinarias a concluir acordos bilaterais com as companhias dos países produtores. Finalmente, Bona aplica-se na tarefa de associar a companhia alemã depetróleo DEMINEX, no seio de um **polo** no Golfo Pérsico, com parceiros franceses e britânicos. Esta concessão deveria permitir obter, nos dez próximos anos, 10 milhões de toneladas de bruto. Bona assegurará ao empreendimento uma caução de mais de um bilião de marcos.

No entanto, a República Federal hesita ainda quanto à sua atitude. Esta decisão tomou, para a política energética de coligação socialista e liberal no poder, o aspecto de um método político sàbiamente elaborado. Assenta numa razão muito simples: em Bona, as caixas estão vazias.



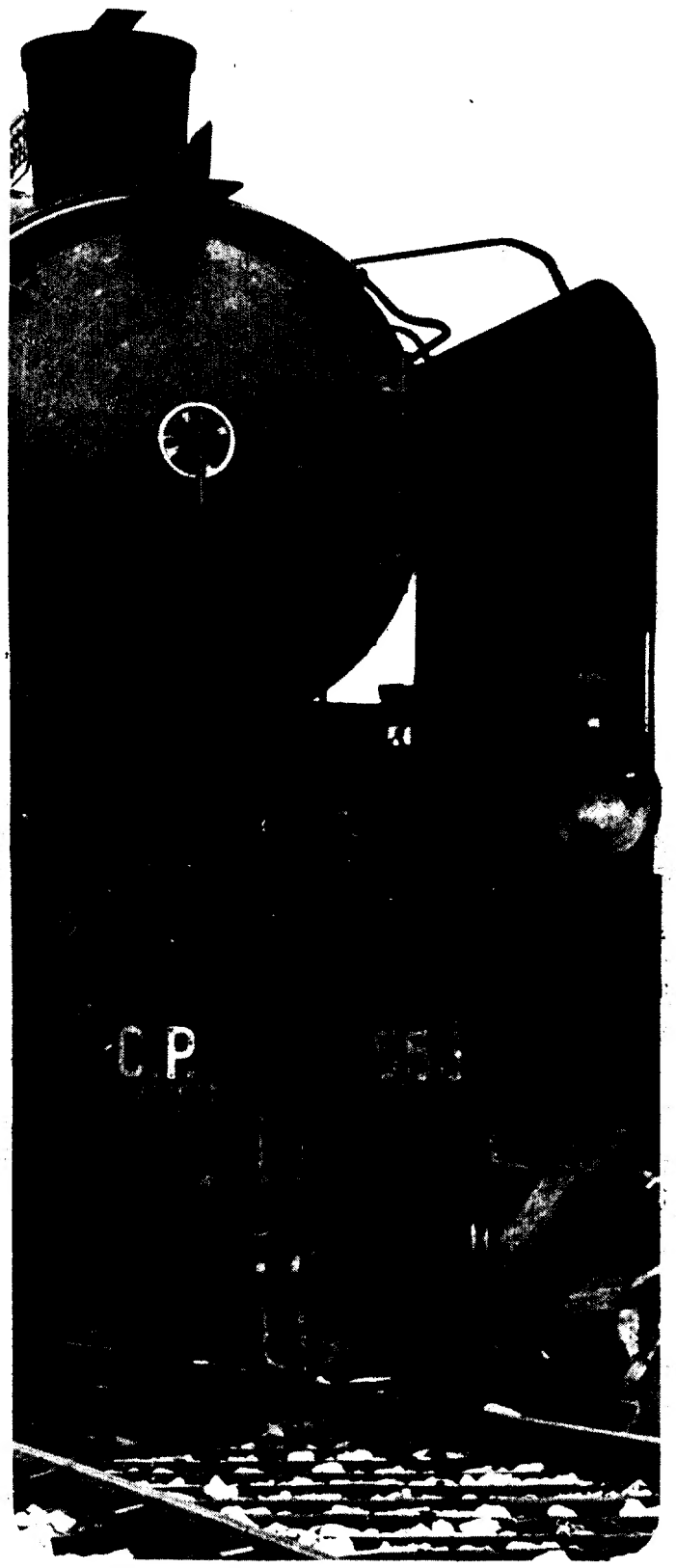
BANCO MUNDIAL

O Banco Mundial concedeu recentemente os seguintes empréstimos à taxa de juro anual de 7 1/4 %.

País	Objectivo	Montante (milhões de dólares)	Prazo (anos)
Brasil	Programa de ampliação da capacidade de produção da empresa USIMINAS	63,0	15,5 (1)
Malásia	Melhoramentos no sector do ensino	15,5	25 (2)
Nigéria	Melhoramentos no sector do ensino	17,3	25 (3)
S. Salvador	Desenvolvimento do sistema de telecomunicações	9,5	20 (4)
Tunísia	Programa de ampliação da Société Tunisienne de l'Electricité et du Gaz	12,0	20 (1)

(1) Incluindo um período de diferimento de 3 anos para início da amortização.
(2) Incluindo um período de diferimento de 4,5 anos para início da amortização.
(3) Incluindo um período de diferimento de 5 anos para início da amortização
(4) Incluindo um período de diferimento de 10 anos para início da amortização.

PORTUGAL, A EUROPA E O ULTRAMAR



No final de Julho último, foi assinado com os Dez do Mercado Comum um acordo que, no dizer do ministro dos Negócios Estrangeiros, «teve em conta os interesses da indústria portuguesa» e sem o qual «nunca mais conseguiríamos uma verdadeira modernização e um progresso são das nossas actividades».

A IMPORTÂNCIA DO ACORDO

Permitimo-nos salientar do discurso do ministro Rui Patrício as seguintes afirmações:

. «Mas chegados a este ponto, impota colocar uma interrogação fundamental. Qual seria a situação resultante e quais as perspectivas futuras se não assinássemos agora este Acordo?

Em 1 de Janeiro de 1973, a Inglaterra, a Noruega e a Dinamarca entrarão no Mercado Comum e abandonarão, por conseguinte, a E. F. T. A. Interessar-nos-á muito certamente manter em relação aos actuais membros daquela organização, a Suécia, a Suíça, a Austria, a Finlandia e a Islandia, o quadro de relações correspondente à estrutura e funcionamento da Associação Europeia de Comércio Livre. Aliás o interesse comum de todos estes países aconselha uma política de preservação, porventura com algumas adaptações agora em estudo, do seu livre comércio recíproco. E não podemos esquecer que aqueles países serão, depois do Mercado Comum alargado, o segundo mais importante mercado para as nossas exportações.

Mas os países aderentes ao Mercado Comum constituem o grosso dos nossos mercados actuais da E. F. T. A. Sem o acordo agora celebrado, a barreira da Pauta Aduaneira Comum passaria a erguer-se, a partir daquela data, para a totalidade das nossas exportações a eles destinadas. As consequências seriam simplesmente desastrosas.»

E mais adiante:

Mas não teríamos soluções alternativas para obter mercados para as nossas exportações metropolitanas?

Diz-se, por vezes, que as deveríamos procurar, por um lado, dentro do espaço económico português e, por outro, em outros continentes.

Devemos continuar com persistência a alargar o mercado interno português, e desenvolver as trocas interterritoriais que assentem em verdadeiras complementaridades e que se traduzam em vantagens reais para todos os territórios nacionais. A este respeito, vencidas dificuldades transitórias, os fluxos de comércio interterritorial português devem retomar novo vigor e consistência saudável.

Mas, em qualquer circunstâncias e sobretudo na fase actual de desenvolvimento económico de cada um dos nossos territórios, a expansão das nossas produções industriais e agrícolas tem de apoiar-se também em mercados externos.

Quanto às possibilidades de mercados alternativos em outros continentes, bastará atentar nos numeros que exprimem as origens e destinos dos fluxos de comércio internacional de Portugal europeu. É evidente a posição de grande dependência da Metrópole em relação aos mercados da Europa Ocidental.

Em conjunto, os países da Comunidade alargada absorveram, em 1971, 58 por cento das exportações metropolitanas, enquanto a sua parcela das nossas importações não ficou longe desse valor — 56 por cento.

Se se tiver ainda em conta que os mercados da mini-E. F. T. A. representaram, nesse mesmo ano, 14 por cento das nossas exportações e que houve ainda pequenas contribuições de outros países da Europa Ocidental, reconhecer-se-á que esta absorveu três quartos das exportações metropolitanas para o estrangeiro e encaminhou 73 por cento das nossas importações

Seria lógico admitir que pudessemos encontrar em medida suficiente, noutras partes do mundo, soluções alternativas para as ligações económicas que hoje mantemos com a Europa e que nos preparamos para desenvolver ainda mais. Sem deixar de reconhecer grande interesse num estreitamento e desenvolvimento de relações comerciais com o maior número possível de países e sem prejuizo de tudo se dever fazer com esse objectivo a estrutura actual do nosso comércio externo insere-nos inelutàvelmente na Europa.

E certamente que tal se virá a verificar também no futuro até porque as trocas entre países desenvolvidos têm vindo a representar uma parcela cada vez maior do volume total de comércio internacional.

Não parece muito difícil definir, em poucas palavras, o que seria, na hipótese do nosso isolamento económico da Europa, o futuro da economia portuguesa. Assistiríamos a um declánio drástico das nossas exportações. Por outro lado, como teríamos de continuar a importar as matérias-primas e os bens de equipamento de que as nossas industrias necessitam, os bens alimentares indispensáveis a colmatar as insuficiências da nossa produção e os bens de consumo duradouro de que os portugueses já não prescindem, o «deficit» da nossa balança comercial agravar-se-ia de forma catastrófica. A sua redução só se conseguiria com diminuição do nosso crescimento económico e redução dos nossos consumos a níveis incomportáveis.

Também um retorno ao proteccionismo significaria menor concorrência e menor estímulo ao progresso económico.

Em suma, um panorama de estagnação ou de retrocesso que o povo português não poderia aceitar e tinha o direito de exigir que o seu Governo procurasse a todo o custo evitar, como o fez.»

. Esta necessidade de caminhar para a Europa levanta algumas objecções, certamente.

O ULTRAMAR E O FUTURO

«Jornal Português de Economia e Finanças», por exemplo, no seu último número, correspondente à primeira quinzena de Agosto, afirmava: Sem dúvida pertencemos à Europa; fora de questão é nossa vontade viver dentro do clima cultural e económico europeu. Mas daí a admitir o sacrifício, ainda que apenas parcial, de uma realidade histórica, que essa sim, representa uma vocação nacional cujas raízes mergulham no alvorecer da dinastia de Aviz, vai uma diferença que não pode ser colmatada por palavras.

As manifestações de regozijo e de aplauso ao último discurso do senhor Presidente do Conselho sucederam-se, por todo o País. Espontânea e entusiàsticamente. Foi a vontade do povo, o verdadeiro sentir de Portugal, que se manifestou nesses actos públicos de apoio à reafirmação de uma política que sempre foi a política de toda a Nação.

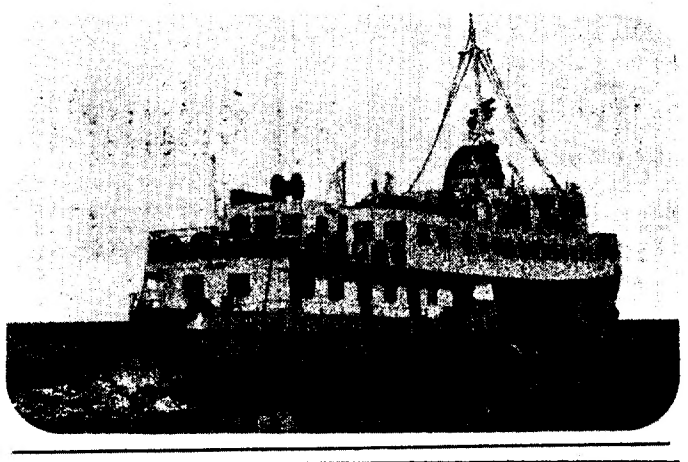
Num momento em que se começavam a desenhar inquietações e em que se sentia a desorientação da dúvida, o senhor Presidente do Conselho pronunciou as palavras que o País queria e esperava ouvir: a reafirmação da decisão de ficar em África.

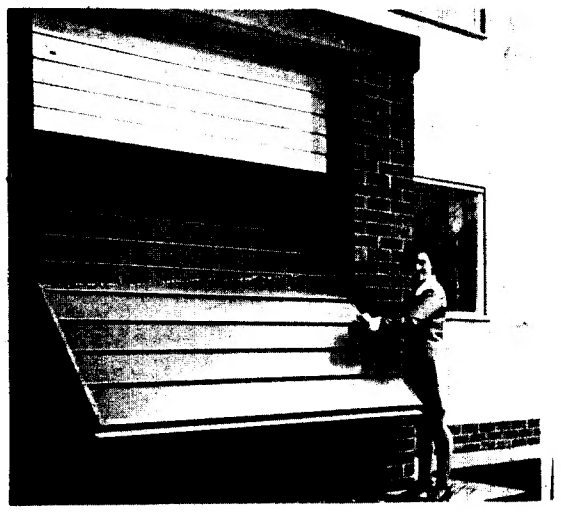
Estas manifestações de apoio verificar-se-iam se o teor do último discurso do senhor Presidente do Conselho fosse de sentido contrário? Não seria honesto admitir, sequer em hipótese, assim que pudesse ser. Os «europeus», podem encontrar-se às dezenas nos corredores dos ministérios, a subir e a descer as escadas de S. Bento ou em certos grupos dominados por ideologias que, na expressão feliz de Mollet, se situam não a esquerda mas a Leste. Mas no País real, entre aqueles que não têm carreiras nem interesses a defender, que não aspiram a lugares políticos nem são instrumentos de políticas estrangeiras, não é fácil encontrar quem se sinta europeu. Para Portugal o futuro não é a dependência da Europa, a sub-regedoria espanhola, é o Ultramar.

O acordo com o Mercado Comum era necessário. Mas uma vez feito, e defendidos como o puderam ser, os interesses de certos sectores económicos, não parece aconselhável que se insista no que é menos verdadeiro — a nossa vocação europeia — e no que é utópico — as vantagens que o nosso País pode colher de facto de estar ligado a um mercado de 250 milhões de habitantes.

Se se trata apenas de grandes números, como os cauteleiros nas vésperas de andar a roda apregoam, ùnicamente para impressionar, porque não nos ligamos à China, que tem um mercado de 1000 milhões de habitantes?»

. Poderão os argumentos, neste caso ironizantes, ser transformados em posição de defender?





BOLTON

PORTAS BASCULANTES PARA GARAGEM

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

EXTERNATO ANA SULLIVAN

(EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS INADAPTADAS E COM DIFICULDADES)

Av. da Boavista, 3770 — Telef. 684772 — PORTO

Matrículas até 10 de Setembro (dias útcis)

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.930$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

PROPRIEDADES

PRÉDIOS — ANDARES MORADIAS ou QUINTAS

DE QUALQUER PREÇO EM LISBOA OU ARREDORES

COMPRAM-SE

TRATA

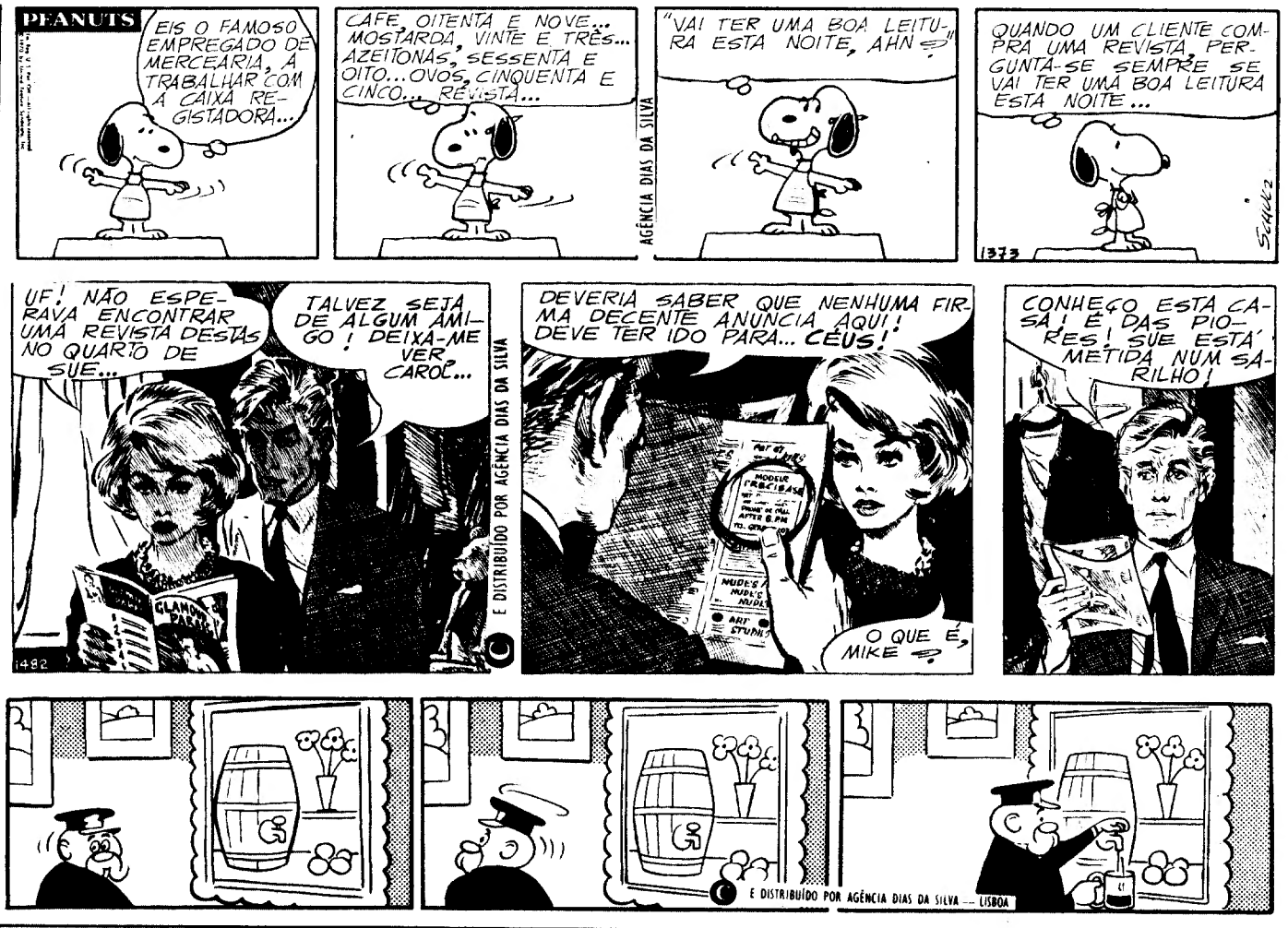
CASA LAIRES

RUA DA PRATA, 291, 2.º, Dt.º — LISBOA

Telefs. 325487 - 370618

DAYAN E ROCKEFELER "ANTIQUÁRIOS"

Moshe Dayan, ministro da Defesa de Israel (à esquerda) acompanha o governador Nelson Rockefeller numa volta pelos antiquários de Tel Aviv.



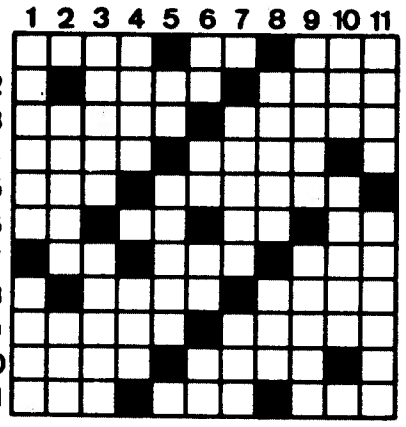
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10166

HORIZONTAIS:

1 Mil e trezentos em romano Pata. Novecentos e um em romano.
2 Cantor da época primitiva entre os Gregos. Aquele que.
3 Saliente. Homem forte, valentão (Bras).
4 Ilha do mar Egeu, uma das Espórades. Superfície plana delimitada.
5 Anel. Gostaria muito de.
6 Pronome reflexo. Prasiodímio (s.q). Pedra de moinho. Abreviatura de Santíssimo.
7 Samário (s.q). Panela (ant). Tritura.
8 Faixa. Sacerdote de Baal e conselhiero de Atalia.
9 Jornal ou salário de operário.severidade.
10 Apre! Freguesia do conselho e distrito da Guarda.
11 Origam. Cabelos brancos. Catedrais



VERTICAIS:

1 Pessoas importunas. Igual.
2 Serra de Portugal. Época.
3 Cidade do Egipto. Falece.
4 Antes da ocasião própria. Braço de mar.
5 Compaixão. Armadilha para pássaros.
6 Polónio (s.q). Antes do meio dia. Nota musical. Tempo do verbo ir.
7 Acção teatral. Rente.
8 Ambicioso. Um milhar.
9 Sarai. Feiticeiras.
10 Variedade de azeitona. Peixe do género siluro.
11 Íntimos. Fecharas as asas para descer mais depressa.

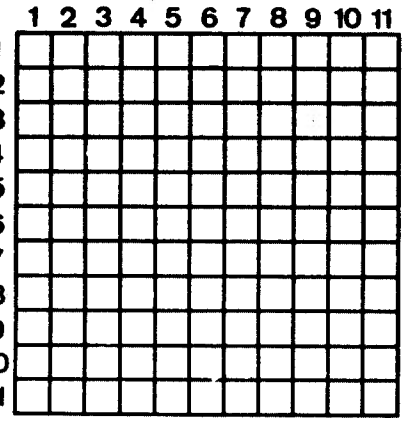
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6322

HORIZONTAIS:

1 O mesmo que larápio (Prov. minh). Moeda de prata na Pérsia.
2 Afio. Serra do estado da Baía (Bras).
3 Troças. Consentimento.
4 Ilustrado (Fig). Árvore indiana de cuja casca é empregada como adstringente.
5 Satélite de Júpiter. Colocar. O sono das crianças.
6 Nota musical. Laranja (Gir). Em a.
7 Cingir. Restos de vela.
8 Gosta muito de. Rezo.
9 Ruge. Aversão (pop).
10 Desaba. Cidade de França. Apelido.
11 Vasilha com asas (Porv). Deuses familiares e protectores do lar doméstico, entre os Romanos e os Etruscos.



VERTICAIS:

1 Desfiladeiro dos Alpes Dolomíticos que liga o vale de Livinallongo com o vale de Ampezzo. Espécie de rola em Timor.
2 Amónio (s.q). Ligar. Chefe etíope.
3 Cidade de Portugal. Antigo país da Ásia Menor, no litoral do Arquipélago.
4 O mesmo que iliense. Freguesia do concelho de Barcelos.
5 Pedras de moinho. Um dos estados do Brasil. Gálio (s.q).
6 Sofrimento. Nota musical.
7 Pelos de certos animais. Opulento. Plural.
8 Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Macaco americano.
9 O mesmo que romano. Roer (Fig).
10 Caminhar. Numeral ordinal. Um dos compartimentos do curral-de-peixe (Bras)
11 Em mais alto grau. Tostais.

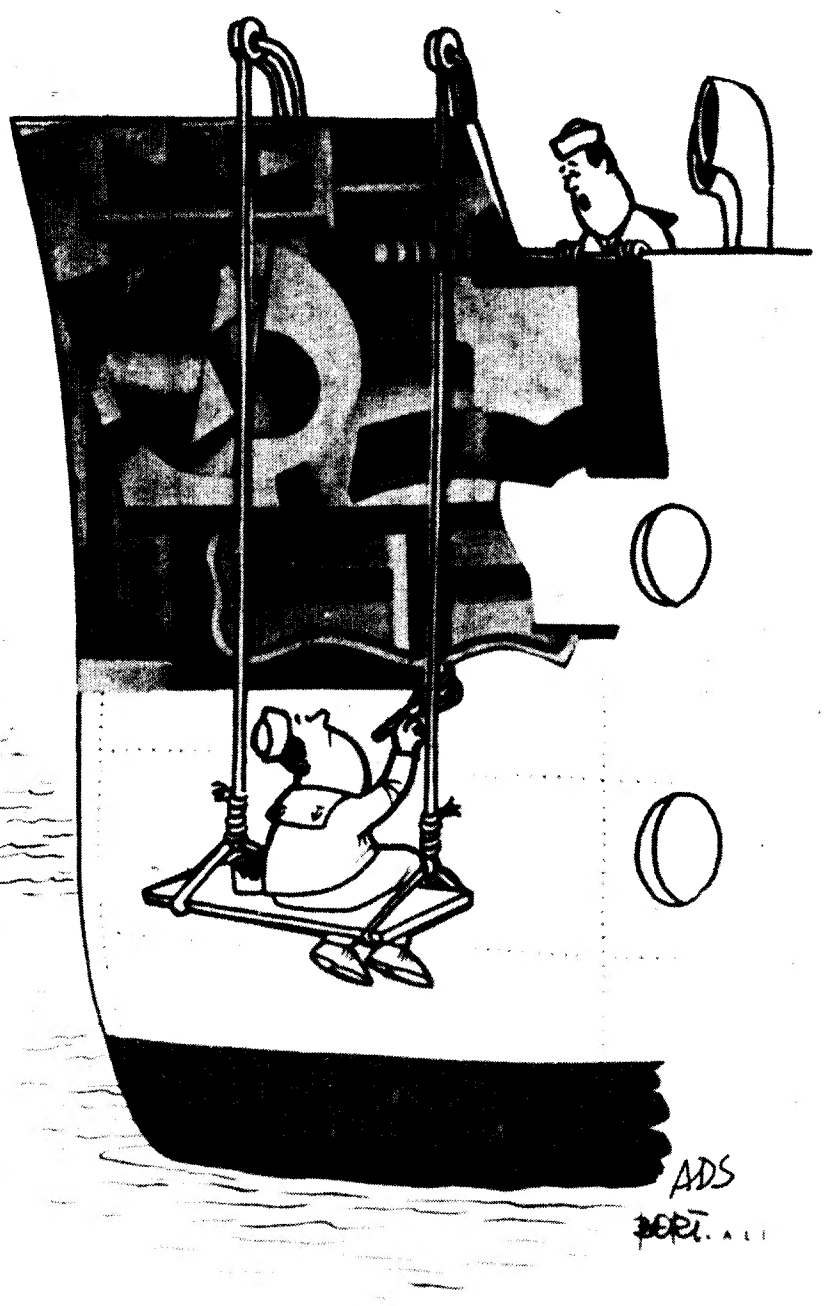
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10165

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Descobriram.	1 Dor. Pecador.
2 Óleo. QUEM.	2 Elas. Arei.
3 Ração. An. Pr.	3 Secar. Er. CL.
4 Sarda. NÃO	4 Coaras. NÃO.
5 Raiva. Art.	5 Ódios. Ais.
6 Eq. Soera. Aã.	6 Qb. Aveia.
7 CRÊ. Siara	7 Rua. Arara.
8 Aer. Araçá.	8 Ien. Aramar.
9 Dl. Na. Amora.	9 Rm. Na. Acolá.
10 Cais. Além.	10 Para. Arem.
11 Rolos. Gama.	11 Marotas. AMA.

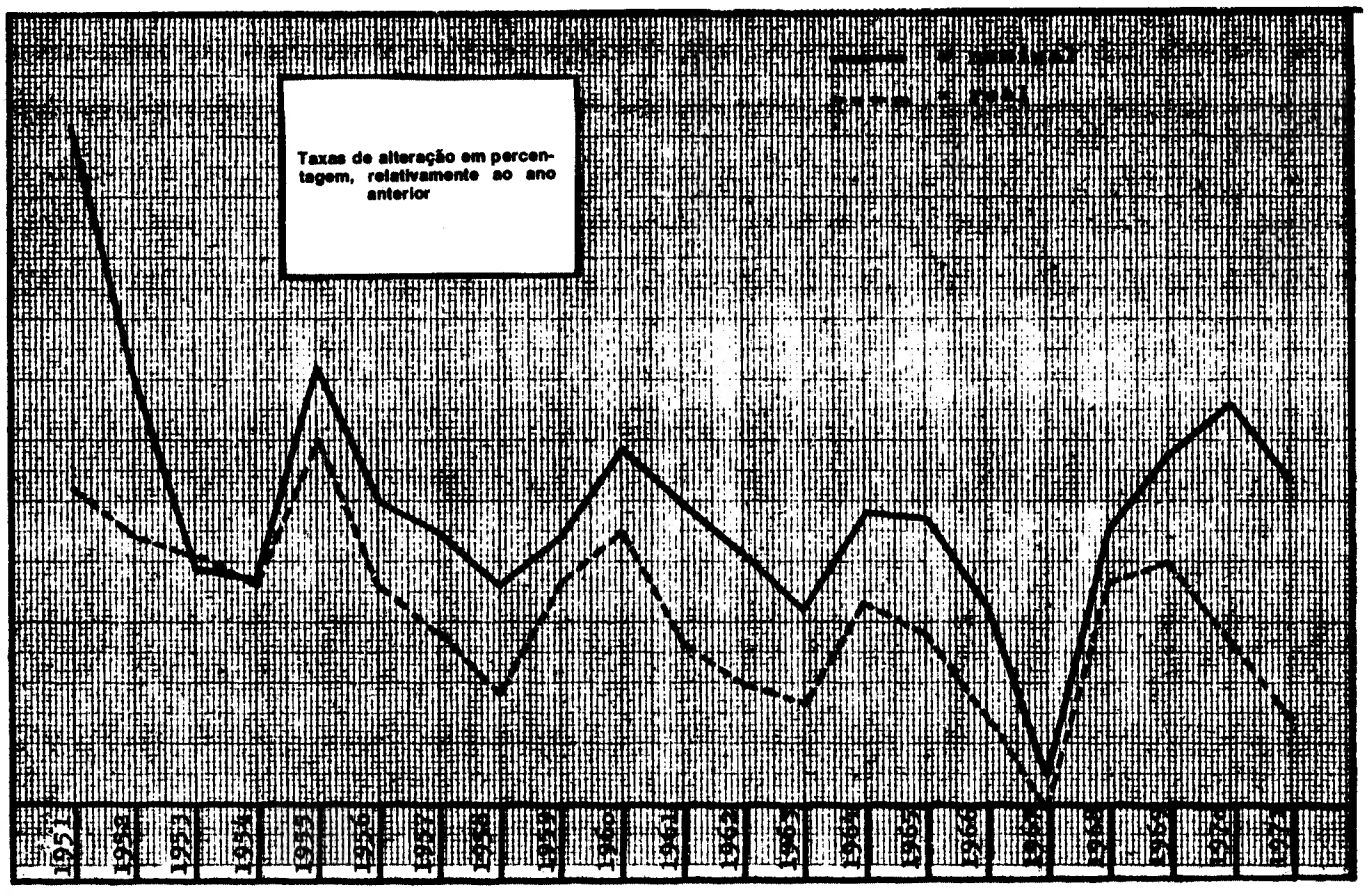
Provérbio: QUEM NÃO CRÊ NÃO AMA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6321

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Cabáços.	1 Cacia. Sódio.
2 AC. Tirar. Cá.	2 Colmo. Sari.
3 Corra. Sacar.	3 Riano. Mas.
4 Ílio. Oiro.	4 Atro. Diabo.
5 Ama. Pia. Agá.	5 Biá. Peara.
6 Onde. Vivo.	6 Ar. Ni. Fé.
7 Oiã. Ina.	6 Cãs. Aviso.
8 Os. Arosa. AR.	8 Orão. Inata.
9 Camba. Otava.	9 Ciava. Afã.
10 Irão. Afim.	10 Cargo. Avia.
11 Ois. Pés. AAA.	11 Garoa. Grama.



— O comandante diz que aprecia muito o teu talento mas que quer o navio de uma só cor.



EVOLUÇÃO DO PRODUTO SOCIAL BRUTO NA RFA

"SIM", SEM HESITAÇÃO

UMA REVIRAVOLTA NA HISTÓRIA EUROPEIA

De há quinze dias para cá que o referendum sobre a adesão da Grã-Bretanha ao Mercado Comum, se tem resumido principalmente a um debate de política interna, como se se tratasse de um assunto que envolvesse apenas os Franceses. Mas o voto do próximo domingo engloba uma decisão de política europeia. O povo francês é chamado a pronunciar-se sobre a adesão do Reino Unido, da Dinamarca, da Irlanda e da Noruega. É a única pergunta que nos farão. No que me diz respeito, estou disposto a pronunciar o meu «SIM» sem hesitações.

Sempre considerei a participação da Inglaterra, como uma necessidade para a edificação da Europa. Agora, está assinado o tratado que une a Inglaterra aos Seis da Europa Ocidental. A Grã-Bretanha aceitou os princípios em que assenta a Comunidade Económica Europeia. Aceitou as suas instituições actuais. Vai entrar no Mercado Comum com os mesmos direitos e com as mesmas obrigações dos Seis.

A sua contribuição será importante. A nossa Comunidade europeia tornar-se-á de importância mundial. A Grã-Bretanha contribuirá não só com a sua força, mas também com a sua compreensão, a sua prática da democracia e ainda a sua experiência dos assuntos de ordem mundial. A sua contribuição será moral, política e democrática e não ùnicamente material.

Eis-nos neste momento muito perto da edificação de uma base nova que regulará o futuro do continente europeu.

O projecto da lei de ratificação enviado aos eleitores, é acompanhado de uma declaração do Presidente da República, não sendo esta declaração sujeita a votação.

Pela minha parte, estou de acordo com as linhas gerais desta declaração e em particular com os objectivos referentes a uma união económica e financeira. Penso, no entanto, que a forma final a dar à Europa, deveria ser a de uma federação e não a de uma confederação. Seja qual for o resultado e quaisquer que sejam as convicções de uns e de outros, a forma final a assumir pela união europeia, resultará de decisões tomadas não só pela França, mas também pela totalidade dos outros países, membros da Comunidade.

O acordo político entre os países da Comunidade, terá que resultar das suas discussões primeiramente «no cume» e dia após dia, no seio das instituições comunitárias.

É nisso precisamente que reside uma das virtudes da união europeia. Ninguém impõe a sua lei. A lei será o resultado de deliberações conjuntas e da necessidade em que se encontrarão os países da Europa, de agir num sistema de cooperação tendente à resolução dos seus problemas. No debate relativo a uma federação ou confederação, o problema real será o de saber se ultrapassaremos uma simples cooperação entre Estados, que permita a cada governo acções pessoais. O sentido verdadeiro das instituições reside em se tornarem um instrumento de união e de acção.

Não é a primeira vez na História que vários Estados decidem livremente formar uma união económica e política. Os Estados separados da América formaram a Federação dos Estados Unidos e os cantões separados da Suíça constituíram a Confederação Helvética.

Em cada caso e por diferentes que possam ser as circunstâncias em que se processa esta união, uma certeza se impõe: estes estados e estes cantões só se conseguiram unir, mediante uma organização comum, com regras comuns e instituições comuns em que delegaram os poderes reais necessários para a resolução de questões relativamente às quais, decidiram actuar de comum acordo. Ao delegarem os seus poderes, em domínios bem definidos, às instituições comunitárias, estes estados e cantões mantiveram a sua personalidade.

Levados pela necessidade, os países da Comunidade, entraram por seu turno e à sua maneira no caminho da união económica e política.

A solução dos nossos problemas, só poderá advir das discussões e decisões entre os membros da Comunidade europeia e não de decisões puramente nacionais. Ao votar «sim», voto pela continuação da procura de soluções novas e eficazes que sòzinhos, nunca poderemos encontrar.

A acção enganosa de votar «não», ou de abstenção, não constitui um acto de política interna ou contra o Presidente da República, mas um acto contra a Europa.

A adesão da Grã Bretanha ao Mercado Comum, constitui uma reviravolta na história europeia. Franceses, Alemães, Ingleses, Italianos, e cidadãos dos países da Benelux, vão finalmente e depois de terem permanecido em oposição e divididos durante tanto tempo, dedicar-se a um mesmo objectivo: a transformação pacífica do nosso continente.

JEAN MONNET

(DES) ECONOMIAS

Recebemos de um nosso leitor a seguinte carta:

Exm.º Senhor Director do «Diário de Lisboa»

Acabo de ler na página oito do suplemento do «Lisboa» de hoje uma pequena nótula sob a rubrica «DES»ECONOMIAS.

Gostaria de dar um pequeno contributo para uma secção do v/ jornal de qual, sem dúvida, algo de útil poderá vir a benefício de todos nós.

Os absurdos a que nos vamos sujeitando no nosso dia-a-dia tendem, na verdade, a ultrapassar vertiginosamente as raias do suportável.

Aí vai, pois, um caso pessoal e recente. Dia 1 de Maio: 19 horas da manhã; saí de casa para o emprego, como sempre. Atrás de minha casa há um parque de estacionamento que, por enquanto, vai sendo uma salvação, para quem, como eu, viva na Av. João XXI, lá para os lados da praça do Areeiro.

Pois bem: a semana ia começar mal, logo aí; mais uma vez, alguém destroçara o meu estimado utilitário, durante a noite. Entre 1500$00 a 2000$00 foi a verba orçada rápidamente pelos especialistas da oficina onde normalmente levo o meu carro.

Para manobra de simples estacionamento, dentro de um parque, senhores, é obra, na verdade...

A frequência de casos deste tipo e mais do que tudo a falta de consideração sucessivamente manifestada pelos agressores, levaram-me até à esquadra da polícia da área, a fim de participar o sucedido.

Não que tivesse qualquer esperança de ver as instituições reagir em defesa dos meus direitos e da minha bolsa. (Algumas experiências anteriores deixaram-me completamente elucidado a este respeito; e, no fundo, admito, até que, em circunstâncias particulares, seria de mais uma protecção específica para com o meu caso concreto...) Mas era a única forma de lançar o grito de prpotesto que me ia na alma; tive pois que fazer queixa à Polícia. Aliás, o registo de mais um caso teria sempre a função útil de fazer avolumar o mar que, não obstante enorme, ao que suponho, ainda não transbordou ao ponto de o problema ser devidamente encarado pelas autoridades cuja missão e razão de existência reside na protecção da liberdade pessoal do cidadão, entendida na sua mais ampla projecção moral e económica.

Posto isto, vejamos o que pode acontecer a quem queira entregar às Instituições competentes a resolução dos seus problemas pessoais.

Com certo espanto meu, o encarregado de receber a participação tomou-a através de ligeiros apontamentos num impresso oficial, embora. A única parte verdadeiramente solene do acto aconteceu, apenas, quando perante grande espanto da minha parte, me foi oferecida uma guia em troca da minha carta de condução.

Do ponto de vista da Polícia não havia qualquer problema. Era só dar um salto a St.ª Marta no dia seguinte e ficava tudo resolvido.

Com a polícia não se discute; é princípio velho e sábio. Ainda pensei que, sendo o dia 1 de Maio, a minha presença na esquadra, por mais tempo, fosse incómoda e se tornasse mais prático transferir para os Serviços burocráticos de Santa Marta a elaboração dos autos de participação em devida forma.

Começava a ser desastroso, todavia, ter que cortar a meio, pelo menos, mais uma tarde de trabalho. É sempre bom não esquecer que quem trabalha tem compromissos profissionais assumidos cuja falta de cumprimento não pode deixar de se traduzir numa lesão maior ou menor ainda que moral, apenas, por vezes.

A situação, todavia estava criada; eu não posso conduzir sem carta de condução; a guia de substituição durava 24 h, o caminho, no dia seguinte, seria inevitàvelmente St.ª Marta.

E quando lá cheguei, senhores, o espanto foi tamanho que me venceu definitivamente: um funcionário da P.S.P. veio-me entregar amàvelmente a minha carta de condução, sorrindo e dizendo-me que não era nada, que me podia ir embora.

E agora? Não, não vou começar a gritar aos automobilistas que passam nas ruas da cidade que venham bater no meu carro, que eu juro que não vou dizer à Polícia. Mas gostava de saber sob que lei, regulamento ou princípio filosófico de «DES»ECONOMIA me obrigaram a perder meia tarde de trabalho Lá isso gostava, sr. Director.

. Com a entrada em funcionamento da rede de energia eléctrica do cais n.º 5, fica a dispor o porto de 350 m de caisl entre fundos de (-9,5m a -10,5 m ZH), devidamente providos de tomadas de energia, água e combustíveis; a aquisição de dois novos guindastes, já encomendados, bem como de diverso equipamento complementar, vêm no sentido de progressivo melhoramento do porto para, com devida antecipação, se preparar para responder às solicitações que o demandem.

Durante o 2.º Trimestre de 1972, movimentaram-se 334 035,5 Ton. de mercadorias e entraram no porto 366 naviso incluindo um batelão rebocado.

Em comparação com igual período do ano de 1971, movimentaram-se mais de 16 736,6 Ton. de mercadorias e netraram no porto mais de 46 navios.